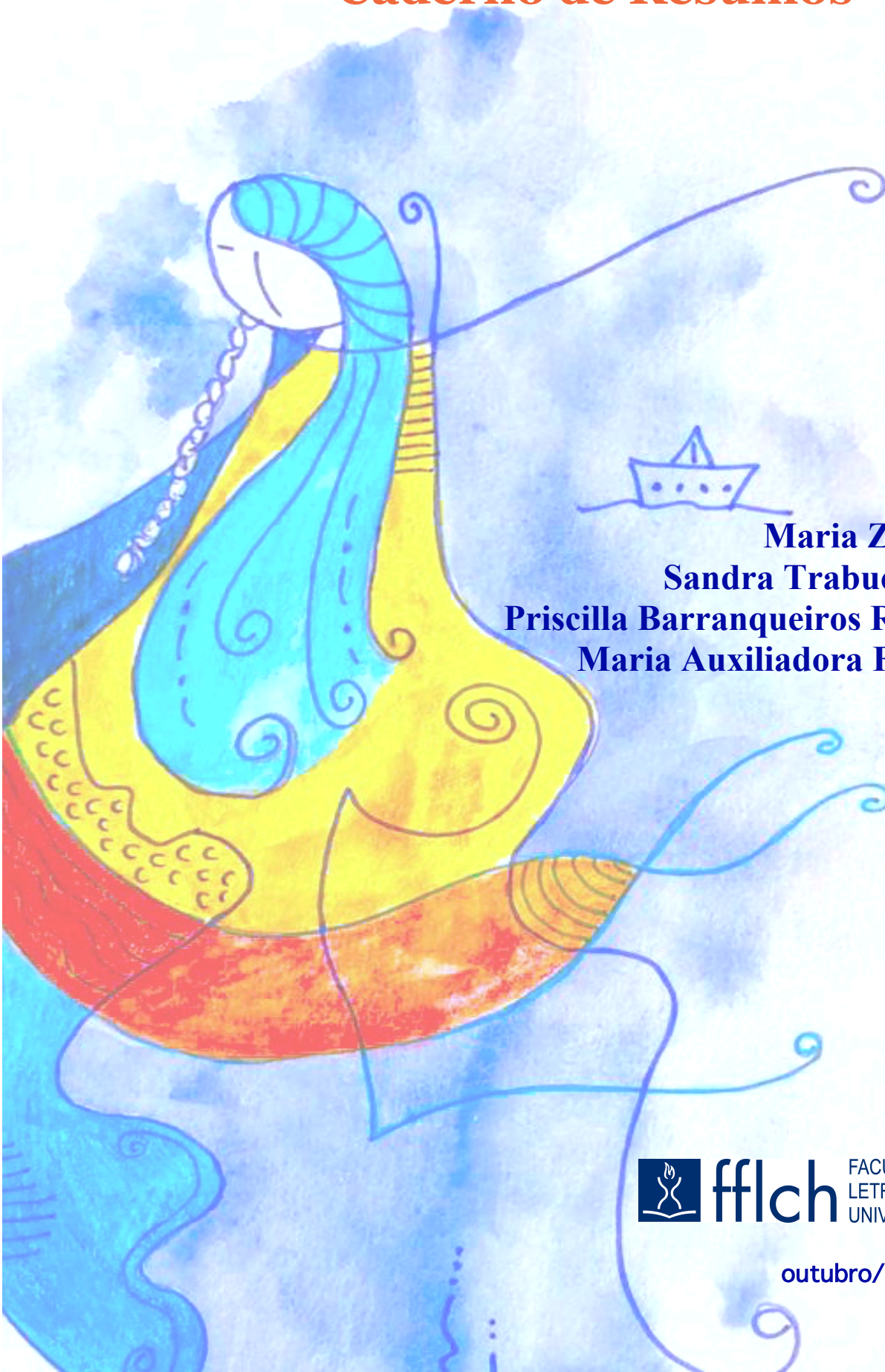


VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens

Caderno de Resumos



**Maria Zilda da Cunha
Sandra Trabucco Valenzuela
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini
Maria Auxiliadora Fontana Baseio
(Orgs.)**



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

outubro/novembro de 2021

VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens. Caderno de Resumos.
Outubro/novembro de 2021.

Organizadoras: Maria Zilda da Cunha, Sandra Trabucco Valenzuela,
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini, Maria Auxiliadora Fontana Baseio

Projeto Gráfico e diagramação: Sandra Trabucco Valenzuela

Pré-projeto: Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini

Revisão: Adriana Araldo, Dayse Oliveira Barbosa, Kellen da Silva Nascimento,
Luciane Bonace, Sandra Trabucco Valenzuela

Ilustração: Priscila Barranqueiros Ramos Nannini

Supervisão geral: Maria Zilda da Cunha

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

E56 Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (6. , 2021 : São Paulo, SP).
Caderno de resumos [recurso eletrônico] : VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens, outubro/novembro 2021 / Organizadores: Maria Zilda da Cunha ... [et al.]. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2021.
7.323 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-7506-404-7

1. Literatura infantojuvenil (Congressos). 2. Ficção. 3. Linguagem. 4. Memória. 5. Narrativa. I. Cunha, Maria Zilda da. II. Valenzuela, Sandra Trabucco. III. Nannini, Priscilla Barranqueiros Ramos. IV. Baseio, Maria Auxiliadora Fontana. V. Título. VI. I Simpósio Internacional "Autoria e Imaginário: António Lobo Antunes". VII. II Jornada do GPPLCCJ "Reflexões contemporâneas sobre autoria e imaginário na Literatura para Crianças e Jovens".

CDD 028.5

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens

Caderno de Resumos

**I Simpósio Internacional “Autoria e Imaginário:
António Lobo Antunes”**

**II Jornada do GPPLCCJ
“Reflexões contemporâneas sobre autoria e
imaginário na Literatura para
Crianças e Jovens”**

**Maria Zilda da Cunha
Sandra Trabucco Valenzuela
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini
Maria Auxiliadora Fontana Baseio
(Orgs.)**



2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Vahan Agopyan

Vice-reitor: Antonio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Paulo Martins

Vice-diretora: Ana Paula Torres Megiani

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: Manoel Mourivaldo Santiago Almeida Vice-Chefe: Adma Fadul Muhana

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: Emerson Inácio

Vice-coordenador: Paulo Motta

COORDENAÇÃO GERAL

Maria Zilda da Cunha

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

Maria Zilda da Cunha

Maria Auxiliadora Fontana Baseio

Sérgio Paulo Guimarães de Sousa

Euclides Lins de Oliveira Neto

COMISSÃO CIENTÍFICA

Angela Balça | Universidade de Évora

Diógenes Buenos Aires | Universidade Estadual do Piauí

Eliane Debus | Universidade Federal de Santa Catarina

José Jorge Letria | Associação dos Escritores Portugueses

José Nicolau Gregorin Filho | Universidade de São Paulo

Pedro Serra | Universidade de Salamanca

Rosângela Sarteschi | Universidade de São Paulo

Sérgio Paulo Guimarães Sousa | Universidade do Minho

Ricardo Iannace | FATEC/Universidade de São Paulo

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros

COMISSÃO EXECUTIVA

Adriana Araldo

Dayse Oliveira Barbosa

Joana Marques Ribeiro

Kellen da Silva Nascimento

Lígia R. Máximo Cavalari Menna

Luciana de Paula

Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini

Regina Célia Ruiz

Sandra Trabucco Valenzuela

Valquíria Alcântara

**VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens**



Devaneio,
por Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini

©Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (GPPLCCJ)



Apoio:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PROBLEMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: ESTUDOS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO	9
I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO: ANTÓNIO LOBO ANTUNES”	10
II JORNADA DO GPPLCCJ “REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”	11
1 PROGRAMAÇÃO GERAL	12
1.1 I Simpósio Internacional “Autoria e Imaginário: António Lobo Antunes”	12
1.2 II Jornada do Grupo de Pesquisa “Reflexões Contemporâneas sobre Autoria e Imaginário na Literatura para Crianças e Jovens”	13
2 CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO EVENTO: “AUTORIA E IMAGINÁRIO”, PROF^a DRA. LUCIA SANTAELLA	23
3 CONFERÊNCIAS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO: ANTÓNIO LOBO ANTUNES”	24
3.1 Conferência: “O nome das coisas em António Lobo Antunes: Objetos, fetiches e outros simulacros”, Prof. Dr. Vincenzo Russo.....	24
3.2 Conferência: “António Lobo Antunes e a Imortalidade Literária”, Prof. Dr. André Corrêa de Sá	25
3.3 Conferência: “Trauma e Memória em Lobo Antunes”, Prof. Dr. Sérgio Paulo Guimarães de Sousa.....	26
3.4 Conferência: “O Autor como Testemunha”, Prof. Dr. Jaime José B. Costa.....	27
4 MESA-REDONDA: CARTAS DA GUERRA, DE LOBO ANTUNES	28
5 COMUNICAÇÕES DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO: ANTÓNIO LOBO ANTUNES”	29
5.1 A história como paródia: A revisitação da era das conquistas por António Lobo Antunes.....	29
5.2 A subjetividade e crítica: entrelaçamentos possíveis das narrativas infinitas sobre a guerra	30
5.3 Intimidade de silêncios nos escritos de Lobo Antunes	31
5.4 O “Era Uma Vez...” De António Lobo Antunes: Instância Autoral no Imaginário de <i>A História Do Hidroavião</i>	32
5.5 <i>As Naus</i> de António Lobo Antunes: um pensar sobre os fantasmas e anti-heróis.....	33
5.6 Gritos mudos em aflições silenciosas: uma leitura do trauma em exortação aos crocodilos e da natureza dos deuses, de António Lobo Antunes	34

5.7 Figurações distópicas e o escritor como objeto de si na literatura de língua portuguesa	35
6 CONFERÊNCIAS DA II JORNADA DO GPPLCCJ “REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”	37
6.1 “O que é um Autor?”, Prof. Dr. Roger Chartier	37
6.2 “O Sofrimento da Imagem”, Ilustrador e escritor Odilon Moraes	38
7 COMUNICAÇÕES DA II JORNADA DO GPPLCCJ “REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”	39
7.1 GT 1: O conto de fadas e o maravilhoso literário: questões autorais.....	39
7.2 GT 2: Múltiplos olhares para a literatura infantil e juvenil africana de língua portuguesa	53
7.3 GT 3: Literatura infantil e juvenil e artes visuais.....	57
7.4 GT 4: Livros para infâncias no século XXI: materialidades e autorias	70
7.5 GT 5: Infâncias em situações limite: literatura, educação e humanização	94
7.6 GT 6: As narrativas nas artes do palco: dança, teatro e literatura infantil e juvenil.	111
7.7 GT 7: Imaginário contemporâneo e produções literárias e culturais para crianças e jovens.....	116
8 MESAS-REDONDAS	130
MESA 1: PALAVRA E IMAGEM: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	130
MESA 2: AS MUITAS FACES E IDADES DO HORROR.....	130
MESA 3: CONTOS DE FADAS E QUESTÕES AUTORAIS	130
MESA 4: LITERATURA E SUAS MATERIALIDADES	131
MESA 5: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: LINGUAGENS DO IMAGINÁRIO	131
MESA 6: LITERATURA, HUMANIZAÇÃO E EXTREMO: MOVIMENTOS DE RESGATE E SOBREVIVÊNCIA.....	131
MESA 7: EXPRESSÕES DO FEMININO: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E AUDIOVISUAIS	132
MESA 8: AS NARRATIVAS NO PALCO: O TEATRO E A DANÇA	132
MESA 9: LITERATURAS AFRICANAS PARA CRIANÇAS E JOVENS DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA	132
9 ENCERRAMENTO E PEÇA TEATRAL.....	133
10 VÍDEO DO GRUPO DE PESQUISA PRODUÇÕES CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS 2021.....	135

**APRESENTAÇÃO
PROBLEMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS:
ESTUDOS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO**

O **VI ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA PRODUÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS** tem por objetivo constituir um espaço de reflexão, reunindo pesquisadores brasileiros e estrangeiros envolvidos em questões sobre a produção literária em geral e, nomeadamente, para crianças e jovens que, além de visarem a discussões sobre a formação do leitor literário, colocam em pauta estudos de literatura em seu diálogo com o imaginário.

Busca-se empreender reflexão crítica sobre como a produção artística se acomoda na realidade contemporânea, em que as artes estabelecem potentes diálogos entre si e com outras formas do saber, criando interfaces de linguagens, inter-relação entre saberes, vínculos com materialidades diversas e interações entre diferentes faces dos processos produtivos, os quais não se isolam, inclusive, dos dispositivos digitais que empreendem uma nova dimensão performativa. Fato que engendra relações novas entre arte, criação e técnica, em que os artistas enfrentam não só desafios ao explorar os limites dos suportes e suas materialidades, bem como os dos processos interativos autorais de criação. Esse contexto tem demandado investimento crítico, e, inevitavelmente, abarca reflexões no âmbito dos estudos sobre imaginário e a noção de autor.

Convirá acrescentar o fato de que, se a problemática que envolve a noção de autor tem movido boa porção da teoria do literário do último século, reformulando o seu lugar e demonstrando como a noção de autor traz decisivas implicações nos conceitos de obra e em modelos de leitura, a notável ficcionalização da figura do autor, no interior da obra por ele realizada, vem trazendo questões novas aos processos construtivos da narrativa.

**I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO:
ANTÓNIO LOBO ANTUNES”**

O autor como entidade ou, se se preferir, como categoria literária, é há tempo objeto de reflexão da crítica. Isso se deve, entre outras razões, à complexidade daquele que Roland Barthes chama de *écrivain*, o sujeito que tanto herda um conhecimento normativo – chegam-lhe técnicas de composição e gêneros textuais –, quanto expressa um talento graças ao qual engendra sua retórica, plasmando a estilística que transgride regulamentos e reverbera originalidade. No seio dessa dialética, difícil não virem à baila taxonomias como as de “autor implícito” ou “autor implicado”, discutidas por Gérard Genette, quando então recebem releituras certas intrigas cuja voz autoral, numa rede discursiva, fricciona-se menos ou mais em narradores e personagens. Afinal, assinaturas ganham encenação, decalcam experiências e atestam repertórios.

Os procedimentos que agenciam a escritura, é o caso do simulacro e demais disfarces da ordem de projeção do *écrivain*, deixam vaziar marcas do presente e do passado, isto é, as vivências ou mesmo as cicatrizes desse literato em trabalho de enunciação, na medida em que sonho e labor se intercambiam e manifestam tensa constelação de saberes. Michel Foucault, em ensaio *O que é um autor?*, diz com propriedade que, independentemente de o leitor se reportar ao escritor evocando seu nome ou seu prenome, essa denominação “permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si”.

Com efeito, a força da obra de António Lobo Antunes muito justifica o lugar honroso que ele ocupa, sobretudo, nas literaturas de língua portuguesa contemporâneas. Qualidade e dimensão estéticas, reconhecidas mediante inúmeros prêmios obtidos, como o Prêmio Camões e o Prêmio Juan Rulfo, reclamam constantes revisitas à sua ficção, de modo a reencontrar, nessa densa matéria, episódios e flagrantes da vida desse autor português, reelaborados, metaforicamente, em estruturação memorialística de cósmica latitude. Portanto, este simpósio intitulado “Autoria e imaginário: António Lobo Antunes” homenageia o *écrivain* cujo constructo encapsula a História de uma nação e compreende o ser em situação de conflito universal – daí sua poética de testemunho, de compleição mítica e de alcance catártico.

II JORNADA DO GPPLCCJ
“REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO
NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”

Nesta edição, o evento privilegiará reflexões no âmbito da autoria e do imaginário, na dimensão artístico-literária das produções para crianças e jovens, observando a progressiva movência que esses conceitos percorrem em diferentes épocas e culturas.

Perscruta-se o objeto livro que se organiza em viés de múltiplas linguagens, abrem-se perspectivas de análises de filmes, games, HQ, em diálogo com o literário, em suma, todas as demais artes que, em seus diferentes campos de conhecimento, se debruçam sobre a arte poética. Esse contexto, inevitavelmente, inserido na cibercultura, provoca novos critérios de criação, criatividade e obra potencializados muitas vezes por características próprias das ferramentas digitais que engendram a dinâmica da sociedade contemporânea. Aspectos que, seguramente, têm demandado investimento crítico nos estudos sobre a produção literária e cultural para crianças e jovens e que abarcam noções referentes à figura do autor e questões relacionadas à autoria e ao imaginário.

Se tais reflexões têm dinamizado parte expressiva da teoria literária, no último século, demonstrando como a noção de autor traz decisivas implicações nos conceitos de obra e em modelos de leitura, a ficcionalização da figura do autor, no interior da obra por ele realizada, notadamente, vem trazendo questões novas aos processos construtivos da narrativa.

Assim, mesmo que as questões referentes à autoria, possam estar relacionadas a antigas discussões, continuam atuais e relevantes para os estudiosos da área e ganham feições novas nas dinâmicas dos processos artísticos atuais.

Nesse sentido, referenciamos Buescu (1998), que aponta não ser possível pensar em formas de recepção sem considerar suas instâncias de produção, que são historicamente formuladas, ou seja, faz-se necessário assumir a posição de que um texto artístico não é “autogerado”; pelo contrário, ele parte de sujeitos empíricos que se inserem em um determinado sistema cultural, social e político. Nas palavras da autora, *“repensar o autor é dar conta da sua existência simbólica num quadro de sujeitos empíricos que, às vezes assim não pareça, coexistem num mundo: só essa coexistência sustenta uma comunidade que nos integra e nos ultrapassa integrando nomeadamente todos os outros, passados, presentes, futuros ou imaginários, que não somos: com quem somos.”* (BUESCU, 1998, p. 77).

1 PROGRAMAÇÃO GERAL

1.1 I Simpósio Internacional “Autoria e Imaginário: António Lobo Antunes”

20 de outubro de 2021

16h | Conferência: “Autoria e Imaginário”

Profa. Dra. Lucia Santaella

(Profa. Titular em Comunicação e Semiótica e Coord. da pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP; Titular da Cátedra Oscar Sala – Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo.)

Link: youtu.be/JCv95qXCDto

21 de outubro de 2021

10h | Conferência: O nome das coisas em António Lobo Antunes: Objetos fetiches e outros simulacros

Prof. Dr. Vincenzo Russo (Cátedra António Lobo Antunes – Università Degli Studi Di Milano / Camões – Itália)

Link: youtu.be/OKgj48TLfms

14h | Conferência: António Lobo Antunes e a Imortalidade Literária

Prof. Dr. André Corrêa de Sá (University of California – Santa Bárbara – EUA)

Link: youtu.be/NRYMECOIjKM

16h | Conferência: Trauma e Memória em Lobo Antunes

Prof. Dr. Sérgio Paulo Guimarães de Sousa (Universidade do Minho – Braga – Portugal)

Link: youtu.be/MdkyP7pp4gs

22 de outubro de 2021

10h às 12h | Sessão de comunicações: Apresentação de pesquisas sobre António Lobo Antunes

Link: youtu.be/2q3FAwMCGBs

14h | Conferência: O Autor como Testemunha

Prof. Dr. Jaime Costa (Universidade do Minho – Portugal)

Link: youtu.be/U-WY3omqTUs

16h às 18h | Mesa-redonda: Cartas de guerra

Link: youtu.be/QOomm95Gowg

1.2 II Jornada do Grupo de Pesquisa “Reflexões Contemporâneas sobre Autoria e Imaginário na Literatura para Crianças e Jovens”

Conferências

10 de novembro de 2021

10h | Conferência: “O que é um autor ?”

Prof. Dr. Roger Chartier

Mediação: Paulo César Ribeiro Filho

12 de novembro de 2021

Conferência: “O sofrimento da imagem”

Ilustrador e autor Odilon de Moraes

Mediação: Regina Célia Ruiz

Mesas-Redondas

Mesa 1 : “Palavra e Imagem: a Arte de Contar Histórias”

Coordenação: Kellen da Silva Nascimento, Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini ; Regina Célia Ruiz

Palestra: Pela porta do coração

Palestrante: Regina Rennó

Mesa 2 : “As Muitas Faces e Idades do Horror”

Coordenação: Maria de Lourdes Guimarães, Oscar Nestarez, Valquíria Pereira Alcantara

Palestra: O insólito e o medo na construção das ausências no curta-metragem Vinil Verde, de Kleber Mendonça Filho

Palestrante: Maria de Lourdes Guimarães

Palestra: O arretado golpe de horror: oralidade e performance em Maldito Sertão, de Márcio Benjamin

Palestrante: Oscar Nestarez

Palestra: William e Mary: a troca de lugar entre vítima e algoz em um conto de Roald Dahl

Palestrante: Valquíria Pereira Alcantara

Mesa 3 “Contos de Fadas e Questões Autorais

Paulo César Ribeiro Filho, Cristina Casagrande, Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Palestra: Autoria, tradução e refração: as diversas facetas da subcriação de estórias

Palestrante: Cristina Casagrande.

Palestra: Hans Christian Andersen em prefácios: suas notas para “Contos de fadas e histórias ligeiras”

Palestrante: Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Mesa 4 : “Literatura e suas Materialidades”.

Coordenação: Juliana Pádua Silva Medeiros, Nathalia Xavier Thomaz, Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Palestra: Linguagens gráficas narrativas: pontes entre o livro ilustrado e as histórias em quadrinhos

Palestrante: Luara Almeida

Palestra: Texto literário de infância e o leitor infantil

Palestrante: Maria José Gordo Palo

Mesa 5 “Literatura Infantil e Juvenil: Linguagens do Imaginário”.

Coordenação: Maria Auxiliadora Fontana Baseio, Maria Zilda da Cunha

Palestra: O imaginário natalino em produções para crianças e jovens: o caso do Papai Noel

Palestrante: Bruno Anselmi Matangrano

Palestra: O imaginário natalino em produções para crianças e jovens: o caso do Quebra-Nozes

Palestrante: Luciane Alves dos Santos

Mesa 6 “Literatura, Humanização e o Extremo: Movimentos de Resgate e Sobrevivência”.

Coordenação: Joana Marques Ribeiro, Luciana de Paula, Luciane Bonace

Palestra: Infâncias em situação-limite e (trans)formação do leitor literário: diálogos entre Jorge Amado e Conceição Evaristo na sala de aula

Palestrante: Joana Marques Ribeiro

Palestra: Sobrevivi? Uma leitura do mangá Hiroshima: a cidade da calmaria

Palestrante: Luciana de Paula .

Palestra: Resignificações contemporâneas do Holocausto no conto A fortaleza sem muros

Palestrante: Luciane Bonace

Mesa 7 : “Expressões do Feminino: diálogo entre Literatura e Audiovisuais”.

Coordenação: Dayse Oliveira Barbosa, Goimar Dantas, Sandra Trabucco Valenzuela

Palestra: Palavras e contornos de Sherazade nas adaptações para o público infantil e juvenil

Palestrante: Dayse Oliveira Barbosa

Palestra: Infelizes para sempre: uma análise da série Fallen Princesses, de Dina Goldstein

Palestrante: Goimar Dantas

Palestra: A Cuca e seus assombros: uma abordagem do feminino

Palestrante: Sandra Trabucco Valenzuela

Mesa 8 “As Narrativas no Palco: o Teatro e a Dança como Meios de Construção do Imaginário”.

Coordenação: Carolina Xavier e Selma Scuro
Palestra: O teatro e a construção do imaginário
Palestrante: Ana Julia Marko

Palestra: A dança e a construção do imaginário
Palestrante: Esmeralda Gazal

Mesa 9 : “Literaturas Africanas para Crianças e Jovens de Países de Língua Portuguesa”.

Coordenação : Euclides Lins de Oliveira Neto

Palestra: Mundos de ficção e figuração de personagens em A história de João Gala-Gala, de Pedro Pereira Lopes e Chico Antônio, ilustração de Luís Cardoso

Palestrante: Flavio García

Sessão de Comunicações

GT 1 | CONTOS DE FADAS E O MARAVILHOSO LITERÁRIO: QUESTÕES AUTORAIS

Coordenadores: Cristina Casagrande, Lígia Regina Máximo Cavalari Menna e Paulo César Ribeiro Filho

Sessão 1

	Comunicador	Título da comunicação
	Érica Rodrigues Fontes	Lendas folclóricas e a manutenção da cultura japonesa no Brasil
	Francisca Elane Costa e Silva	Autoria como subcriação: um estudo em Lewis e Tolkien
	Pedro Victor Moura Lima	Lá e de volta outra vez: viagem e fantasia em “O Hobbit” de J. R. R. Tolkien
	Solange Peixe Pinheiro de Carvalho	A moral da história nas fábulas escocesas

Sessão 2

	Comunicador	Título da comunicação
	Adriana Falcato Almeida Araldo	Narrativas maravilhosas da contemporaneidade: a voz poética de Marina Colasanti
	Aída Carla da Cunha	A experiência da tradução de <i>A Bela e a Fera</i> de Gabrielle de Villeneuve
	Karen Schuler Regina Michelli	O apagamento das preciosas na autoria canônica dos contos de fadas
	Paulo César Ribeiro Filho	As leituras implicadas de Madame d’Aulnoy

**VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021**

	Susana Ramos Ventura	Questões em torno da proposta de estabelecimento de linha do tempo de contos de fadas de autoria feminina
--	----------------------	---

Sessão 3

	Comunicador	Título da comunicação
	Bianca Leão Bertin Beatriz de Jesus Correa	<i>Alice no País das Maravilhas e Alice Através do Espelho</i> : percursos interpretativos a respeito do folclore inglês e sobre as adaptações cinematográficas
	Bruna Vieira Dorneles	Concepções feministas sobre os contos de fadas da Disney
	Gisele Maria Souza Barachati	A problemática da autoria na reescrita de contos maravilhosos
	Samara Gabriela Leal França	Contar e encantar: o conto de fadas/maravilhoso como articulador do imaginário e da autoria na educação básica

GT 2 | “MÚLTIPLOS OLHARES PARA A LITERATURA AFRICANA PARA CRIANÇAS DE JOVENS”

Coordenadores: Euclides Lins de Oliveira Neto e Avani S. Silva

Sessão 1

	Comunicador	Título da Comunicação
	Euclides Lins de Oliveira Neto	Uma voz negra africana fabulando em Português
	Ana Claudia Servilha Martins	Literatura e Ensino: Perspectivas Decoloniais nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
	Luciana Morais da Silva	Afetos e afetividades em <i>O gato e o escuro</i> , de Mia Couto

GT 3 | LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E ARTES VISUAIS

Coordenadores: Dayse Oliveira Barbosa, Goimar Dantas de Souza, Kellen da Silva Nascimento, Priscilla B. Ramos Nannini, Regina Célia Ruiz e Sandra Trabucco Valenzuela.

Sessão 1

	Comunicador	Título da comunicação
	Clara de Moraes Souza Sofia dos Santos Soares de Azevedo	Heróis conectados: analisando a experiência gamer brasileira na literatura jovem contemporânea
	Janaina do Carmo Lourenço	A criação de personagens para livros infantis como processo de dialogismo e exotopia criativa a partir das considerações bakhtinianas

**VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021**

	Maria Carolina Gonçalves	Inclusão e literatura árabe infantil: o papel da imagem
	Dayse Oliveira Barbosa	A importância da narração de histórias em <i>E Buda desabou de vergonha</i> e <i>A ganha-pão</i>
	Goimar Dantas de Souza	O doce veneno da princesa: a potência de Branca de Neve no conto dos irmãos Grimm e no filme da Disney
	Kellen da Silva Nascimento	Narrativa visual: a composição cromática de <i>O mágico de Oz</i>

Sessão 2

	Comunicador	Título da comunicação
	Flávia Maria Reis de Macedo	Quando a literatura encontra o mordomo do apocalipse no livro para jovens
	Emerson Aparecido dos Santos Bezerra	<i>Os Cavaleiros do Zodíaco</i> e os lugares-comuns do mangá para jovens
	Lucas Corte Alves de Souza Fernando Guimarães Saves	Texto e imagem: a coerência intersemiótica na análise das obras <i>O mar que banha a ilha de Goré</i> (2014) e <i>Abecê da liberdade: a história de Luis Gama</i> (2015)
	Josimara de Oliveira Guerrero Ferreira	Conhecimento sensível, catarse e empatia: uma reflexão sobre a relação do conhecimento duradouro pela emoção, através da literatura infantojuvenil, história em quadrinhos e das artes
	Regina Célia Ruiz	Da mitologia à arte de Beatriz Martín Vidal: as imagens poéticas de <i>A Bela Adormecida</i>
	Sandra Trabucco Valenzuela	<i>Edward Mãos de Tesoura</i> e <i>A Bela e a Fera</i> : relações intertextuais nos contos de fada

GT 4 | LIVROS PARA INFÂNCIAS NO SÉCULO XXI: MATERIALIDADES E AUTORIAS

Coordenadores: Juliana Pádua Silva Medeiros, Patrícia A. Beraldo Romano e Cristiano Camilo Lopes

Sessão 1

	Comunicador	Título da comunicação
	Luara Teixeira de Almeida Diana Navas	O <i>flipbook</i> (re)descoberto: o projeto gráfico e a leitura do movimento em <i>O menino que virou chuva</i>
	Júlia Parreira Zuza Andrade	Siga esta linha: materialidade e novas perspectivas de leitura para o livro ilustrado
	Maria Laura Pozzobon Spengler & Juliana Pádua Silva Medeiros	Livros para morar: a representação da(s) casa(s) em livros literários para a infância
	Gabriela Pereira da Silva Jéssica Ibiapino Freire	Materialidade brincante no livro-objeto <i>O carteiro encolheu</i> , de Janet e Allan Ahlberg
	Mariana Amargós Vieira	<i>A nave vai</i> e suas formas de navegação
	Jacira Casciano da Costa Flávia Brocchetto Ramos	<i>A grande viagem da senhorita Prudência</i> : uma análise do livro-imagem como objeto de

**VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021**

		reflexão de configuração transmídia cultural e estética
--	--	---

Sessão 2

	Comunicador	Título da comunicação
	Cássia Maria Rita Vianna Bittens	Um dia de neve e a (in)fância em Ezra Jack Keats
	Cristiano Camilo Lopes	Uma leitura do conceito de <i>infância</i> nas ilustrações da obra <i>Livro I</i> , da <i>Série Braga</i>
	Fabília Jeanini Cirino Pinto Clóvis Maurício de Oliveira	A literatura contemporânea de autoria feminina: análise da obra infantil ilustrada <i>Procura-se lobo</i> (2005), de Ana Maria Machado
	Rebecca Seiko Moreira Iyama	Mãos, olhos e corpo: o convite à leitura de <i>Tales from outer suburbia</i> , de Shaun Tan
	Aline Lima Pinheiro Nellihany dos Santos Soares	Materialidade à prova: hibridismo e projeto gráfico em <i>Lorde Creptum</i> , de Gustavo Piqueira
	Francisca Cláudia Borges Fernandes	A materialidade do livro: <i>Bartleby, o escrivão</i> – uma história de Wall Street, de Herman Melville

Sessão 3

	Comunicador	Título da comunicação
	Fernando Antônio Siqueira Ferreira	A experiência de criar, materializar e se autopublicar: jornada de um livro “Malcriado”
	Gisele Federizzi Barcellos	Processo artístico-literário: as materialidades no livro <i>No mato</i>
	Patrícia Aparecida Beraldo Romano Juliana Pádua Silva Medeiros	Mergulho nas materialidades do livro-objeto <i>Lago</i> : reflexões conceituais
	Sâmia Regina Mourão de Sousa	A materialidade da obra <i>Dossiê Saci</i> , de Margareth Marinho e Daniel Rodrigues (ilustrações), sob o enfoque do livro-objeto
	Daniel Fernandes da Silva Valéria Cordeiro Oliveira	Um destaque para as margens: a interação lúdica entre o livro e o leitor na obra <i>Este livro comeu meu cão</i>

Sessão 4

	Comunicador	Título da comunicação
	Eunícia Barros Barcelos Fernandes	Ter um português e útil ou o que veio antes
	Gisela Maria de Castro Teixeira	<i>O Livro das capitais</i> : videolivro interativo autoral, bilíngue (Libras/português),

VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021

		paradidático, com poesias e noções de geografia para ouvintes e surdos no Brasil
	Edson Rodrigo de Azevedo	O protagonismo negro nas produções literárias do século XXI: uma breve análise
	Renata Junqueira de Souza & Jamile Rossetti de Souza	As possibilidades estéticas e a intertextualidade no livro <i>Ônibus</i> , de Marianne Dubuc
	Simone Seifert Deffente Migliari	Letramento literário em <i>Clarice</i> : a potência do livro-objeto na formação do leitor
	Maria Eliete Silva Pereira	Impactos da materialidade do livro em sala de aula: a mediação de leitura

GT 5 | INFÂNCIAS EM SITUAÇÃO-LIMITE: LITERATURA, EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Coordenadores: Joana Marques Ribeiro, Luciana de Paula e Luciane Bonace Lopes Fernandes

Sessão 1		
	Comunicador	Título da comunicação
	Maria Regina Lins Brandão Veas	Entre o maravilhoso e o desagradável: a imagem da criança em situação-limite em contos de fadas
	Maria das Dores Pereira Santos	O exílio como expressão do devir em “A casa da madrinha” de Lygia Bojunga
	Renata Pires Gavião	Uma análise comparativa de aurora e maria: reflexos da ausência da escolarização e da escrita na obra “pena de ganso” de Nilma Lacerda e no curta-metragem “vida maria” de márcio ramos
	Chirley Domingues	A experiência da leitura: entre a dor e o acolhimento (uma possível análise do livro “infância”)
	Sirley da Silva Rojas Oliveira	Poesia além do papel: literatura e música auxiliando no ensino

Sessão 2		
	Comunicador	Título da comunicação
	Douglas Manoel Antônio de Abreu Pestana dos Santos	Efeitos da pandemia de Covid-19 na Saúde mental e comportamental do sujeito na infância
	Marília Forgearini Nunes, Júlia Soares Martini.	Educação literária na Pandemia: o que foi lido em escolas de um município da Região Sul?
	Camila Alves de Melo, Rosa Maria Hessel Silveira	Monstros, bichinhos, monstrenços e malvadoes: Livros Infantis sobre a Pandemia de Covid-19
	Camila do Nascimento	O processo humanizador e a mediação literária na perspectiva da prática docente no contexto escolar

VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021

	Teresa Cristina Aliberti	Humanização através da Literatura – Roda d Leitura / Sala de Leitura
--	--------------------------	--

Sessão 3

	Comunicador	Título da comunicação
	Ronaldo Oliveira Borges Ana Lília Carvalho Rocha	A infância no contexto da Shoah representada na obra “O menino do pijama listrado”, de John Boyne
	Elany Tatielle Lucena de Lima Josiele Maria Nascimento e Silva	Infância e estado de exceção na obra “Number the stars”, de Lois Lowry
	Nanci Nascimento de Souza	Narrativas sobre a infância judaica no gueto de Varsóvia: diferentes olhares
	Rosemar Eurico Coenga	Deslocamentos, refugiados e humanização nos livros Infantis: uma leitura de “Refugiados”, de Ilan Brendan e “Barco de histórias”, de Kyo Maclear
	Luana Fernanda Rodrigues dos Santos André Luiz da Silva	Violência para além das leis: castigo e tirania no conto “Negrinha”
	Maria Fernanda Silva Dias	Violências (re)vividas: processos violentos vividos por sujeitos negros e seus ecos na obra “O black power de Akin”

GT 6 | AS NARRATIVAS NAS ARTES DO PALCO: DANÇA, TEATRO E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Coordenadores: Carolina Xavier e Selma Scuro

Sessão: dia 12 de novembro, sexta-feira

	Comunicador	Título da comunicação
	Selma Scuro	Da linguagem textual à linguagem corporal e o imaginário: uma relação de interlinguagens em Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho
	Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini	Desvelando o mundo mágico de André Neves
	Cristiane Florêncio	“Literapalco” em Lygia Bojunga: arte como projeto de vida
	Carolina Xavier	Forma e conteúdo no teatro: a construção espetacular em a “Bruxinha que Era Boa”
	Sergio Manoel Rodrigues	Plínio Marcos e a crítica social no teatro para crianças: um breve panorama dramaturgico

GT 7 | IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO E PRODUÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS

Coordenadores: Maria Zilda da Cunha, Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Manoel Francisco Guaranha

Sessão 1

--	--	--

**VI Encontro Internacional do Grupo de Pesquisa Produções
Literárias e Culturais para Crianças e Jovens – FFLCH USP – 2021**

	Comunicador	Título da comunicação
	Valter Henrique de Castro Fritsch	A matéria escura da imaginação: o sujeito fraturado e o não-eu na trilogia <i>Fronteiras do Universo</i> de Philip Pullman
	Diego Guerra	O imaginário popular da ficção científica por Philip K. Dick
	Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Moraes	Imaginação e contemporaneidade: o maravilhoso em “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins
	Giovanna Petrólío de Oliveira Marcondes	“Tudo bem não ser normal”: um tabu contemporâneo

Sessão 2

	Comunicador	Título da comunicação
	Lion Santiago Tosta	Os mangás e a cibercultura - agenciamentos para a construção de uma linha de fuga
	Henrique Sanches Duarte	Imaginário infantil e <i>crossover</i> de mundos literários
	Isabella Tavares Sozza Moraes	Os perfis <i>fakes</i> da literatura e do ciberespaço: concepções do imaginário em Fernando Pessoa e a semiótica dos memes da internet
	Maria Zilda da Cunha Maria Auxiliadora Fontana Baseio	O advento do pós-humano e o imaginário na produção cultural de recepção juvenil

Sessão 3

	Comunicador	Título da comunicação
	Juliana Maria Martins	Imaginário da morte presente na literatura de Guimarães Rosa e Mia Couto
	Lohanna da Silva Azevedo (Universidade Estadual do Tocantins) Luama Socio	Os signos poéticos dos povos originários nas narrativas infanto-juvenis de Murué Suruí e Geclésio Guajajara
	Paulo M. Barroso	Histórias infantis tradicionais e representações das normas morais: códigos de pensamento e ação
	Marília Gomes Ghizzi Godoy Ida Carneiro Martins	Narrativa mítica Guarani Mbya: A anta e a tartaruga (<i>Mbore ha'egue Karumbe</i>)
	Melanie Mangels Guerra Maria Auxiliadora Fontana Baseio	A arte narrativa na Pedagogia Waldorf: mitologia nórdica, imaginário e educação



21 e 22 de Outubro de 2021

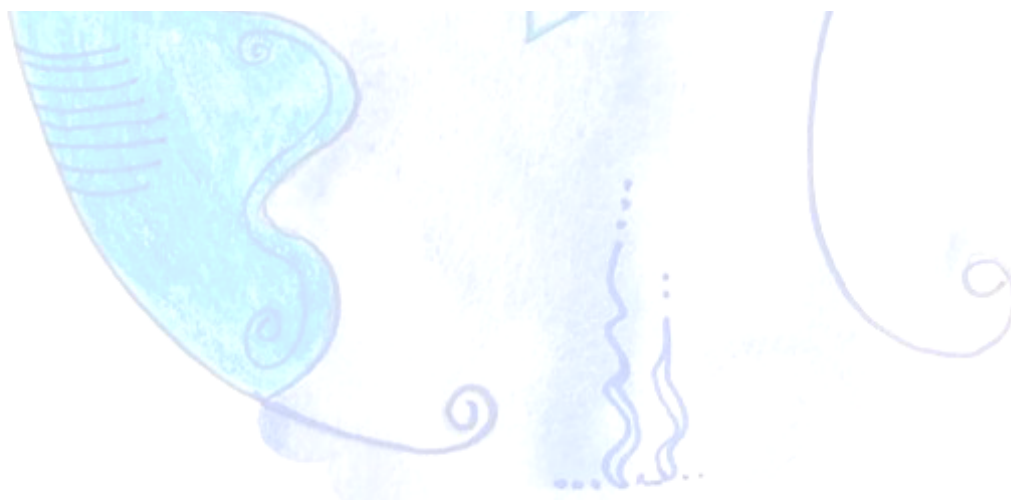
I Simpósio Internacional
Autoria e Imaginário: António Lobo Antunes



10, 11 e 12 de novembro de 2021

II JORNADA DO GRUPO DE PESQUISA
PRODUÇÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS PARA CRIANÇAS E JOVENS (USP/CNPq)

**Reflexões contemporâneas sobre autoria e
imaginário na literatura para crianças e jovens**



**2 CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO EVENTO: “AUTORIA E IMAGINÁRIO”,
PROF^a DRA. LUCIA SANTAELLA**

20 de outubro de 2021 | 16h
Link: youtu.be/JCv95qXCDto

As transformações que a questão do imaginário e da autoria vêm sofrendo desde o início do século 20 são imensas, além de complexas. Em pouco mais de um século, atravessamos em ritmo cada vez mais veloz, a era da reprodutibilidade técnica, seguida pela era da cultura de massas ou indústria cultural, então a era dos *gadgets* comunicacionais e, desde os anos 1980, as sociedades humanas entraram na revolução digital cujas consequências estão abalando os alicerces da política e da cultura. Colocando a cultura em foco, esta apresentação irá discutir as diferentes modalidades da autoria e do imaginário em cada uma das eras acima mencionadas.

Lucia Santaella :: Doutora em teoria literária pela PUC-SP e Livre-docente em Ciências da comunicação pela USP, é Professora Titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica e coordenadora da pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo; realizou pesquisas de pós-doutorado em universidades europeias e latino-americanas. Suas áreas mais recentes de pesquisa são: comunicação; semiótica cognitiva e computacional; inteligência artificial; estéticas tecnológicas; e filosofia e metodologia da ciência. Titular da Cátedra Oscar Sala, ligada ao Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP).



3 CONFERÊNCIAS DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO: ANTÓNIO LOBO ANTUNES”

3.1 Conferência: “O nome das coisas em António Lobo Antunes: Objetos, fetiches e outros simulacros”, Prof. Dr. Vincenzo Russo

Link: youtu.be/OKgj48TLfms

Resumo:

Se é verdade que na Modernidade a relação entre objetos e sociedade adquire uma nova configuração, como os pais da sociologia moderna abundantemente defenderam, a literatura de António Lobo Antunes - com a sua vasta enciclopédia de objetos insólitos e desatualizados, *oggetti desueti* na conhecida expressão de Francesco Orlando (1993), – ajuda não só a interpretá-los como “mercadorias” mas também a iluminá-los como catalizadores de signos e fantasmagorias do tempo (à maneira de Walter Benjamin). Tal como tinha intuído o filósofo alemão, segundo o qual a materialidade do objeto em si contribui para definir «o medium da percepção», a constelação dos pequenos objetos-fragmentos da vida quotidiana tem a capacidade de influenciar os movimentos mais microscópicos do homem moderno e a sua organização sensorial do real. A nossa intenção será mapear algumas imagens de objetos que a literatura de António Lobo Antunes vai arquivando num vasto catálogo de coisas, de (des)utilidades cotidianas, de utensílios mais ou menos desfuncionais que resgatam as inúmeras histórias das passagens materiais e simbólicas que a sociedades de produção e a sociedade de consumo conferiu ao objeto considerado já não apenas como dispositivo funcional mas símbolo, simulacro ou fetiche de uma “outra” presença.



PROF. DR. VINCENZO RUSSO é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de Milão onde coordena a Cátedra António Lobo Antunes (Unimi-Instituto Camões) desde 2018. Licenciado em Letras Modernas (1998) e doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade de Bolonha, foi bolseiro do Instituto Camões (2003) e da Scuola Superiore di Studi Umanistici de Umberto Eco na Universidade de Bolonha (2004-05). Entre os seus volumes podemos citar: *Tenebre Bianche. Immaginari coloniali fin-de-siècle*, Reggio Emilia, Diabasis, 2008; *Suspeita do Averso. Barroco e Neo-Barroco na Poesia Portuguesa Contemporânea*, Pref. Roberto Vecchi, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2008; com R. Vecchi, *La Letteratura Portoghese. I testi e le idee* (2017). Em 2020 saiu o ensaio *La Resistenza continua. Il colonialismo portoghese, le lotte di liberazione e gli intellettuali italiani* e a colectânea de artigos em homenagem ao Prof. Ettore Finazzi-Agrò: R. Vecchi e V. Russo (eds), *A Teoria Gentil. O projecto e as práticas críticas de Ettore Finazzi-Agrò*. Publicou edições italianas de autores portugueses, brasileiros e africanos (Bocage, Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, Eça de Queirós, Boaventura de Sousa Santos, Pepetela, Vergílio Ferreira, Lima Barreto, José Luís Peixoto, João Paulo Borges Coelho). Desde julho de 2014 é Secretário Geral e Tesoureiro da AIL, Associação Internacional de Lusitanistas. Desde 2018, é também Tesoureiro da AISPEB (Associação italiana de estudos portugueses e brasileiros).

3.2 Conferência: “António Lobo Antunes e a Imortalidade Literária”, Prof. Dr. André Corrêa de Sá

Link: youtu.be/NRYMECOIjKM

Resumo:

António Lobo Antunes é, reconhecidamente, um autor consciente do seu lugar na história da literatura, um autor que se preocupa com o modo como as gerações futuras de leitores e de críticos vão reagir aos seus livros e acomodar o seu nome em lugares privilegiados da história da literatura. Referências explícitas tanto ao desejo de superar os antecessores para desobstruir um caminho para si como ao medo de não conseguir aguentar até ao fim a demanda pela imortalidade literária encontram-se em abundância nas suas crônicas e entrevistas, e os críticos têm-nas glosado vezes sem conta como evidência que se supõe corroborar as interpretações dos romances de Lobo Antunes.

Esta comunicação tem justamente o objetivo de apresentar uma visão sobre os termos e algumas consequências do programa de posteridade Lobo Antunes, de maneira a colocar em discussão os modos através dos quais o autor tem refletido, tanto no interior dos livros como em declarações sobre a prática da escrita, sobre o lugar que acha que lhe está reservado nas histórias da literatura portuguesa e da literatura ocidental.



PROF. DR. ANDRÉ CORRÊA DE SÁ doutorou-se em Literatura na Universidade de Évora, em 2014, com uma tese sobre a ficção de António Lobo Antunes. É atualmente professor de Literatura Portuguesa na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara – EUA, depois de ter sido Professor de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de São Carlos – SP –, onde ainda se mantém como docente credenciado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit). A sua atividade científica desenvolve-se no domínio dos Estudos Literários, com ênfase em Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura Comparada e Ecocrítica.

3.3 Conferência: “Trauma e Memória em Lobo Antunes”, Prof. Dr. Sérgio Paulo Guimarães de Sousa

Link: youtu.be/MdkyP7pp4gs

Resumo:

António Lobo Antunes é o autor de um imaginário literário de uma incrível fundura sentimental. E isto sobretudo por esse imaginário se ancorar em dois dolorosos pilares da existência humana: o trauma e a memória desse trauma. Dir-se-ia, pois, que na ficção romanesca antuniana tudo tende, ainda que em diversos graus de ênfase, na órbita destes dois vetores. Procuraremos ver implicações estéticas desta situação.



PROF. DR. SÉRGIO PAULO GUIMARÃES DE SOUSA possui doutorado em Literatura Portuguesa, com uma tese intitulada «Entre-Dois. Desejo e Antigo Regime na Ficção Camiliana», defendida em 2006, é Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Minho. É investigador no CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho) e diretor do CEM (Centro de Estudos Mirandinos). Lecionou cursos e seminários em diversas universidades estrangeiras (Universidade de São Paulo, Universidade de Nanterre La Défense, Universidade de Trieste, Universidade de Copenhaga, Universidade de Bucareste, Masaryk, Trieste, Klaipéda), foi Professor convidado na Universidade Blaise Pascal (Clermont Ferrand) e FLAD/Michael Teague Visiting Associate Professor na Brown University; e ainda Professor Visitante na University of Massachusetts Dartmouth, Titular da Cátedra “Hélio and Amélia Pedroso/Luso-American Endowed Chair in Portuguese Studies”.

3.4 Conferência: “O Autor como Testemunha”, Prof. Dr. Jaime José B. Costa

Link: youtu.be/U-WY3omqTUs

Resumo:

Que os textos literários, e não só, têm autores resulta ser um facto fora de toda questão. No entanto, o grau de envolvimento e aceitação, dos autores com a autoria dos seus textos vem a ser algo, por vezes, quanto menos, estranho. Por que é que alguém haveria de negar a sua ação na confeção de um trabalho? Por que é que alguém escolheria o seu apagamento e desejaria o anonimato em relação a algo que levou tanto tempo e trabalho a ser elaborado? Na presente comunicação, pretendo dar resposta a estas perguntas fazendo um percurso pela literatura norte-americana desde Walt Whitman a Paul Auster e que terá como pano de fundo o contexto histórico-cultural e a própria vida dos autores como fonte dos seus processos narrativos. Em relação a este último aspeto, pretendo abordar até que ponto leitores e autores chegam a aceitar “a vida” como fonte legítima da “ficção literária.” Haverá uma fronteira que afeta tanto a nossa noção de autoria como a da experiência vital que nos impedirá ver com bons olhos a comunicação entre o mundo empírico e o fundo da ficção? Afinal de contas, que são estes dois mundos?



Prof. Dr. Jaime José B. Costa :: Professor Auxiliar do Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Ingleses e Norte-americanos (DEINA). Licenciado em Filologia Inglesa, especialidade em Literatura, pela Facultad de Filología da Universidade de Salamanca. Em 2006, realizou o Doutoramento em Literatura Norte-Americana pela Universidade de Salamanca. Professor Auxiliar da Universidade do Minho. Membro da comissão diretiva do Mestrado em Ensino de Espanhol e Inglês (de 2009 a 2015) e membro eleito do Conselho Científico do Instituto de Letras e Ciências Humanas (de 2015 a 2017). Orientador de Estágio Pedagógico da Licenciatura em Português e Inglês (de 2001 a 2010) e presidente da Comissão de Estágio de Português - Inglês (de 2006 a 2008). Foi diretor da Licenciatura em Estudos Culturais (2016-20), membro da Comissão Diretiva do Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesa (2014-2018) e do Doutoramento não-curricular em Ciências da Literatura (2017-20). Entre julho de 2018 e setembro de 2021 foi diretor do Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesa. É, desde 2020, diretor do centro de línguas da Universidade do Minho, BabeliUM.

4 MESA-REDONDA: CARTAS DA GUERRA, DE LOBO ANTUNES

Mesa-redonda

Prof. Dr. André Corrêa de Sá (Conferencista)

Prof. Dr. Sérgio Paulo Guimarães de Sousa (conferencista)

Mediação: Prof. Dra. Maria Zilda Cunha

22 de outubro de 2021, das 16h às 18h

Mesa-redonda: Cartas da Guerra

Link: youtu.be/QOomm95Gowg



5 COMUNICAÇÕES DO I SIMPÓSIO INTERNACIONAL “AUTORIA E IMAGINÁRIO: ANTÓNIO LOBO ANTUNES”

Sexta-feira, 22 de outubro de 2021, das 10h às 12h

Sessão de comunicação: Apresentação de pesquisas sobre a obra de António Lobo Antunes

Link: youtu.be/2q3FAwMCGBs

5.1 A história como paródia: A revisitação da era das conquistas por António Lobo Antunes

Álvaro Cardoso Gomes¹
Alzira Lobo de Arruda Campos²
Eliane de Alcântara Teixeira³

RESUMO: Pretendemos, nesta comunicação, examinar como se dá o diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura no romance *As naus*, de António Lobo Antunes. Trabalhando com a paródia dos mitos fundadores e com a aventura das figuras históricas mais representativas de Portugal, o autor procura desmistificar o passado em face do presente, com vistas a tecer uma crítica ao expansionismo e ao colonialismo. Ao mesmo tempo, a crítica também se dirige à Ditadura de Salazar, vista como uma tentativa de prolongar os efeitos nefastos do colonialismo.

PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, narrativa, tempo, colonialismo.

¹ Álvaro Cardoso Gomes é Doutor e Professor Titular em Literatura Portuguesa (USP); Professor Titular e Coordenador do Programa em Ciências Humanas (nível: Mestrado) da UNISA/SP.

² Alzira Lobo de Arruda Campos é Mestra e Doutora em História Social (USP/SP); Livre-docente em Metodologia da História (UNESP/FRANCA); Professora Titular do Programa em Ciências Humanas (nível: Mestrado) da UNISA/SP.

³ Eliane de Alcântara Teixeira é Mestra e Doutora em Literatura Portuguesa (USP); Professora Titular do Programa em Ciências Humanas (nível: Mestrado) da UNISA/SP.

5.2 A subjetividade e crítica: entrelaçamentos possíveis das narrativas infinitas sobre a guerra

Flávia Cristina Bandeca Biazetto¹

RESUMO: O objetivo desta comunicação é analisar o papel do narrador e de suas marcas de subjetividade na estrutura do gênero crônica. Para isso, realizamos uma análise de “Emília e uma noite”, publicada no *Primeiro livro de Crônicas*, de autoria de Lobo Antunes, aclarando o papel da memória e seus entrelaçamentos na constituição das marcas deste texto cronístico. Este estudo fundamenta-se no pensamento sobre a subjetividade e a composição do enredo de uma crônica de Sá (1992); Betella (1998); Roncari (1990) e Lopez (1992). Nas pesquisas citadas, as marcas de subjetividade em uma crônica são destacadas como um recurso que incita reflexão, marcando ideologias do autor e sua perspectiva diante de um fato. Assim, as críticas do cronista reverberam em seus leitores que são provocados a ponderar também sobre a realidade. O tom de “conversa fiada”, como indicado por Candido (1992), problematiza com uma relativa leveza certos temas, como o motivo literário recorrente na obra antuniana: a guerra. Nesta crônica, as memórias do conflito de libertação, em Angola, são revividas pela chegada de uma carta, cujo remetente é um colega de campo de batalha do narrador. A materialização do passado desencadeia uma desordem na exposição da subjetividade de quem narra e, por consequência, na construção da narrativa, a qual ganha um contorno cíclico. Nesse movimento, as divergências entre a história oficial e aquela narrada por quem a vivenciou ganham luz, mostrando-se atuais para compreensão do colonialismo e, sobretudo, para um entendimento mais humanizado do episódio histórico da guerra, o qual reverbera de maneiras infinitas em suas testemunhas.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Subjetividade; Crítica; Guerra; Lobo Antunes.

¹Doutora e Mestre em Estudos Comparados em Língua Portuguesa (USP). Atualmente, docente do Centro Universitário Unisagrado (BAURU-SP) dos cursos de Letras e Pedagogia. E-mail: fla_bandeca@yahoo.com.br

5.3 Intimidade de silêncios nos escritos de Lobo Antunes

Edna Alencar da Silva Rivera¹

RESUMO: Em sua produção literária, entendemos que Antunes utiliza a palavra para indiciar percepções que estão para além dela. Ele parte de uma escritura que resgata não somente o explícito, dito, mas abre espaço para o silêncio e nele proporciona outras portas de sentidos e conjecturas; por exemplo, em *As Coisas da Vida*, ao descrever a convivência com sua tia Penn, destaca o silêncio como um elemento fundamental para a construção de laços afetivos. “*Não precisávamos de dizer muita coisa para dizer muita coisa. As nossas conversas faziam-se sobretudo de silêncio. Portanto, falávamos imenso*” (2011, p.71). Ou ainda, quando ao lembrar a infância se diz um miúdo de um “metro e doze de timidez silenciosa” (2011, p.212). Com este e outros escritos do autor português, buscaremos tangenciar possíveis engendramentos nos quais, como instância significativa, o silêncio adquire sentido integrando e colaborando para o acesso da intimidade e, sobremaneira, suscitando questionamentos e reflexões. Contudo, sabemos que o silêncio presente e atuante em toda forma de dizer humano pode surpreender e desencadear outras compreensões, inclusive do aparente ininteligível. Assim como o faz a literatura antuniana.

PALAVRAS-CHAVE: Silêncios; Intimidade; Literatura Antuniana.

¹Pós-Doutora pela Universidade do Minho, Portugal, Doutora e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora das Linguagens do imaginário e escritora de literatura infantil. E-mail: alencar.edna@gmail.com

5.4 O “Era Uma Vez...” De António Lobo Antunes: Instância Autoral no Imaginário de *A História Do Hidroavião*

Euclides Lins de Oliveira Neto¹

RESUMO: “A HISTÓRIA DO HIDROAVIÃO”, conto do escritor António Lobo Antunes, destinado precipuamente a crianças e jovens, oferece-nos as marcas de uma narrativa escrita, conforme a literatura carregada de simbolismo destinada a atrair e provocar a inteligência fecunda de pequenos leitores. Tal obra coloca A. L. A. no patamar de um escritor completo, por narrar para todas as idades. Nosso objetivo é investigar qual perspectiva autoral se revela, mediante o imaginário entrelaçado no texto. A ambientação de personagens perfiladas como refugiados de guerra, alojadas na periferia metropolitana, descrita em condições sociais precárias, fomentadora de uma concepção de imaginário cingido pelo saudosismo de uma dura vida passada em seu ambiente nativo, pode remeter a um memorialismo biográfico do escritor, em sua estada nas conflituosas paragens bélicas de Angola. As explícitas referências imagéticas a Lisboa e a Luanda mostram-nos a carga de elementos imaginários denunciadores de duas culturas, duas personagens, duas histórias... e assim prossegue a ambiguidade, que o ficcionista tece para remeter à história da máquina que é apta (ou já inapta) a mover-se pela água e pelo ar: o Hidroavião. Também esse é uma “personagem” anunciada no título da narrativa. Certamente, o conjunto da obra remete ao autor ancestral, mas atualizado em outra circunstância criadora do fenômeno obra literária: qual seria o real epílogo do conto sobre a sorte das personagens, Artur e o cego? A história seria das personagens ou da máquina que nada e que voa? É a “categoria” autoral de obra aberta que pode facultar ao leitor a resposta.

PALAVRAS-CHAVE: Lobo Antunes; Autor Literário; Literatura para Crianças; Conto Literário; Memória.

¹Doutorado em Letras FFLCH-USP; traduz do italiano ao português; estuda literatura para crianças e jovens, cujo foco mira a literatura anderseniana; com experiência em ensino e pesquisa junto a UFPA; membro do GPPLCCJ, desde 2012.

5.5 As Naus de António Lobo Antunes: um pensar sobre os fantasmas e anti-heróis

Francilene Monteiro da Silva¹

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo analisar os fantasmas anti-heróis lusos no romance *As naus* de António Lobo Antunes, sétimo romance escrito pelo autor e publicado no final da década de 80. Em *As Naus*, António Lobo Antunes traz de volta ao século XX personagens ilustres que fizeram parte das grandes navegações marítimas portuguesas: Pedro Álvares Cabral, Luís de Camões, Diogo Cão, Francisco Xavier, Vasco da Gama, dentre outros. Esses personagens por sua vez, regressam do século XVI para o século XX para a cidade de Lisboa, em um mundo totalmente diferente e industrializado e, ao retornarem, eles não são mais considerados os heróis que desbravaram os mares e fizeram grandes descobertas. Pois no século XX, período pós-colonial, eles tornam-se pessoas comuns e voltam sem a honra e a glória de seus antepassados. Dessa forma, pretende-se analisar por que esses personagens fantasmas são vistos como anti-heróis e qual o significado deles numa época pós-moderna? Para tanto essa análise será realizada com base nos pressupostos teóricos de Didi-Huberman: *A imagem do sobrevivente: História da arte e do tempo dos fantasmas*, segundo Aby Warburg; Eduardo Lourenço: *O Labirinto da Saudade*; Anna Kalewska: *As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea*. Dessa forma, com este trabalho, busca-se compreender o retorno desses personagens fantasmas numa época pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasmas; *As Naus*; Heróis; Anti-heróis.

¹ Pós-graduanda do curso de mestrado em Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) da área de Estudos Literários: literatura e autonomia. E-mail: franmonteiro018@gmail.com

5.6 Gritos mudos em aflições silenciosas: uma leitura do trauma em exortação aos crocodilos e da natureza dos deuses, de António Lobo Antunes

Grazielle Maria Valim ¹
Diana Navas ²

RESUMO: Com frequência, nos estudos que relacionam literatura e trauma, este é definido como um evento inassimilável, causado, como afirma Freud ([1920] 1996), por estímulos muito fortes, um choque ou emoção violenta, fora da experiência humana comum, que desestabiliza o indivíduo e, conseqüentemente, bloqueia sua assimilação do fato ocorrido. Contudo, se pensarmos o indivíduo da sociedade moderna como um sujeito que cotidianamente sofre choques e colisões (BENJAMIN, 1989), podemos inferir que o trauma tem se tornado crônico em nossa contemporaneidade. Segundo a psicoterapeuta Laura S. Brown (1995), ao consideramos o trauma como um evento singular, fora do alcance da experiência humana, estamos desprezando o trauma repetitivo, insidioso e contínuo que as mulheres têm sofrido na sociedade contemporânea. O termo “trauma insidioso”, cunhado por outra psicoterapeuta, Maria Root (1992), define o trauma não como um evento fora da experiência humana, mas como uma série de efeitos traumáticos, em sua maioria silenciosos, que oprimem, violentamente, a alma e o espírito de mulheres que estão inseridas em uma cultura de agressão sexual e erótica, considerada, culturalmente, normal pelos homens. De acordo com Brown, os membros vulneráveis que compõem nossa sociedade (mulheres, negros, lgbt’s) têm apresentado os mesmos sintomas de estresse agudo que os soldados que voltaram de uma guerra. Dessa forma, partindo das ideias de Freud, Brown e Root, o presente estudo tem como principal objetivo a apresentação de uma proposta de abordagem da problemática do “trauma insidioso” (Root, 1992) nas obras *Exortação aos Crocodilos* e *Da Natureza dos Deuses* (2015), de António Lobo Antunes. Almeja-se, portanto, discutir como a escrita antuniana arquiva, (re)configura e reflete a complexidade do trauma sofrido pelas mulheres – testemunhas e vítimas –, que protagonizam esses romances.

PALAVRAS-CHAVE: António Lobo Antunes; Trauma Insidioso; Feminino; Literatura Portuguesa.

¹ Doutora em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP (São Paulo – SP). E-mail: gravalim@gmail.com

² Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP (São Paulo – SP). E-mail: diana.navas@hotmail.com

5.7 Figurações distópicas e o escritor como objeto de si na literatura de língua portuguesa

Maria Zilda da Cunha ¹
Maria Auxiliadora Fontana Baseio ²

RESUMO: António Lobo Antunes, seguramente, é um dos nomes da atual literatura europeia; e, sem dúvida, o escritor vivo mais prestigiado das letras portuguesas. Responsável por uma obra densa, surge com uma escrita pautada por inovações técnico-formais, capaz de aceder a uma semântica profunda das emoções e de exprimir a condição última da alma humana. Daí, o desacerto da sua escrita com as convenções lógico-discursivas e o desenvolvimento de uma poética romanesca na qual proliferam vozes (e, não raro, espectros), configurando uma nova abordagem do fenómeno polifónico. Lobo Antunes não apenas desconstrói a arquitetura tradicional da narrativa, expondo-a a várias fissuras, reordenando-a em função da sua sensibilidade imagética e memorialística, como expõe metaficcionalmente os meandros da sua criação literária. Encanta-nos o modo como esse autor perspectiva, de forma ambivalente, sua experiência da guerra colonial de Angola (onde esteve como tenente, cirurgião e psiquiatra) e seus traumas profundos, na mesma medida em que desvela uma paisagem atrativa de África e suas gentes de profundos e densos sentidos. Seus primeiros romances, *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas* e *Conhecimento do Inferno*, considerados “de projeção autobiográfica”, trazem marcas da atividade clínica, das referências à medicina e à psiquiatria, experiências que se conjugam a questões éticas, de intolerâncias políticas, religiosas, étnicas, e o inspiram às representações distópicas. Ao fim e ao cabo, são marcas que vão acompanhar sua trajetória de escritor. As reflexões que propomos, neste trabalho, por via do comparatismo literário, perspectivam perceber como Lobo Antunes reflete sobre a sua função de escritor, bem como coloca em cena representações distópicas consubstanciadas por procedimentos estéticos específicos que engendram a literatura como realidade fenomenológica e objeto de recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Língua Portuguesa; Figurações Distópicas; Antonio Lobo Antunes, o escritor e si mesmo.

¹Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do CNPq. E-mail: mzcl@usp.br

²Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Mestrado da Universidade de Santo Amaro. E-mail: mbaseio@uol.com.br



**6 CONFERÊNCIAS DA II JORNADA DO GPPLCCJ “REFLEXÕES
CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA PARA
CRIANÇAS E JOVENS”**

6.1 “O que é um Autor?”, Prof. Dr. Roger Chartier



10 de novembro de 2021 | 14h às 15h
Link: https://youtu.be/u6n_WLgJHnw

Roger Chartier

**Historiador e Professor da École des
Hautes Études en Sciences Sociales, do
Collège de France, em Paris, e da
University of Pennsylvania.**



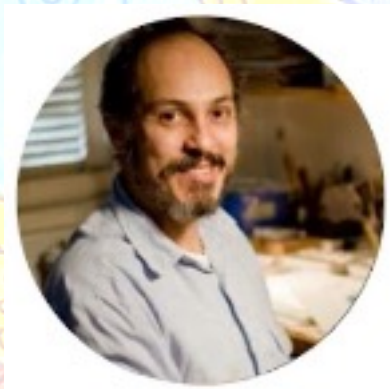
6.2 “O Sofrimento da Imagem”, Ilustrador e escritor Odilon Moraes

12 de novembro de 2021 | 14h às 15h

Link: <https://youtu.be/tJzvVV4tTHA>

Odilon Moraes

Ilustrador, escritor e pesquisador de Literatura para a infância, celebra em 2021 seus 30 anos de carreira, tendo conquistados os Prêmios Jabuti, Adolfo Aizen e o Prêmio Ofélia Fontes – Melhor Livro para crianças, pela FNLIJ.



7 COMUNICAÇÕES DA II JORNADA DO GPPLCCJ “REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AUTORIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS”

7.1 GT 1: O conto de fadas e o maravilhoso literário: questões autorais

Coordenação:
Cristina Casagrande
Lígia Menna
Paulo César Ribeiro Filho

Duas vertentes teóricas parecem divergir quando se trata da questão da autoria dos contos de fadas: sob a perspectiva oralista (ligada ao folclorismo), é muito comum considerar-se que essas narrativas não possuem autoria definida, que são oriundas da cultura popular e expressam mundividências universalizantes. Nesse sentido, aqueles que as registram passam a ser considerados “coletores” e não autores, como é o caso dos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, do escocês Andrew Lang e do brasileiro Luís da Câmara Cascudo. Contudo, o ato de coletar, traduzir relato oral em registro escrito, brincar e recontar também não implicaria em nuances de autoria? Por outro lado, temos a perspectiva textualista, que não desconsidera a potente interferência da literatura escrita no processo de estabelecimento do conto de fadas como gênero literário e propõe a análise detida de seus precursores modelares, com ênfase para a obra dos italianos Giambattista Basile e Gianfrancesco Straparola. Dessa forma, consideramos que as questões referentes à autoria continuam atuais e relevantes para os estudiosos da área. A partir do exposto, propomos uma sessão de comunicações em que essas questões sejam trazidas à discussão.

**NARRATIVAS MARAVILHOSAS DA CONTEMPORANEIDADE:
A VOZ POÉTICA DE MARINA COLASANTI**

Adriana F. A. Araldo ¹

RESUMO: Um estudo que busca capturar, em obras contemporâneas, traços tradicionais do conto maravilhoso requer, antes de tudo, uma viagem no tempo e no espaço, retornando, muitas vezes, a tempos imemoriais, fazendo a recolha de imagens e vozes que ajudam a contar a história humana. As narrativas maravilhosas encontram-se ligadas às necessidades do homem – amor, sofrimento, instinto de sobrevivência, medo, coragem, aprendizagens, lutas... –, buscando satisfazer inquietações comuns, reforçar tradições, difundir conselhos, propagar valores de uma época. Possuindo como embrião o pensamento mágico – forma primordial do imaginário, pensamento fundador de símbolos –, os contos maravilhosos estão impregnados de imagens que contribuem para a construção de um universo mágico, um lugar onde o impossível é aceito nos limites textuais e o encantamento não tem limites. No diálogo com o passado, imagens míticas e sagradas são continuamente atualizadas, realimentando o imaginário cultural. Em nosso tempo, um nome que se faz importante é o de Marina Colasanti, que ao retomar imagens simbólicas, num processo de atualização da fórmula narrativa, confere autoria poética ao conto maravilhoso contemporâneo. A partir da obra *Mais de 100 Histórias Maravilhosas*, de Marina Colasanti, este trabalho, com fundamentações teóricas nos estudos de Nelly Novaes Coelho, Roland Barthes, Regina Michelli e Mircea Eliade, intenciona identificar traços de autoria no conto maravilhoso de Colasanti, discutir seu conteúdo simbólico, histórico e ideológico, fazendo revelar os novos sentidos que a presença do maravilhoso autoral pode assumir na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil/Juvenil; Maravilhoso; Autoria.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora e autora de Literatura Infantil/Juvenil. Professora com experiência no Ensino Fundamental I, II e Médio de escolas particulares e públicas de São Paulo. E-mail: adriaraldo@gmail.com

A EXPERIÊNCIA DA TRADUÇÃO DE *A BELA E A FERA* DE GABRIELLE DE VILLENEUVE

Aída Carla da Cunha¹

RESUMO: Em minha pesquisa de doutorado, realizei uma tradução comentada do conto de fadas literário francês *La Belle et la Bête* (1740) de Gabrielle de Villeneuve, que publiquei, em edição independente, em 2019. Nesta apresentação, relato como busquei resgatar do apagamento histórico-literário essa narrativa e sua autora, assim como todo um movimento protagonizado por autoras contistas desde o século 17 na França (RAYNARD, 2002; ROBERT, 2002; SEIFERT, 2004; SERMAIN, 2005). Durante esse período, o gênero se expandiu com a publicação de coletâneas de contos e a escrita feminina deixou aí sua marca. O conto de fadas literário ultrapassou definitivamente os limites dos salões literários onde foi gestado, com a publicação dos três primeiros volumes dos *Contes de fées* por Marie-Catherine d’Aulnoy em 1697 (DEFRANCE, 1988). Em segundo lugar, abordo o mundo feérico maravilhoso que se constitui como um reflexo exagerado do ambiente aristocrático do século 18 e se configura com uma singularidade estética da obra. Direcionada a um público adulto e aristocrata da época, evoca a Paris do século 18 como referência espacial e cultural. Verifica-se a partir daí seu distanciamento da versão publicada por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont em 1757, adaptada para um público infantil. Curiosamente, a versão infantil destaca-se por ser a única escrita por uma contista francesa a integrar o cânone brasileiro de contos de fadas, ao lado dos contos de Charles Perrault, dos irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. E, embora Gabrielle de Villeneuve tenha deixado um legado literário, tanto sua biografia quanto sua versão do conto permanecem pouco conhecidas no Brasil. Neste segundo momento da comunicação, pretendo, portanto, evidenciar algumas escolhas tradutórias que visaram preservar a estética feérica maravilhosa ricamente descrita pela autora, assim como as passagens em que o erotismo sutil busca subverter a ingenuidade tradicionalmente atribuída aos contos de fadas.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas franceses de autoria feminina; Literatura francesa; Gabrielle de Villeneuve; *A Bela e a Fera*.

¹ Doutora em Estudos da Tradução no PPGET da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Bacharel em Letras Modernas (Língua e Literatura francesas) pela Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle (2000-2005). Tradutora autônoma nos pares inglês-português e francês-português. E-mail: aidacunhatrad@gmail.com

**ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E ALICE ATRAVÉS DO ESPELHO:
PERCURSOS INTERPRETATIVOS A RESPEITO DO FOLCLORE INGLÊS
E SOBRE AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS**

Bianca Leão Bertin ¹
Beatriz de Jesus Correa ²

RESUMO: Para essa comunicação iremos fazer um percurso analítico que se divide em duas partes: a primeira comentando as marcas folclóricas usadas por Lewis Carroll nas obras *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1871); e a segunda analisando as possíveis novas autorias criadas nos filmes produzidos a partir da obra de Carroll, sendo elas a animação dos estúdios Disney *Alice no País das Maravilhas* (1951) e os filmes *Alice no País das Maravilhas* (2010), dirigido por Tim Burton, e *Alice Através do Espelho* (2016), dirigido por James Bobin. Sendo assim, como respaldo teórico, utilizaremos as ideias de Walter Benjamin, em especial ao que se refere às deliberações sobre cultura popular, experiência e oralidade. Além disso, usaremos as conceituações de Nelly Coelho em relação às origens dos contos de tradição oral e à dificuldade para traduzir e adaptar esse tipo de texto na obra de Carroll. Por fim, utilizaremos os comentários de um dos principais estudiosos de Carroll, Martin Gardner, referentes a essas questões aqui levantadas.

PALAVRAS-CHAVE: Folclore inglês; Lewis Carroll; Adaptação cinematográfica.

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: bianca.bertin@usp.br

² Graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: beatriz.jesus.correa@usp.br

CONCEPÇÕES FEMINISTAS SOBRE OS CONTOS DE FADAS DA DISNEY

Bruna Vieira Dorneles¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de categorização dos contos de fadas produzidos pelos estúdios Disney, de 1937 até 2021, tendo como critérios de análise: 1) o tipo de amor protagonista nas obras; 2) a *performance* de gênero que caracteriza cada princesa. Ao longo desta pesquisa, foram analisados 15 filmes que compõem a franquia Princesas Disney, dando-se atenção ao conflito do conto e à forma com a qual ele se resolve (com ou sem a participação de um par romântico). Para tanto, são considerados os textos dos escritores alemães Jacob e Wilhelm Grimm e do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, ambos do século XIX, a fim de que sejam discutidos pontos de convergência e de divergência entre os contos de fadas da literatura e do cinema. Dentro dessa lógica, a discussão teórica tem como base uma perspectiva de gênero, uma vez que as ondas do movimento feminista são fundamentais para a categorização proposta neste estudo. Por isso, são considerados os estudos das professoras brasileiras Heloísa Buarque de Holanda e Carla Oliveira Garcia. Ainda, com a finalidade de compreender o modo como um objeto artístico interfere na formação de subjetividades femininas, assume-se como teoria os estudos da filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler e da psicanalista brasileira Maria Rita Kehl. Dessa maneira, para compreender os papéis sociais atribuídos às mulheres ao longo da História e para associá-los à forma como as princesas são apresentadas nas obras audiovisuais, são estudados os trabalhos da filósofa estadunidense Nancy Frazer e da psicanalista brasileira Regina Navarro Lins. Portanto, esta pesquisa trata-se de uma análise das personagens princesas dos estúdios Disney, apresentando-as em diferentes categorias, a partir de uma concepção feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas; Disney; Feminismo; Literatura; Cinema.

¹Graduada em Letras pela UFRGS e em Psicologia pelo IPA. Atualmente, é aluna do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, em Teoria, Crítica e Comparatismo. E-mail: brunavdorneles@gmail.com

AUTORIA COMO SUBCRIAÇÃO: UM ESTUDO EM LEWIS E TOLKIEN

Francisca Elane Costa e Silva¹

RESUMO: C.S. Lewis é conhecido pelo público em geral como o autor de *As Crônicas de Nárnia* e de algumas obras apologéticas. Porém, além disso, Lewis teve uma carreira de sucesso como acadêmico, escreveu artigos sobre histórias e crítica literária. Ao lado de Tolkien defendia ardorosamente o conto de fadas e a fantasia, como o processo subcriador nas obras. Para Lewis, ao escrever uma obra de imaginação havia duas razões: a do autor e do homem. Neste processo, para ele, os contos de fadas consistem na forma ideal de expressar as imagens formadas na mente. Em suas palavras, ao ser indagado quanto a este processo imaginativo e como veio a ideia para as *Crônicas de Nárnia*, ele diz que apareceu como imagens, Lewis defende que o autor deve trabalhar a partir do terreno universalmente humano. Para Tolkien, o autor é um subcriador da fantasia, o criador fez o mundo primário e o autor o mundo secundário, tornando-se um subcriador. Percebemos na subcriação uma certa tradução da imaginação e, portanto, também o autor é um tradutor dos pensamentos para a obra. Dessa forma, buscaremos compreender melhor as questões de autoria em artigos de Tolkien e C. S. Lewis, Roland Barthes, Michel Foucault, observando as relações entre essas abordagens, mediante o estudo da fantasia e os contos de fadas.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Contos de fadas; Subcriação; C. S. Lewis; J.R.R. Tolkien.

¹ Mestranda em Estudos da Tradução (POET-UFC); professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE-CE); especialista em Tecnologias da Educação (PUC-RJ); especialista em Mídias em Educação (UFC-CE); graduada em Letras e em Pedagogia. E-mail: f.elanecs@gmail.com

LENDAS FOLCLÓRICAS E A MANUTENÇÃO DA CULTURA JAPONESA NO BRASIL

Érica Rodrigues Fontes ¹

RESUMO: As lendas japonesas chegam ao Brasil oralmente em 1908, no primeiro barco trazendo imigrantes japoneses. No entanto, apenas no final dos anos 1980 foi iniciada no Brasil uma tradição literária nipo-brasileira para jovens. Foram registrados três grupos de narrativas: autorais e inspiradas pelas memórias de imigrantes; autorais e não conectadas a imigrantes; e lendas folclóricas japonesas. Nos anos 80, com a ida de brasileiros para o Japão, práticas específicas foram aprendidas no país asiático e divulgadas no Brasil. Esse foi o caso de Lúcia Hiratsuka, autora e ilustradora nipo-brasileira, especialista na pintura sumiê e a que mais publicou contos japoneses folclóricos e autorais no Brasil. André Kondo, escritor também muito conhecido e respeitado, pode igualmente ser considerado um folclorista por alguns de seus trabalhos. Propõe-se examinar os registros de contos folclóricos feitos por Hiratsuka e Kondo em seu objetivo de preservação da cultura japonesa através da manutenção de sua mitologia. Para essa análise, serão utilizadas, principalmente, as ideias de Joseph Campbell.

PALAVRAS-CHAVE: Folclore; Oralidade; Fantástico.

¹ Professora associada de Língua Inglesa e Literatura da UFPI. E-mail: ericarodriguesfontes@gmail.com

A PROBLEMÁTICA DA AUTORIA NA REESCRITA DE CONTOS MARAVILHOSOS

Gisele Maria Souza Barachati ¹

RESUMO: Este estudo tem como tema a questão da autoria na reescrita de contos maravilhosos em classes de alfabetização. O repensar da autoria não é uma discussão exclusiva das produções editoriais, é também da escrita de textos na escola. A divulgação da obra *Psicogênese da Língua Escrita* (Ferreiro e Teberosky, 1985) no Brasil, na década de 1980, tornou evidente o processo de reconstrução que as crianças desenvolvem para compreender os princípios alfabéticos da língua escrita e os processos cognitivos envolvidos na construção do texto escrito. Uma das primeiras questões colocadas para o ensino da escrita foi determinar qual situação didática é mais favorável: a reescrita de textos conhecidos ou a autoria de textos. Se a reescrita é entendida como uma cópia de produções já existentes, a proposta pode limitar a capacidade de criação do estudante. Mas se a reescrita é tida como uma reconstrução do texto, como postula Teberosky (1997), reescrever um conto maravilhoso significa recontá-lo, com suas próprias palavras, mantendo-se fiel à história e à linguagem literária do texto original. Nesse sentido, a reescrita é também autoria. Diante do exposto, o objetivo deste estudo é demonstrar como a reescrita pode (e deve) ser considerada uma produção de autoria, na medida em que o estudante estabelece uma parceria com o escritor para desconstruir e reconstruir o texto literário a sua maneira, produzindo uma escrita que coincide com a do texto-fonte, cujo grau de coincidência depende da capacidade das crianças, das condições da tarefa e do gênero a ser reescrito.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Reescrita; Conto maravilhoso; Alfabetização.

¹ Professora Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com estudos na área de ensino de leitura literária. A pesquisadora possui vínculo efetivo como professora na Prefeitura Municipal de São José dos Campos. E-mail: giselebarachati77@gmail.com

O APAGAMENTO DAS PRECIOSAS NA AUTORIA CANÔNICA DOS CONTOS DE FADAS

Karen Schuler ¹
Regina Michelli ²

RESUMO: Embora o cânone dos contos de fadas seja atribuído somente a nomes masculinos como Perrault, irmãos Grimm e Andersen, havia um grupo de mulheres que escreviam na mesma época que o primeiro, o mais antigo dos citados. Elas ficaram conhecidas como círculo das preciosas. Madame de Beaumont, a única mulher a se manter na autoria canônica pela versão mais clássica e difundida de *A Bela e a Fera*, era uma delas. A proposta dessa comunicação é problematizar o apagamento da autoria dessas mulheres no cânone do gênero. Na perspectiva textualista, observa-se que as preciosas escreveram muitos contos de fadas literários, no entanto, parecem terem sido mal interpretadas por seus contemporâneos, como sugere o título da peça de Molière, *As Preciosas Ridículas*. Ao contrário do estereótipo propagado, as preciosas tentavam subverter a ordem social no que diz respeito às mulheres, procurando lhes retirar as amarras sociais. Ao falarem em amor, para além de um ideal romântico e superficial, ressaltavam a luta para que seus casamentos não fossem arranjados por outrem. É nesse contexto que nascem os primeiros contos de fadas cujo termo é alcunhado pela primeira vez por uma das preciosas, Marie-Catherine D'Aulnoy. Dessa forma, o objetivo da comunicação será revisitar o papel dessas mulheres como fomentadoras de cultura em sua época, de forma a lhes devolver o protagonismo que lhes cabe. Para tanto, adotar-se-á como embasamento teórico os estudos de Coelho (1991), Warner (1999) e Ventura (2019), além de Aristóteles (2018) e Mallet (2001), no que concerne a Molière.

PALAVRAS-CHAVE: Preciosas; Autoria feminina; Contos de fadas; Cânone.

¹ Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Membro do grupo de pesquisa CNPq Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas (ENLIJ), e do projeto de extensão Literatura Infantojuvenil em cont(r)os. E-mail: karenschuler2005@gmail.com

² Professora associada da UERJ, procientista UERJ-FAPEJ, líder do GP-CNPq ENLIJ. E-mail: r.michelli@gmail.com

AS LEITURAS IMPLICADAS DE MADAME D'AULNOY

Paulo César Ribeiro Filho ¹

RESUMO: O conto de fadas, tal como o conhecemos hoje em termos de estrutura e de elementos narratológicos, adquiriu forma literária definitiva em território francês entre os séculos XVII e XVIII. A partir dos pressupostos teóricos divulgados por Helena Carvalhão Buescu em *Em busca do autor perdido: histórias, concepções, teorias* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), a presente comunicação tem por objetivo conjugar a ideia de autor/leitor implicado às referências literárias presentes nos contos de fadas de Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'Aulnoy (1652-1705). A autora francesa é a cunhadora do termo “conto de fadas” (*conte de fées*) e autora do primeiro conto literário de que se tem notícia, *A Ilha da Felicidade (L'Île de la Félicité)*, de 1690, cujo narrema (estrutura mínima da narrativa) encontra-se registrado na lenda celta da *Viagem de Oisín a Tir-Na-N'Og*. A partir desta e de outras referências cruzadas, constituiremos uma proposta de biblioteca implicada da autora, ou de repertório de leitura comum, dado que muitos dos autores de contos de fadas franceses do século XVII partilhavam das mesmas referências. Ademais, a presente comunicação tem por objetivo secundário divulgar a vida e a obra literária de Marie-Catherine d'Aulnoy, autora que permanece fora do cânone do gênero por ela inaugurado, bem como estabelecer uma proposta de recepção crítica atualizada.

PALAVRAS-CHAVE: Madame d'Aulnoy; Contos de fadas; Leituras implicadas.

¹ Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, área de Literatura Infantil e Juvenil, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre em Literatura Portuguesa pela mesma instituição. E-mail: paulo.cesar.filho@usp.br

LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ: VIAGEM E FANTASIA EM *O HOBBIT* DE J. R. R. TOLKIEN

Pedro Victor Moura Lima ¹

RESUMO: No universo ficcional produzido pelo escritor britânico J. R. R. Tolkien, o livro *O Hobbit* destaca-se por uma curiosa ambivalência. Por um lado, o livro distingue-se por um tom narrativo desprezioso, claramente distinto da tonalidade épica que caracteriza as outras obras do *legendarium* tolkieniano. Por outro, a obra apresenta muitos dos elementos que compõem o amplo universo mitológico criado por Tolkien, ainda que tais componentes surjam de maneira quase trivial, com as personagens, literalmente, tropeçando no maravilhoso. É necessário pontuar que, em *O Hobbit*, não há uma banalização de componentes narrativos que em livros como *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarilion* apresentam-se dotados de densa significação e “profundidade” (KYRMSE, 2003). Em comparação com os referidos livros, *O Hobbit* apresenta um outro enfoque que pode ser sintetizado na fala do mago Gandalf ao afirmar que Bilbo Bolseiro, o protagonista da história, “é apenas uma pessoazinha neste mundo enorme!” (TOLKIEN, 2019). Assim, o livro desvela o choque da perspectiva provinciana de Bilbo com o mundo cheio de aventuras além de sua aldeia. Tolkien desenvolve esse choque a partir de um tema que permeia o universo mítico das mais diversas culturas, a viagem. A jornada de Bilbo Bolseiro nada tem de trivial, no entanto, ela parece repercutir, de maneira bastante explícita, a universalidade dessa temática, que serve de esteio para tantas narrativas, sendo, inclusive, um elemento basilar da “jornada do herói” (CAMPBELL, 1997). Ainda assim, a singularidade da jornada de Bilbo, por um vasto e maravilhosos mundo, sugere as próprias trilhas da criação, ou antes da subcriação, entendida por Tolkien (2013) como a capacidade que temos de criar mundos secundários, a partir do que nos é perceptível no mundo primário, na realidade concreta. Nesse sentido, seria o próprio autor um viajante, na medida em que estabelece os caminhos da sua criação dentro de um universo de possibilidades. Neste contexto, indaga-se: como se constrói a noção de viagem em *O Hobbit*? Como a jornada de Bilbo Bolseiro se mescla com a caracterização da própria personagem, dando-lhe uma dimensão inédita no interior desta tradição literária? A presente comunicação pretende, pois, investigar a forma como o conceito de viagem é explorado em *O Hobbit*, tendo em vista a inserção da abordagem tolkieniana no amplo contexto do gênero fantasia.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem; Fantasia; Tolkien; O Hobbit.

¹ Professor da rede pública estadual do Ceará, ingressou, em 2018, no curso de Doutorado em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde estuda as peregrinações do líder religioso popular Antônio Conselheiro. E-mail: pedro.lima4@prof.ce.gov.br

CONTAR E ENCANTAR: O CONTO DE FADAS/MARAVILHOSO COMO ARTICULADOR DO IMAGINÁRIO E DA AUTORIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Samara Gabriela Leal França ¹

RESUMO: Oriundos da tradição oral, os contos de fadas e maravilhosos vêm se mantendo fortemente presentes na cultura de formação leitora infantil e juvenil. Para Alves, Espindola e Massuía (2011, p.102), as histórias contidas nesses contos possuem uma acepção específica nesse universo, pois, a partir da solidificação do imaginário, as crianças constroem um caminho para compreender seus sentimentos e resolver seus conflitos. Essa é uma das teorias para justificar o porquê do público infantil se interessar tanto por essas histórias. Assim é que, neste estudo, objetivamos analisar um projeto interventivo de ensino, aplicado para alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II, que tem como foco os contos de fadas e maravilhosos. Tal projeto nos permitiu observar as correlações entre imaginário e autoria, e em que medida tais elaborações impactam na formação discente. Para fundamentação teórica, nos embasamos em Bettelheim (1980), Cheola (2006), Hansen (1992), Coelho (2000), dentre outros. O *corpus* foi composto por leituras, releituras e produções discentes voltadas aos (e de autoria dos) alunos. Ao final da análise, observamos os seguintes resultados: por um lado, depreendemos que as narrativas tradicionais dos contos favorecem a ativação do imaginário, possibilitando ao aluno compreender a si mesmo e ao mundo que o cerca. Por outro lado, as releituras realizadas permitiram a expansão das imagens, inicialmente tecidas, possibilitando novas construções. Essa movimentação de diferentes modelos de leitura e escrita discente permitiu, por fim, refletir sobre questões relacionadas à figura do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas; Autoria; Imaginário.

¹ Possui graduação em Letras – Português e Inglês pelo Centro Regional Universitário Espírito Santo do Pinhal, graduação em Pedagogia pela Faculdade Casa Branca (FACAB) e mestrado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. E-mail: samarafranca@usp.br

A MORAL DA HISTÓRIA NAS FÁBULAS ESCOCEASAS

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho ¹

RESUMO: Contos de fadas e fábulas pertencem à tradição oral de uma comunidade, tendo sido colocados em forma escrita a partir do século XIX. Esse trabalho de transcrição compreende desde a pesquisa dos irmãos Grimm até obras mais recentes, como a transcrição de fábulas italianas feita por Calvino (1956), trazendo para o público toda a riqueza do imaginário coletivo acumulado ao longo de séculos de vida do ser humano. Algo que se pode observar nessas compilações feitas em diversas regiões da Europa é a recorrência de determinados temas, como a presença da madrasta desnaturada, as crianças desamparadas e as entidades sobrenaturais que podem agir de modo benéfico ou maléfico, retratando a experiência humana. Pensando na definição de Jolles em *Formas Simples*, de que a fábula pode apresentar uma lição moral para seus ouvintes, o objetivo desta comunicação é analisar duas narrativas escocesas pouco conhecidas fora do mundo anglo-saxão, e verificar de que modo a ação de entes sobrenaturais e das crianças se faz presente nas fábulas *The Milk-white Doo* e *The Well o' the World's End*, compiladas por Elizabeth Grierson e encontradas na coletânea *Scottish Fairy Tales* (1910).

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Entes sobrenaturais; Fábulas escocesas.

¹ Doutora em Filologia Portuguesa (FFLCH-USP) e pós-doutora em Estudos da Tradução (FFLCH-USP). Tradutora profissional, com obras publicadas pelas editoras Martin Claret, L&PM, Planeta do Brasil e Companhia das Letras. E-mail: solangepinheiro@alumni.usp.br

QUESTÕES EM TORNO DA PROPOSTA DE ESTABELECIMENTO DE LINHA DO TEMPO DE CONTOS DE FADAS DE AUTORIA FEMININA

Susana Ramos Ventura ¹

RESUMO: O estabelecimento de uma linha do tempo de autoras de contos de fadas literários apresenta uma série de desafios que serão trazidos à discussão nesta comunicação, tendo como referências teóricas básicas as reflexões dos teóricos e professores Marina Warner (Reino Unido), Jack Zipes (Estados Unidos da América), Filipa Lowndes-Vicente (Portugal) e Daniela Kern (Brasil). Ao propor uma possível linha do tempo de autoria literária de contos de fadas foi necessário considerar, entre outros fatores, a disparidade do cânone estabelecido, que deixou à margem centenas de escritoras desde a década de 1690, quando aconteceu a primeira grande publicação do gênero na França e a alocação dos contos de fadas no âmbito literatura para crianças e jovens. Pouco ou nada referidas nas Histórias da Literatura e dificilmente estudadas, a decisão sobre como plasmar uma linha do tempo que fosse capaz de mostrar as especificidades da produção de autoria teve que partir de reflexões de diversas áreas. Será que bastaria apenas incluir os nomes das autoras numa linha do tempo tradicional? Ou seria necessário repensar as bases pelas quais uma linha do tempo é normalmente pautada?

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fadas; Autoria feminina; Linha do tempo; Desafios.

¹ Mestre e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), realiza pesquisa sobre contos de fadas de autoria feminina desde 2014. Suas principais publicações que contemplam o tema são: *Na companhia de Bela: contos de fadas por autoras dos séculos XVII e XVIII* (2019); *A Bela e a Fera e outros contos de Madame Leprince de Beaumont* (2021). E-mail: venturaras@gmail.com

7.2 GT 2: Múltiplos olhares para a literatura infantil e juvenil africana de língua portuguesa

Coordenação:

Avani Souza Silva

Euclides Lins de Oliveira Neto

O incremento de pautas afirmativas, do debate étnico-racial e as disposições da Lei 10.639/2003 são ações que contribuem para a formação de leitores não só de literatura infantil e juvenil africana, mas da própria Literatura africana de modo geral, e não apenas a de língua portuguesa. Considerando a temática africana essencial para a afirmação da nossa identidade cultural, este GT tem como propósito discutir a produção da literatura infantil e juvenil dos países africanos de língua portuguesa em suas diversas interfaces: oralidade, fontes populares, diálogos intersemióticos e literários, cultura, formação identitária, imaginário, questões de gênero e também aproximações e distanciamentos com as literaturas infantis e juvenis dos demais territórios do continente africano. Comunicações que enfoquem esses aspectos e que veiculem novas abordagens culturais, históricas e interartísticas serão muito bem-vindas para fertilizar o debate e a difusão da literatura africana de língua portuguesa destinada a crianças e jovens.

LITERATURA E ENSINO: PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Claudia Servilha Martins ¹

RESUMO: Nas literaturas africanas de língua portuguesa, produzidas em países como Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Thomé e Príncipe e Angola, encontram-se reflexões à luz do presente. Insere-se, inquietamente, o viés histórico da ancestralidade dos corpos negros e mestiços que, abominavelmente, foram violados de maneira secular pela ideologia eurocentrista. O arquétipo cultural de África ganha contornos cada vez mais concisos na perspectiva pós-colonial e de decolonialidade, eixos teóricos que se referem ao processo de transcendência, de subversão do padrão colonial demarcado no continente africano. Pelo processo da escrita, da literatura, da estética voltada aos caracteres da contemporaneidade autores como Mia Couto, Pepetela, Paulina Chiziane, Noêmia de Souza, dentre outros/as, personificam identidades em trânsito, pluralidades que compõem o tecido das suas ficções. Integram tessituras pluri-universais, transmodernas e decoloniais necessárias e urgentes ao mosaico dos africanos e dos afro-americanos, sobretudo. É importante lembrar que, mesmo com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases, a partir da promulgação da Lei 10.639/03, muitas escolas continuam carecendo de referências afrocentradas que dialoguem sobre as culturas africanas e afro-brasileiras sem exotismos, estereótipos, preconceitos e racismos. No ínterim, o que se propõe aqui é a abertura para diálogos críticos com o propósito de construir novas pontes, novas travessias sobre o âmbito da literatura e dos estudos culturais. A pesquisa relaciona-se aos conceitos desenvolvidos por Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2008), Ana Mafalda Leite em *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2003), *Oralidade e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas* (2012), Benjamin Abdala Jr. em *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004), Edward Said em *Cultura e imperialismo* (1995) e demais autores/as pertinentes aos diálogos propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Educação; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

¹ Professora Doutoranda. Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Discente no Programa de Estudos Literários /PPGEL - UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra/MT. E-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com

MUNDOS DE FICÇÃO E FIGURAÇÃO DE PERSONAGENS EM
A HISTÓRIA DE JOÃO GALA-GALA, DE PEDRO PEREIRA LOPES
E CHICO ANTÔNIO, ILUSTRAÇÃO DE LUÍS CARDOSO

Flavio García ¹

RESUMO: Esta comunicação, cujo *corpus* é a narrativa *As aventuras de João Gala-Gala* (2017), de autoria intersemiótica de Pedro Pereira Lopes (texto literário) e Chico António (letra e pauta musical), em edição ilustrada por Luís Cardoso (imagens visuais), tem por objetivo observar o mundo de ficção macroestruturado e a figuração das personagens Chico António, que, na função de narrador autodiegético, conta a história, João Gala-Gala, que empresta seu nome ao título, sobrelevando diferentes processos discurso-textuais que interagem na composição das imagens intratextuais, especialmente dessas figuras. Conforme contracapa do livro, a “história, baseada na biografia de Chico António, músico moçambicano, narra uma aventura de um rapaz do campo para as margens das ruas da cidade, onde semeia amigos e histórias e recolhe sons e harmonias com que mais tarde comporá suas canções. Versão ficcionada por Pedro Pereira Lopes a que Luís Cardoso recria em tela, dando-lhe as cores de um cenário fantástico onde o ocre do campo se mescla com as luzes da cidade e dos seus múltiplos meandros”. Lopes, ficcionista moçambicano, com incursões pela poesia e pela prosa, vem, assumidamente, produzindo obras voltadas para os públicos infantil e juvenil. A gênese de *As aventuras de João Gala-Gala* encontra-se em uma música de Chico António, cuja letra, de caráter autobiográfico, narra peripécias pelas quais passou. A história foi transmidiaticamente desenvolvida em narrativa literária por Lopes, baseando-se em referentes acessados na música, que tomou como mundo objetivo de base. Não se pode, contudo, deixar de observar que a música também é mundo ficcional, composto por imagens acessadas no mundo objetivo experienciado por Chico António. Têm-se, assim, o mundo da realidade vivida por Chico António e João Gala-Gala, o mundo ficcional da música de Chico António, o mundo ficcional da narrativa de Lopes, e mundo ficcional das ilustrações de Cardoso.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos narrativos; Mundos de ficção; Figuração de personagens; Ficção moçambicana; Literatura infantojuvenil.

¹ Professor titular da UERJ, dedicado aos estudos narrativos, com ênfase na macroestruturação dos mundos de ficção, especialmente dos mundos do insólito ficcional nas literaturas brasileira, portuguesa e moçambicana, com privilégio para as obras de Murilo Rubião, Mário de Carvalho e Mia Couto.

AFETOS E AFETIVIDADES EM *O GATO E O ESCURO*, DE MIA COUTO

Luciana Morais da Silva ¹

RESUMO: A presente proposta de leitura, cujo objeto é a narrativa *O gato e o escuro*, de Mia Couto, tem por objetivo analisar o modo como os mundos possíveis textuais elaborados pelo escritor são arquitetados, especialmente a partir do conjunto de ações estrategicamente colocadas em prática pelas personagens nela estruturadas. As articulações de mundos que constituem as personagens remarcam, nessa narrativa, a construção de seres peculiares, porém comuns, habilitados a transpor sua ordinariade. Esses mundos possíveis arquitetados configuram-se para a consolidação de uma narrativa plena de afetividade e, ainda, da perspectiva da descoberta a partir do olhar infantojuvenil. A memória afetiva, narrada em textos de opinião do autor, evoca a percepção de múltiplas significações presentes na construção da obra e de suas personagens, principalmente ao estabelecer correlações entre a infância e a condição humanizada de gatos. As emoções presentes na história narrada são conectadas por conjuntos de noções advindas da curiosidade e do aprendizado, próprios da infância. Pretende-se, assim, perceber como a composição dos mundos e submundos de personagens é formulada para alcançar os afetos e as afetividades presentes no cotidiano de uma família. Nessa narrativa, as sombras, bem como a claridade, fazem transbordar conjuntos significativos de memória e história na vida de cada uma das personagens estruturadas. As emoções e os afetos, que constituem as personagens, norteiam a possibilidade da percepção inicial, primária, apreendida a partir da experiência advinda do encontro com o novo e desconhecido. Desse modo, cada personagem estabelece um modo próprio e apropriado de afeto, sendo, por conseguinte, formulada por conjuntos de mundos possíveis articulados estrategicamente para destacar as descobertas da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Narrativos; Mundos Possíveis Ficcionalis; Afetos; Personagens; Memória.

¹ Professora/Tutora da Faculdade Unyleya. Doutora em Letras - Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora em Letras - Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra, em regime de cotutela (2016). Dedicar-se aos estudos narrativos, memória, história, mundos possíveis ficcionais e ao estudo das personagens. Suas pesquisas centram-se no estudo das Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail de contato: luciana.silva.235@gmail.com

7.3 GT 3: Literatura infantil e juvenil e artes visuais

Coordenação:

Dayse Oliveira Barbosa

Goimar Dantas de Souza

Kellen da Silva Nascimento

Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini

Regina Célia Ruiz

Sandra Trabucco Valenzuela

Na aurora da consciência, o homem pré-histórico esboçava suas primeiras narrativas desenhando sobre as paredes de cavernas e sobre superfícies naturais, expressando suas atividades, seus ritos, seus medos e suas expectativas. Os mitos, contados ao redor das fogueiras, foram o despontar da tentativa de compreensão da vida e da morte em seus múltiplos aspectos. A escrita permitiu que narrativas orais e imagens fossem fixadas por meio da representação de signos linguísticos, constituindo a tradição da arte literária. Portanto, os fios da ficção estão intrinsecamente permeados pelo fazer e pelo olhar de outras artes, num diálogo indissociável. Como construto literário, os textos voltados para crianças e jovens estabelecem intertextualidades com manifestações artísticas em suas múltiplas interfaces. Nos termos de R. Barthes, no capítulo “A retórica da imagem”, “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros. [...] A língua de imagem não é apenas o conjunto de palavras emitidas (por exemplo, ao nível do combinado dos signos ou criador da mensagem), é também o conjunto das palavras recebidas: a língua deve incluir as ‘surpresas’ do sentido” (1990: 32; 39). O presente GT convida a refletir sobre a interlocução entre literatura infantil e juvenil e a imagem, compreendidas como experiências com a ilustração, seja no livro impresso ou suportes digitais, artes plásticas, fotografia e produções audiovisuais.

HERÓIS CONECTADOS: ANALISANDO A EXPERIÊNCIA GAMER BRASILEIRA NA LITERATURA JOVEM CONTEMPORÂNEA

Clara de Moraes Souza ¹

Sofia dos Santos Soares de Azevedo ²

RESUMO: League of Legends, Overwatch, Among us... A cultura de jogos online não para de crescer. Nas últimas décadas, tal crescimento gerou uma expansão de mercado para diversos lugares do planeta em um processo que ultrapassou os países centrais, decisivos ainda na elaboração e produção dessa cultura, e passou a incluir regiões do globo tipicamente marginalizadas. Nessa expansão e transformação, outros campos, como o literário, passaram a contribuir no desenho dessa complexa organização cultural em boa medida mundializada - um livro chave para a relação entre a cultura *gamer* e a literária é *Jogador Número 1*, do autor americano Ernest Cline. O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre as transformações recentes na cultura ao mesmo tempo literária e *gamer* brasileira, que se deu com a aparição de vozes comumente abafadas dentro de uma comunidade majoritariamente masculina e branca. Temos a finalidade de mostrar quais pontos da experiência do jovem *gamer* são destacados no livro, além de analisar como se desenvolve a representação brasileira para criar uma nova identidade de jogador que a difere das narrativas de lugar-comum norte-americanas de gênero, etnia e sexualidade. Para essa investigação, partiremos de dois livros para jovens escritos por autoras brasileiras nos últimos anos: *Heróis de Novigrath* (Spindler, 2018) e *Conectadas* (Alves, 2019). Utilizaremos como base teórica as pesquisas de Condis (2016) e Stratemeyer et al. (2017), que focam no estudo da identidade *gamer* estereotipada, assim como suas subversões, e a tese de Ryals-Luneberg (2020), que explora o conceito de representatividade na mídia jovem contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura jovem; Identidade Gamer; Diversidade em Livros Gamers.

¹Graduanda de Licenciatura em Letras: Português-Francês na UFRJ. Coordenadora do NUPLIJ – Núcleo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil (Laboratório da Palavra – PACC/UFRJ). Bolsista PIBIC-UFRJ. E-mail: clara.moraessouza@letras.ufrj.br

²Graduanda de Licenciatura em Letras: Português-Francês na UFRJ. Integrante do NUPLIJ – Núcleo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil (Laboratório da Palavra – PACC/UFRJ). E-mail: sofiasoares@letras.ufrj.br

**A IMPORTÂNCIA DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
E BUDA DESABOU DE VERGONHA E A GANHA-PÃO**

Dayse Oliveira Barbosa ¹

RESUMO: Este trabalho visa à análise comparativa de como o ato de narrar histórias constitui o fundamento do enredo do filme iraniano *E Buda desabou de vergonha* (direção de Hana Makhmalbaf) e da animação irlandesa *A ganha-pão* (direção de Nora Twomey), a fim de compreender como a sétima arte apresenta ao público do século XXI a força da narração de histórias para crianças inseridas em contexto de guerra. Ambos os filmes narram as atrocidades cometidas contra as meninas pelo regime Talibã no Afeganistão. Em *E Buda desabou de vergonha*, Bakhtai, uma garota analfabeta, decide ir à escola após ouvir o vizinho lendo uma pequena história na cartilha de alfabetização dele. Essa história determina a busca de Bakhtai ao longo do filme. Já em *A ganha-pão*, Parvana é uma garota que tenta sobreviver lendo e escrevendo cartas para os outros; nos conflitos do cotidiano, a trajetória dela é marcada pelas narrativas da oralidade. Assim, por meio de Bakhtai e Parvana, nota-se que o ato de narrar histórias, tão elementar à Humanidade, torna-se o pilar dessas meninas expostas à crueldade do fundamentalismo Talibã. Percebe-se que tanto *E Buda desabou de vergonha* quanto *A ganha-pão* evidenciam que o ato de narrar de histórias sobrepõe-se à opressão social, política e religiosa a qual as protagonistas estão submetidas, além de ser possível de transformar-se em matéria-prima de outras expressões artísticas, como o audiovisual. Serão consideradas neste trabalho as contribuições teóricas de Mohsen Makhmalbaf (2001), Alessandra Meleiro (2006), Marcel Hassin (2007), Regina Machado (2015), Fábio Henrique Nunes (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Narração de histórias; Afeganistão; Criança; Audiovisual.

¹ Doutoranda em Letras na Universidade de São Paulo. Mestra em Letras na mesma universidade. Integrante do Grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens. Professora de Língua Portuguesa da rede estadual de São Paulo. E-mail: oliveirab2010@gmail.com

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO E OS LUGARES-COMUNS DO MANGÁ PARA JOVENS

Emerson Aparecido dos Santos Bezerra ¹

RESUMO: O termo mangá foi cunhado por *Katsuhika Hokusai* (1790-1849), sendo a junção dos caracteres *man* (“involuntário”) e *ga* (“desenho/imagem”), e tornou-se sinônimo de caricaturas e produtos de humor gráfico (MOLINÉ, 2004, p. 18). Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Japão torna-se mais receptivo às influências ocidentais e os *mangakas*, como são denominados os autores de mangás, passaram a incorporar elementos de outras culturas às suas histórias, sendo *Osamu Tezuka* o maior representante desse período na indústria dos *comics* japoneses. Os mangás são classificados de acordo com o público-alvo (CASTELLO; SCILABRA, 2014, p. 177), considerando o sexo e a faixa etária, e são comercializados em revistas específicas. O objetivo desta proposta é refletir acerca da classificação, características e tópicos recorrentes dos mangás classificados como *shonen*, ou seja, mangás direcionados aos jovens do sexo masculino, com especial atenção ao mangá *Saint Seiya*, traduzido para o português como *Os Cavaleiros do Zodíaco*, de autoria de *Masami Kurumada*. Partindo dos estudos de Luyten (2012) sobre a classificação dos mangás e das revistas em consonância com as reflexões de Moliné (2004) sobre características deles. Dessa forma, espera-se compreender quais são os assuntos, frequentemente, associados aos *shonen*, levando em consideração as proposições e os exemplos de Gravett (2006) sobre “o mundo dos meninos” (GRAVETT, 2006, p. 63) e relacionando-os com o mangá *Saint Seiya*. Entre os resultados esperados, podem-se citar o levantamento dos lugares-comuns (CURTIUS, 1984) que compõem os mangás direcionados aos jovens do sexo masculino e como eles auxiliam no processo de formação do leitor (GUSMAN, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Mangá; Shonen; Os Cavaleiros do Zodíaco; Lugar-comum.

¹ Mestrando em Estudos Literários na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob orientação da Profa. Dra. Lucia Sano, pesquisando a recepção de mitologias clássicas no mangá *Os Cavaleiros do Zodíaco*, de *Masami Kurumada*. E-mail: emersonbezerra81@gmail.com

**QUANDO A LITERATURA ENCONTRA O MORDOMO DO APOCALIPSE
NO LIVRO PARA JOVENS**

Flávia Maria Reis de Macedo¹

RESUMO: O presente estudo oferece uma análise teórico e crítica do livro *Dentro de Mim Ninguém Entra*, de José Castello, que criou uma narrativa literária para dialogar com a produção artística de Arthur Bispo do Rosário. O livro que une Literatura e Artes Visuais foi produzido e publicado pela Berlendis & Vertecchia Editores, sendo levado ao público em 2016, obtendo primeiro lugar na categoria juvenil do 59º Prêmio Jabuti. O trabalho pretende demonstrar nossa investigação sobre o diálogo interdisciplinar entre as duas linguagens verbal e visual – constantes no mesmo suporte – o livro para jovens. Os leitores são contemplados com duas linguagens artísticas distintas que abarca a escrita de um célebre jornalista e pesquisador e o universo artístico e visceral de Bispo do Rosário, que não se encaixava no circuito de galerias, bienais e museus tradicionais. Partimos do pressuposto de que a arte é uma linguagem natural das pessoas, portanto, um dos fatores essenciais de humanização, amplia a compreensão do leitor, lapidando seu olhar e sensibilidade a respeito do mundo e de si mesmo (OSTROWER, 1987:23), de maneira que, os diálogos entre duas diferentes linguagens que se enlaçam, criam um produto histórico-social contemporâneo. A obra de arte literária não é um fato consumado e imóvel, mas é algo em movimento, trazendo inscritas marcas de sua gênese, diálogos e absorções desde o seu nascimento, de modo que estamos sempre transformando a leitura desses processos (PERRONE-MOISÉS, 2006: 94). Por isso, nos propusemos ao presente desafio: transformar o nosso olhar com o movimento que percorre as fronteiras das artes, viabilizando discussões atuais sobre o seu verdadeiro papel diante dos jovens leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; Bispo do Rosário; Diálogos Interartes.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo e doutoranda na área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa da FFLCH-USP, com trabalho de pesquisa e de escrita criativa voltados à Literatura Infantil e Juvenil.

**O DOCE VENENO DA PRINCESA: A POTÊNCIA DE *BRANCA DE NEVE*
NO CONTO DOS IRMÃOS GRIMM E NO FILME DA DISNEY**

Goimar Dantas de Souza ¹

RESUMO: O objetivo desta comunicação é refletir sobre os motivos que nos levam a permanecer com uma história na cabeça por toda a vida em um mundo tão repleto de narrativas, sejam elas impressas ou imagéticas. O que estaria por trás, por exemplo, do sucesso do conto *Branca de Neve*, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, cuja protagonista, a vilã e os coadjuvantes seguem marcando presença no imaginário coletivo? O que possibilita a essa história atravessar os séculos, sobrevivendo a gerações sucessivas de contadores, críticos, leitores e criadores que vêm se dedicando às releituras ininterruptas desse conto, tanto na literatura quanto nas artes visuais? Essas são algumas das questões que tentaremos responder explorando a releitura icônica do conto dos Grimm, publicado no início do século XIX, no filme *Branca de Neve e os Sete Anões* (Hand, 1937), realizado pelos Estúdios Disney. Uma produção que, acreditamos, contribui muito para que essa história siga arrebatando corações e causando discussões em todo o mundo. Para isso, buscaremos amparo teórico nas pesquisas de Jack Zipes, Linda Hutcheon e Maria Tatar, que, em suas análises, estabelecem diálogos com a literatura e sua transposição para outras artes.

PALAVRAS-CHAVE: Branca de Neve; Conto literário; Cinema.

¹Jornalista e escritora. Doutoranda em Estudos Comparados, FFLCH-USP. Integrante do GPPLCCJ. É autora de livros de diversos gêneros e foi finalista do Prêmio Jabuti com a biografia Cortez – A saga de um sonhador (2010), em coautoria com Teresa Sales. E-mail: goimar@usp.br

A CRIAÇÃO DE PERSONAGENS PARA LIVROS INFANTIS COMO PROCESSO DE DIALOGISMO E EXOTOPIA CRIATIVA A PARTIR DAS CONSIDERAÇÕES BAKHTINIANAS

Janaina do Carmo Lourenço ¹

RESUMO: A pesquisa apresenta um relato de experiência relacionado à atividade de criação de personagens de livros infantis como processo de dialogismo e exotopia criativa. A justificativa é a ausência de exercícios de transposição de linguagens no curso Design Gráfico, bem como a escassez de material sobre o tema no mercado nacional, pois os livros e estudos normalmente se dirigem à análise das obras e raramente ao processo de criação, estimulando escrita/produção artística. Objetivos específicos: 1) analisar exercícios utilizados para produção dos alunos de Design Gráfico, desenvolvida na disciplina Oficina de Texto (2009 a 2019); 2) aperfeiçoar exercícios para criação de personagens que compõem livro infantil, técnicas e estratégias a partir de diversas fontes da arte, educação e linguística, exploradas e ressignificadas conforme interesse e necessidade, tanto durante a construção do livro, como em futuras pesquisas, abordagens e propostas de trabalho. Espera-se contribuir com material que ofereça métodos de construção (imagens/textos), apoiado em repertório variado, vindo de vivências pessoais e tradições da literatura e outras artes, exploradas em aula e indicações bibliográficas. Os Pressupostos teóricos são sobre a linguagem verbal e não verbal, a partir do dialogismo bakhtiniano e exotopia na criação de personagens. Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa e documental, pois analisa, um corpus que consiste na produção dos alunos de Design Gráfico e no conjunto de processos realizados na disciplina de Oficina de Texto, que colaboraram para realização de livros infantis. Os resultados esperados são a contribuição para oficinas de criação de personagens para livros infantis, além de gerar material de proposição para outros professores que se interessem pelo trabalho de criação de livros infantis.

PALAVRAS-CHAVE: Criação de personagens; Transposição de linguagem; Dialogismo e exotopia bakhtiniano.

¹ Mestranda - Linguística Aplicada/UNITAU (2023), pesquisadora do GEPLÉ, especialista História da Arte/ FAAP (2003), graduada em Arquitetura e Urbanismo/UNITAU (2000) e Formação Pedagógica em Artes Visuais/UNOPAR (2021). Autora do Material Didático. Professora nas áreas: Artes, Oficina de Texto etc. jl_jana@hotmail.com

NARRATIVA VISUAL: A COMPOSIÇÃO CROMÁTICA DE O MÁGICO DE OZ

Kellen da Silva Nascimento ¹

RESUMO: A presente comunicação propõe a análise das cores da obra fílmica *O Mágico de Oz* (Victor Fleming, 1939). *The Wonderful Wizard of Oz* (*O Maravilhoso Mágico de Oz*, tradução nossa), título original da obra literária do escritor estadunidense Lyman Frank Baum (1856-1919), publicado em 1900 e, quase quarenta anos depois, inspirou a obra de Victor Fleming. Após vários tipos de adaptações, entre eles, musicais, curta-metragem em preto e branco e produção muda, o longa-metragem *O Mágico de Oz* (Victor Fleming, 1939) consagrou-se como a primeira produção colorida e com som para o cinema baseada na obra de L. Frank Baum, sendo determinante, para tanto, o recurso tecnológico disponível à época, o sistema de colorização Technicolor. A narrativa fílmica em questão tece a jornada de Dorothy Gale, uma jovem que vive em uma fazenda no Kansas com sua tia Em, seu tio Henry e o cãozinho Totó. Certo dia, por meio de um ciclone, Dorothy e Totó são levados à Terra de Oz, onde conhecem o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde. A fim de voltar para casa, a garota, junto com seus amigos, embarca em um percurso em busca do Mágico. O aspecto saturado da composição cromática, sob a estreita relação entre imagem e narrativa, contribui para a associação da produção fílmica de Fleming ao campo da fantasia. Assim, a partir do conceito de “fenômeno perceptivo” (MERLEAU-PONTY, 2006), esta comunicação busca aferir a potência das cores na fotografia cinematográfica de *O Mágico de Oz* (Victor Fleming, 1939), compreendendo de que forma a composição cromática se comporta e produz sentidos no interior da estrutura narrativa. Para compreensões acerca das percepções ótica e neurológica das cores e, também, ponderações sobre o movimento da câmera, GUIMARÃES (2000) e XAVIER (2019), respectivamente, mostram-se referências fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: Cor; Oz; Narrativa; Cinema; Fotografia Cinematográfica.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: kellen.nascimento@usp.br

TEXTO E IMAGEM: A COERÊNCIA INTERSEMIÓTICA NA ANÁLISE
DAS OBRAS *O MAR QUE BANHA A ILHA DE GORÉ* (2014) E
ABECÊ DA LIBERDADE: A HISTÓRIA DE LUIS GAMA (2015)

Lucas Corte Alves de Souza ¹

Fernando Guimarães Saves ²

RESUMO: Esta comunicação visa abordar a produção de sentido de representações simbólicas na literatura infantil, levantando relações entre palavra e imagem que indiquem caminhos de interpretação e recriem contextos narrativos de acordo com a intencionalidade da produção. Na literatura infantil, a ilustração surge frequentemente associada ao texto verbal, concretizando um interacionismo sócio-semiótico capaz de potencializar significados. Em um primeiro momento, abordaremos a produção de sentido resultante da interação semiótica texto-imagem, também conhecida como coerência intersemiótica, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da semiótica discursiva. Considerando os níveis de função da ilustração propostos na relação intersemiótica a partir da intercessão de imagens e palavras, discutiremos os possíveis três graus de coerência: a convergência, o desvio e a contradição. Analisar a coerência entre ilustração e texto significa avaliar de que forma e em qual medida a ilustração converge para os significados do texto, podendo reafirmar, desviar ou contradizer esses eixos. Considerando-se isso, analisaremos, em um segundo momento, as obras nacionais de literatura infantil: *O mar que banha a ilha de Goré* (2014) de Kiusam Oliveira e, por fim, *Abecê da liberdade: a história de Luis Gama* (2015) dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. Berger, em seu livro *Modos de ver* (1999), relata que a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Portanto, sempre que olhamos algo, estamos olhando para a relação que conseguimos estabelecer com nós mesmos. A partir dessa ideia e a de que a obra artística se realiza na interação com quem a experimenta, abordaremos o debate crítico-social que se levantou a partir da publicação da obra *Abecê da liberdade*, em torno da interpretação romantizada das viagens dos navios negreiros. Para concluir, avaliaremos de que forma a interação do texto com as ilustrações colabora para a criação do contexto narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Coerência intersemiótica; Retórica visual; Ilustração; Literatura infantil.

¹ Especialista em Narrativas Visuais pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e graduando de Letras Português/Inglês pela Fundação Educacional de Fernandópolis-SP. E-mail: lucascortezas@gmail.com

² Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Bolsista Capes. E-mail: fernando.gsaves@hotmail.com

INCLUSÃO E LITERATURA ÁRABE INFANTIL: O PAPEL DA IMAGEM

Maria Carolina Gonçalves ¹

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo tratar da inclusão e do papel da imagem nos livros infantis “Yunis”, da autora de origem libanesa nascida no México Amal Naser, e “Os passarinhos coloridos de Adel”, da escritora infanto-juvenil libanesa Fatima Sharafeddine, traduzidos do árabe para o português. O primeiro foi publicado pela editora Tabla em 2021 e o segundo será lançado em breve pela mesma editora. A tradução da literatura para crianças e adolescentes passa por desafios como a busca de uma linguagem adequada para esses públicos, que não seja facilitada demais nem complexa em excesso, uma vez que dificilmente se pode recorrer a recursos como prefácios e notas explicativas. De acordo com Riitta Oittinen (2000), uma das dificuldades ao se trabalhar com essas literaturas se deve ao fato de que não existe um consenso sobre as definições de criança, infância e literatura infantil, o que dificulta a busca da linguagem apropriada para o texto. Nos livros em questão, Yunis é um menino com Síndrome de Down e com uma destacada habilidade culinária. Ele prepara doces que entrega secretamente para as outras crianças da vizinhança. Adel é um menino surdo que faz pássaros coloridos de papel como passatempo favorito. A surdez não é informada pela autora, mas sim desvendada pela pessoa que lê (ou ouve) a história ao longo das páginas. Nos dois casos, as ilustrações são fundamentais para que se compreenda a narrativa e para que quem folheia o livro se aproxime do universo das duas crianças. A tradução dessas histórias teve como primeiro momento a “leitura” das imagens e procurou, no texto em português, promover o diálogo entre as palavras e as ilustrações.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Literatura Árabe; Literatura Infantil; Tradução Literária.

¹ Mestranda pelo Programa Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) da Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Letras-Árabe e em Jornalismo pela USP. Traduziu “Yunis” e outros livros infantis para a editora Tabla. Atua como tradutora e professora de árabe e português. E-mail: maria2.goncalves@usp.br

DESVELANDO O MUNDO MÁGICO DE ANDRÉ NEVES

Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini ¹

RESUMO: “Não se olha a imagem como se olha um objeto. Olha-se segundo a imagem” (MERLEAU-PONTY apud ALLOA, 2017). Refletir sobre as imagens no mundo contemporâneo ainda pode ser considerado um tema pertinente frente à proliferação contínua de imagens que ocorre em nosso tempo. Pensar imagens de forma reflexiva e contemplativa é um grande desafio. A leitura de ilustrações nos possibilita seguir este caminho, uma vez que possuem “características próprias e modos distintos de ver, ler e interpretar seus significados: é ao mesmo tempo temporal e atemporal” (OLIVEIRA, 2011). A proposta desta comunicação é pensar a relação palavra e imagem nas obras *Tom* (2019), *Nuno e as coisas incríveis* (2016) e *Entre nuvens* (2012), do autor e ilustrador André Neves (1973). Essas obras possuem traços marcantes e a presença da ilustração como protagonista da narrativa é muito forte. A inquietação inicial veio do desejo de conhecer a poética de Neves, investigar quais caminhos percorre no entrelaçar entre palavras e ilustrações, entre formas, cores e letras, entender um pouco deste longo processo criativo, buscar suas referências visuais e formais, mergulhar a fundo neste território lúdico e de grande imaginário criativo. Como base teórica, serão consideradas as obras de Cecilia Almeida Salles, *Gesto inacabado* (2011), que traz uma ampla pesquisa sobre o processo de criação em manifestações diversas, como arte, literatura, teatro, cinema, assim como *Redes de Criação* (2016), que fornecem uma sustentação para esta pesquisa; além de produções de Linden (2017) e Nikolajera e Scott (2011), para refletir conceitos sobre livro ilustrado; e Santaella e Noth (2008) e Didi-Huberman (2013) para embasamento e definições sobre o conceito de imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ilustração; Literatura; Arte; Criação.

¹ Doutora em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Professora de Artes no Colégio São Domingos. Arte-educadora, pesquisadora e artista visual. Faz parte do grupo de pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens. E-mail: prnannini@uol.com.br

**DA MITOLOGIA À ARTE DE BEATRIZ MARTÍN VIDAL:
AS IMAGENS POÉTICAS DE “A BELA ADORMECIDA”**

Regina Célia Ruiz ¹

RESUMO: As primeiras notícias que temos sobre a comunicação humana nos remetem ao uso das imagens. O homem, antes de falar e escrever, já desenhava, o que nos faz refletir sobre a importância da linguagem não-verbal no transitar das nossas narrativas. As pinturas rupestres, feitas por nossos antepassados, são importantes registros para documentar o percurso da humanidade. Nos fios dessa trajetória, elegemos os contos de fadas como importantes histórias que alimentam os infindáveis enigmas humanos, cujas soluções camuflam-se a cada leitura, releitura, adaptações, incitando o leitor a buscar respostas para as suas próprias questões existenciais. Entre esses contos clássicos, temos o da princesa que passou cem anos adormecida, aguardando o príncipe, uma narrativa que compõe o repertório imaginário de várias gerações, transitando por contextos, espaços, linguagens e suportes diversos. Neste trabalho, analisaremos “A Bela Adormecida”, enlaçando suas primeiras reminiscências desde a mitologia, até chegarmos à obra de Beatriz Martín Vidal que, ao transpassar o estrato verbal, amplia as perspectivas do nosso olhar. A força das formas, expressões e cores apresentadas por Vidal dinamiza profunda provocação, por carrear fios da memória desse imaginário denso e da complexidade da essência da alma feminina, a qual figura no vórtice da conhecida trama. Utilizaremos, como fundamentação teórica, os estudos de Giorgio Agamben, Georges Didi-Huberman, Aby Warburg, entre outros, fomentando a confluência que se dá com a união entre as protagonistas de cada versão, fazendo-nos chegar à obra da artista Beatriz Martín Vidal, que carrega de poeticidade o entrecruzar de palavra e imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas humanas; A Bela Adormecida; Contos de Fadas; Palavra; Imagem.

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**EDWARD MÃOS DE TESOURA E A BELA E A FERA:
RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NOS CONTOS DE FADA**

Sandra Trabucco Valenzuela ¹

RESUMO: *Edward Mãos de Tesoura* (Edward Scissorhands) é um filme norte-americano, com produção da 20th Century Fox, lançado em 1990, e que conta com a criação e direção de Tim Burton, roteiro de Caroline Thompson. Este longa metragem define-se como uma narrativa ficcional pertencente ao âmbito do maravilhoso, ambientado numa época indefinida, e que dialoga com aspectos sombrios da estética gótica e da estética *steampunk*. No presente trabalho, estuda-se a produção cinematográfica e sua intertextualidade com o conto de fadas *A Bela e a Fera*, originalmente publicado em 1740 por Madame de Villeneuve, na França. Entretanto, para esta análise, é utilizada a “versão de Madame Leprince de Beaumont, lançada em 1756, na coletânea *Le Magasin des enfants*. A história foi resumida, concentrando-se na trama que envolve o Amor entre a Bela e a terrível Fera” (VALENZUELA, 2021, p. 35). O objetivo deste trabalho é identificar os pontos de contato entre as duas narrativas, analisando a construção dos protagonistas de *Edward Mãos de Tesoura* – Edward e Kim Boggs – e a intertextualidade com a Bela e a Fera, na versão de Madame de Beaumont, inseridos num contexto de características góticas e da estética *steampunk* (CARROTT; JOHNSON, 2013). Para este estudo, Linda Hutcheon oferecerá o arcabouço teórico relativo à adaptação, enquanto Samoyault (2008) esclarecerá a relação intertextual que se estabelece nesta análise inserida nos estudos de literatura comparada. Para abordar os contos de fadas, serão utilizadas as obras de Coelho (1984, 2003), entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Edward Mãos de Tesoura; A Bela e a Fera; Tim Burton; Madame Leprince de Beaumont; Conto de Fadas.

¹ Doutora em Literatura pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), com Pós-Doutorado em Literatura Comparada pela FFLCH USP; Mestrado em Literatura pela FFLCH USP; Especialista em História da Arte e Cinema; Docente dos cursos de Comunicação da Faculdade das Américas FAM, integrante do grupo de Pesquisa Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens. E-mail: sandratrabucco@uol.com.br

7.4 GT 4: Livros para infâncias no século XXI: materialidades e autorias

Coordenação:

Juliana Pádua Silva Medeiros

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Cristiano Camilo Lopes

A produção literária do século XXI, endereçada às infâncias, vem impondo grandes desafios conceituais e metodológicos aos pesquisadores, em especial, no que se refere às materialidades das obras publicadas, sejam elas em suportes impressos, digitais ou híbridos. Isso se dá pelo fato de que, cada vez mais, os projetos gráfico-editoriais têm explorado a tipografia, a cor, a textura, o som, o movimento, o formato, a montagem, o acabamento, a dobra, entre outros elementos constituintes, enquanto linguagens na construção dos sentidos. Esses complexos e inusitados arranjos sónicos, que articulam palavra, imagem e design de forma imbricada, ampliam não apenas as possibilidades de significação, como se tem observado, mas também impactam as noções de livro, autor, leitor, leitura e mediação. Diante de tudo isso, neste GT, busca-se congregiar tanto investigações acadêmicas quanto relatos de experiências, que circundam o universo das obras literárias, publicadas a partir dos anos 2000 para bebês e crianças, discutindo, por exemplo: as configurações estéticas dos livros contemporâneos (ilustrados, objetos, aplicativos e transmidiáticos); as materialidades como instâncias discursivas; os conceitos de autoria nas produções multissemióticas; os perfis leitores do século XXI; os processos de recepção dos livros interativos; os obstáculos colocados ao mercado editorial e ao mediador de leitura ao lidar com essas novas textualidades, entre outros.



**MATERIALIDADE À PROVA: HIBRIDISMO E PROJETO GRÁFICO
EM *LORDE CREPTUM*, DE GUSTAVO PIQUEIRA**

Aline Lima Pinheiro ¹
Nellihany dos Santos Soares ²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir a materialidade presente no livro-objeto *Lorde Creptum* (2015), do designer gráfico e literato Gustavo Piqueira. Através de um complexo texto híbrido palavra-imagem, tem-se um cuidadoso projeto gráfico que explora as diferentes linguagens advindas de fotografias antigas de um álbum de família, anúncios de revistas das décadas de 20, 30 e 40 (que podem servir como paratextos) e trecho de *História da Província de Santa Cruz* (editado em 1576), do historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo. Somado a esses recursos, destacam-se elementos como a capa sem texto verbal e com imagens intrigantes na cor preta, branca e roxa; a sobrecapa (mini-pôster com técnica de encadernação francesa) com informações iniciais sobre a obra; e tipografia ora roxa, ora preta. O grande diferencial desta obra está no fato de que as imagens vêm antes do texto escrito, isto é, ao contrário da maioria dos livros, Gustavo Piqueira brinca com o processo de criação literária, tecendo uma narrativa criativa, divertida e investigativa. Ao discutir a importância do papel de um designer no projeto gráfico do livro, Hendel (2003) afirma “os designers estão para os livros assim como os arquitetos estão para os edifícios[...]escrevem especificações para fazer livros do mesmo modo que os arquitetos escrevem para construir edifícios”. Livro-objeto ou álbum de fotografias que desperta certa nostalgia de tempos idos?! Esta é a sensação que *Lorde Creptum* deixa no leitor, e embora seja um livro juvenil, através da mediação adequada, também pode ser apreciado por leitores infanto-juvenis. O trabalho contempla uma abordagem de cunho bibliográfico e que faz uso de um aporte teórico que leva em consideração estudos de RAMOS (2017), NAVAS E JUNQUEIRA (2019), CHARTIER (1999), CAMARGO (1995), PINHEIRO E TOLENTINO (2019), PAIVA (2010), NIKOLAJEVA E SCOTT (2011), LINDEN (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Lorde Creptum; Materialidade; Hibridismo; Projeto gráfico; Literatura infantojuvenil.

¹ Mestra em Letras/UNIFESSPA; professora do ensino fundamental e médio da rede privada de Marabá; professora da UNAMA. E-mail: pinheiro.alinee@gmail.com

² Mestra em Letras; Professora do Instituto Federal do Pará- IFPA Campus Belém. E-mail: nellihany@gmail.com

UM DIA DE NEVE E A (IN)FÂNCIA EM EZRA JACK KEATSE

Cássia Maria Rita Vianna Bittens ¹

RESUMO: A obra “Um dia de neve” aterrissou no Brasil há poucos meses, sendo publicada originalmente nos Estados Unidos em 1962. Nesse espaço temporal de sessenta anos, a versão nacional editada pela Companhia das Letrinhas, pareceu propor duas narrativas em um mesmo livro: no primeiro, a história do garoto Peter, que vê a neve pela primeira vez descobrindo novas paisagens e brincadeiras e, no segundo, a história do premiado autor Ezra Jack Keats que inaugurou, em sua trajetória profissional, um novo estilo artístico com a criação deste título. Keats com colagens de folhas plásticas decoradas e tecidos, também carimbos artesanais, pareceu captar as miudezas comuns às infâncias. Assim, esta comunicação tem como objetivo demonstrar o formato híbrido da publicação, duas histórias unidas na mesma capa, guarda e miolo e suas materialidades como também o entrelaçamento das (in)fancias da criança Peter e do autor Ezra. Para tanto, recorreremos ao conceito de Literatura de Infância proposto por Maria José Palo (2017) e apresentado na I Jornada do Grupo de Pesquisa (CNPq) A voz escrita infantil e Juvenil PUC-SP, onde a autora explicita que a língua da infância é apartada do desenvolvimento infantil, e portanto, da idade cronológica, sendo uma experiência a-histórica e atemporal. Como desdobramento teórico, serão demonstradas brevemente e sucintamente a ideia de Lampejos, proposta pelo filósofo alemão Walter Benjamin (2013), em *A rua de mão única - infância berlinense 1900*. E também os conceitos de *in-fans* e *experiência* sugeridos por Giorgio Agamben (2005) em *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de infância; Literatura de bebê; livro de bebê; Um dia de neve; Ezra Jack Keats.

¹ Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisa o livro endereçado preferencialmente a primeira infância bem com a mediação de leitura literária com bebês e crianças pequenas.
cassia.bittens@gmail.com

**UMA LEITURA DO CONCEITO DE INFÂNCIA NAS ILUSTRAÇÕES
DA OBRA LIVRO I, DA SÉRIE BRAGA**

Cristiano Camilo Lopes¹

RESUMO: Nesta comunicação objetiva-se analisar o conceito de infância que subjaz às ilustrações do *Livro I, da Série Braga*. A Série integrou os denominados livros de leitura (bem cultural utilizado no contexto escolar) que exerceram influência na formação de leitores literários no Brasil. As discussões aqui apresentadas voltam-se para uma abordagem histórico-contextual a respeito dos livros de leitura nos fins do século XIX e na primeira metade do século XX. Levando em consideração o *corpus* analisado nesta comunicação, sinaliza-se que a temática da infância, que subjaz às ilustrações da obra em questão, é digna de investigação. Entende-se que, por meio desta investigação, poderão ser delineadas concepções de infância que vigoraram no contexto escolar de circulação do *corpus* selecionado, e que ainda podem permear algumas produções literárias voltadas ao público infantil na contemporaneidade. O eixo teórico desta investigação compreende a história da literatura infantil e juvenil brasileira (Arroyo, 2011; Coelho, 2010; Lajolo, Zilberman, 2010; Zilberman, 2003), história da leitura no Brasil (Silva, 2012; Monarcha, 2001; Leite, 2001; Puccia, 2003) e ilustração (Linden, 2011; Oliveira, 2008; Góes, 2009).

PALAVRAS-CHAVE: Infância; livros de leitura; Série Braga; Erasmo Braga; Ilustração.

¹ É docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM, e atua como professor-pesquisador nos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia. Possui pós-doutorado em Letras (USP), é doutor (USP), mestre (USP), e licenciado em Letras (Português) (Centro Universitário Claretiano).

UM DESTAQUE PARA AS MARGENS: A INTERAÇÃO LÚDICA ENTRE LIVRO
E LEITOR NA OBRA *ESTE LIVRO COMEU O MEU CÃO!*

Daniel Fernandes da Silva ¹
Valéria Cordeiro Oliveira ²

RESUMO: O teor lúdico presente no livro em sua materialidade vem ganhando destaque dentro da literatura infantil e juvenil contemporânea, atraindo não apenas crianças e jovens ao mundo literário como também estudos sobre o tema e questões que envolvem o livro e suas diversas possibilidades de leitura. Pretende-se, a partir desta proposta, analisar aspectos que apontam para a materialidade da obra *Este livro comeu o meu cão!* (2015), do autor Richard Byrne, que faz uso do texto, da ilustração e do manuseio para gerar uma multissemiótica de sentidos. No enredo o leitor é convidado a interagir com o livro após o desaparecimento do cão *Bolota* que foi “comido” pelas margens centrais, destino sofrido por outros personagens que tentaram encontrá-lo, cabendo à protagonista, com ajuda do leitor, dar um “jeito” na confusão, chacoalhando o livro até que as margens coloquem para fora o que foi “comido” ou o que está desaparecido. Assim, o leitor precisa se apropriar da materialidade da obra para dar sentido ao texto e isso tudo ele faz interagindo com o livro, ou seja, ele se transforma em um coautor do texto, já que precisa agir, assim como a personagem para ajudá-la a salvar o cão. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, respaldada pela contribuição teórica de autores como Girão (2017), Pivetti (2021), Santaella (2012), Feltre (2015), D’angelo (2013), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade; Literatura infantil e juvenil; Margens.

¹ Graduado em Letras Português, mestrando em Letras (POSLET) e bolsista (FAPESPA), pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: danielfernand37@gmail.com

² Graduada em Letras Português e mestranda em Letras (POSLET), pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: valeriakordeirooliveira@gmail.com

O PROTAGONISMO NEGRO NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DO SÉCULO XXI: UMA BREVE ANÁLISE

Edson Rodrigo de Azevedo ¹

RESUMO: Tendo como norteadoras as relações entre a literatura para as infâncias e as questões raciais e, ainda tendo como mote, a contemporaneidade das publicações literárias, levantaremos algumas problematizações diante deste cenário: como as produções literárias do século XXI voltadas para as infâncias têm trazido o protagonismo negro? Como as imagens são apresentadas nas obras literárias de matriz africana e afro-brasileira na atualidade? Como o negro tem sido retratado nessas obras? Diante dessas questões iniciais, nos debruçaremos sobre as narrativas literárias que têm trazido no seu bojo um olhar para a cultura africana e afro-brasileira e que, a partir de 2003, com a promulgação da Lei 10.639/03 assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) impulsionou o mercado literário no que tange à temática. Nesse sentido, faz-se necessário destacar que as produções do presente século buscam romper com estereótipos e marcas racistas nas obras literárias, por vezes naturalizadas. Diante disso, este trabalho de comunicação tem por objetivo analisar e problematizar algumas características presentes nas produções para a infância, das últimas décadas, com foco no protagonismo negro, partindo das suas divergências. Dentre as obras, destacaremos as seguintes: *Xixi na cama*, de Drummond Amorim (1985), *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (2000), *Benedito*, de Josias Marinho (2019) e *Com qual penteado eu vou*, de Kiusam de Oliveira (2021). A partir dessas obras, estabeleceremos diálogos com referenciais teóricos partindo das pesquisas de Eliane Debus (2012, 2017), Heloísa Pires Lima (2005) e Kabengele Munanga (2005) e de alguns outros pesquisadores da área.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias; Literatura infantil; Protagonismo negro.

¹ Doutorando em Educação pela UNESP e Mestre em Educação pela mesma universidade. Atua como coordenador pedagógico na rede municipal de ensino de São José do Rio Preto -SP e é membro do Grupo de Pesquisa CEPLLI Centro de estudos e pesquisas em Leitura, Literatura e Infância. E-mail: rodrigoazevedo.educacao@gmail.com

TER UM PORTUGUÊS É ÚTIL OU O QUE VEIO ANTES

Eunícia Barros Barcelos Fernandes ¹

RESUMO: Apresentar a literatura para a infância – notadamente atuais materialidades de algumas obras - como experiência potente e sensível na construção conceitual do conhecimento histórico é o objetivo primordial da comunicação. Na defesa de uma educação estética e na intenção de romper com paradigmas da história escolar (que apresentam visões históricas simplistas e deturpadas, distantes da complexidade da vida), analisarei a experiência leitora das obras *Ter um patinho é útil*, de Isol (2007) e ... *E o que veio antes?*, de Carolina Moreyra e Marcia Misawa (2017). Considero que tais leituras são vivências sensíveis capazes de construir uma perspectiva de ação da alteridade, fundamental para a construção de um conhecimento decolonial que rompa com estereótipos eurocêntricos. O título da comunicação anuncia o argumento em parte, qual seja: o protagonismo indígena, através da apropriação do título de Isol e no uso deliberado do título de Moreyra e Misawa como uma alternativa, ponderando não apenas a posse nativa dos colonizadores como sua antecedência no espaço. A análise das duas obras se fará em articulação ao conteúdo histórico da colonização portuguesa nas Américas, especificamente a relação entre indígenas e não-indígenas. Como referências preliminares, cito uma reflexão sobre design e materialidade *Das coisas nascem coisas*, Bruno Munari (1998); sobre a intrínseca relação entre razão e sentimento no cognoscível, destaco, da neurociência, a hipótese do marcador somático: *O erro de descartes*, Antonio Damázio (2012) e a reflexão antropológica de David Le Breton em *Antropologia dos sentidos*, (2016); sobre as implicações do sensível e da crítica à razão moderna, destaco *Educação estética*, Pedro Hussak e Vladimir Vieira (2011) e a reflexão *Entrenotas*, do geógrafo Cassio Hissa (2013); por fim, sobre decolonialidade *Histórias locais/projetos globais*, Walter Mignolo (2003) e sobre uma atual perspectiva histórica, *razão histórica*, Jörn Rüsen (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade; Alteridade; História; Sensível; Conhecimento.

¹ Pós-doutorado em Ensino de História (UFMG), Doutora em História Social (UFF), Mestre em História Social da Cultura (PUC-RIO) e Graduada em História (UFRJ). E-mail: euniciaf@gmail.com

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: ANÁLISE DA OBRA
INFANTIL ILUSTRADA *PROCURA-SE LOBO* (2005), DE ANA MARIA MACHADO

Fabricia Jeanini Cirino Pinto ¹

Clóvis Maurício de Oliveira ²

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma possibilidade de análise, a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999), do livro *Procura-se lobo* (2005), escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Laurent Cardon. A obra, no ano de sua publicação, recebeu o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria criança, e em 2006, conquistou o Prêmio Ofélia Fontes – O melhor para criança, FNLIJ (Hours Concours). Ao longo de cinco décadas, Ana Maria Machado vem sofisticando sua técnica narrativa e continua a surpreender leitor e crítica. Como seus textos são polissêmicos, sua leitura não se esgota, suscitando, por consequência, novas interpretações. *Procura-se lobo* narra a busca de Manoel Lobo por um emprego e as aventuras, vividas por ele, após alcançar o objetivo. Valendo-se do recurso à dialogia, a obra retoma contos de fadas, canções, autores de fábulas e personagens da mitologia romana, tais referências são capazes de instigar o pequeno leitor, cativando-o à leitura. Constrói-se a hipótese de que sua leitura possui função social, na acepção de Hans Robert Jauss (1994), pois, pelo viés lúdico e crítico, volta-se para o leitor, requerendo o emprego de sua capacidade de dedução, observação e reflexão, além de sua memória transtextual, composta por outras leituras e vivências culturais. Desse modo, acredita-se que, por apresentar valor estético em seu texto verbal e imagético; recorrer a temas contemporâneos e universais; estabelecer dialogia com textos provenientes da oralidade e da tradição; fomentar relação de colaboração entre texto verbal e não verbal; e exibir vazios na estrutura textual, a obra pode cativar o leitor e ampliar seus horizontes de expectativa.

PALAVRAS-CHAVE: Livro ilustrado; Dialogia; Estética da Recepção; Formação do leitor.

¹ Mestra e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Assis, SP, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira. E-mail: fabriciajeanini@gmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Assis, SP, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira. E-mail: clovis.oliveira4@etec.sp.gov.br

**A EXPERIÊNCIA DE CRIAR, MATERIALIZAR E SE AUTOPUBLICAR –
JORNADA DE UM LIVRO “MALCRIADO”**

Fernando Antônio Siqueira Ferreira ¹

RESUMO: Pode-se ver a infância como os primeiros anos da vida de um humano, ou também, ir além desse conceito, algo que Bachelard denomina como um “estado de alma” ou Larrosa (2019, p. 230), “a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento”. Indo ao encontro dessas indagações a respeito da infância e o que se espera de um livro infantil, buscando uma certa liberdade do fazer/pensar aliado à busca de um fazer artístico, o autor e ilustrador Fernando Siqueira criou o Pequeno Livro de Malcriações para Crianças Bem Criadas, derivado de seu Trabalho de conclusão de Curso em Licenciatura na UFMG, fruto de suas experiências na educação infantil: um livro Pop-up, independente e, hoje, autopublicado, de confecção artesanal, inicialmente publicado em 2016, mediante um financiamento coletivo em parceria com a Crivo Editorial; e atualmente, impresso e montado pelo ALMA (Ateliê de Livros Malcriados) uma microeditora levada pelo próprio autor. O livro busca questionar, de forma lúdica, os valores que os adultos e as instituições transmitem à criança, além de criar um conceito de liberdade na infância, uma forma de ser/estar no mundo, que possa existir dentro do livro e ser proporcionada pelo livro, uma ingenuidade inquisidora. Permeado pela experiência da autoria e da autopublicação, o relato busca compartilhar os passos da gênese do livro, suas motivações, indagações, desafios e as questões referentes ao fazer artístico e à autoria, bem como questionar o que é um livro para infância, o que é adequado ou não a uma criança.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Publicação independente; Livro pop-up; Livro para infância.

¹ Mestrando em Estudos de Linguagens no CEFET-MG na área de Edição, bacharel e licenciado em Artes Visuais pela UFMG, ilustrador e autor independente. Idealizador do ALMA, Ateliê de Livros Malcriados e membro do grupo de estudos pesquisa LLEME (Leitura Literária, Edição e Ensino). É autor dos livros Pequeno Livro de Malcriações para Crianças Bem Criadas e Figuras de Liberdade – Memórias de um Artista Viajante. E-mail: fernandos_ferreira@yahoo.com.br

A MATERIALIDADE DO LIVRO: *BARTLEBY, O ESCRIVÃO* – UMA HISTÓRIA DE WALL STREET, DE HERMAN MELVILLE

Francisca Cláudia Borges Fernandes ¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a materialidade e os elementos constituintes do livro impresso *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, de Herman Melville, os quais contribuem para os efeitos de sentido e a experiência da leitura literária. Publicado pela editora brasileira Ubu, em 2017, o livro, neste trabalho, é indicado para o público infantojuvenil, a partir do trabalho de mediação literária em sala de aula. Partindo de Benjamin (2002, p. 54): “os autores de livros infantis almejam a participação do leitor na beleza descortinada pela sua obra” e chegando a teóricos do livro-objeto, percebe-se que a obra que se apresenta para as infâncias, do século XXI, torna-se um objeto que explora possibilidades estéticas visuais e táteis com foco no *design* e na arquitetura de papel. A materialidade do livro de Herman Melville, nessa edição de 2017, com projeto gráfico de Aline Valli, Elaine Ramos e Lívia Takemura, apresenta uma experiência desafiadora, desde o ato de descosturar a capa, até a fruição da leitura expandida através dos sentidos, por meio do brincar de abrir as páginas, cortando-as com um marcador que vem em anexo. Portanto, trata-se de um processo contínuo de significação, com enunciações subjetivas de leituras e experiência de mundo. O estudo considera uma abordagem de cunho bibliográfico e faz uso de um aporte teórico de Almeida; Navas (2021), Barthes (2015), Benjamin (2002), Cosson (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Livro-objeto; Materialidade; Mediação literária; Projeto gráfico, design.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do sul e sudeste do Pará; membro do Grupo de estudos e pesquisa em Literatura Infantojuvenil. E-mail: claudiabf395@gmail.com

**MATERIALIDADE BRINCANTE NO LIVRO-OBJETO O CARTEIRO ENCOLHEU,
DE JANET E ALLAN AHLBERG**

Gabriela Pereira da Silva ¹

Jéssica Ibiapino Freire ²

RESUMO: O trabalho tem como objetivo analisar a ludicidade a partir das materialidades do livro-objeto “O carteiro encolheu” dos escritores e ilustradores Janet e Allan Ahlberg. A obra traz, por meio do design gráfico, ilustrações e demais itens, um convite brincante ao leitor contemporâneo. No primeiro contato, há uma interpelação à abertura de um envelope contendo um cartão e uma lupa, que instigam o leitor a adentrar a narrativa. Esses acessórios guiarão o público pelos diversos caminhos encantados do carteiro, que, a propósito, também cresce ou diminui de acordo com o trecho da aventura. Essa construção contribui para a experimentação da fantasia de uma história atravessada por outros clássicos como, “Alice no País das Maravilhas” e o “O Mágico de Oz”, que aqui ganham outros significados. Convidados a manipular o livro como “objeto-carta”, “objeto-mapa” e “objeto-livro”, o leitor se vê impelido a despertar outras habilidades que o auxiliarão na leitura do todo. O livro-objeto, por exemplo, conduz o olhar a outros elementos que, no sistema literário tradicional, não eram percebidos como parte da narrativa; o texto escrito, neste caso, passa a ser mais um deles e não necessariamente o centro da literariedade. Para tanto, servirão de base alguns teóricos que se debruçam sobre essa nova forma de estudar literatura, tais como: Ramos (2011), Pereira (2017), Almeida e Navas (2021), Linden (2018), Salisbury e Styles (2013), Barthes (2015), Benjamin (2002) e Navas (2019). Assim, estudar o livro-objeto e sua materialidade é um dos caminhos para analisar literatura, que, tradicionalmente, vê no texto verbal muitas vezes, a principal fonte de análise. Essa abordagem, a partir de outros elementos, como a capa, as ilustrações e a tipografia do livro, por exemplo, subverte a ordem natural dentro do sistema canônico das discussões sobre o que é Literatura infantojuvenil.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-objeto; Materialidade; Ludicidade; Literatura infantojuvenil.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará; membro do Grupo de estudos e pesquisa em Literatura Infantojuvenil. E-mail: gabiescola2018@gmail.com

² Mestranda em Letras pela UNIFESSPA e bolsista Fapespa. E-mail: jessica.ibiapino@unifesspa.edu.br

**O LIVRO DAS CAPITAIS: VIDEOLIVRO INTERATIVO AUTORAL, BILÍNGUE
(LIBRAS / PORTUGUÊS), PARADIDÁTICO, COM POESIAS E NOÇÕES DE GEOGRAFIA
PARA OUVINTES E SURDOS NO BRASIL**

Gisela Maria de Castro Teixeira ¹

RESUMO: O LIVRO DAS CAPITAIS é um projeto multidisciplinar, envolvendo pessoas de diferentes faixas etárias e com formações diversas, para criar uma plataforma interativa, com as histórias *Um voo sobre as capitais brasileiras*, lançado pela Zucca Books, em 2019, escrito por Gisela de Castro, selecionado para os Catálogos de Bolonha e AEILLJ 2020, recebendo Menção Honrosa pela União Brasileira de Escritores do RJ e finalista do Prêmio Jabuti 2020, na categoria juvenil. O projeto recebeu, ainda, 4 indicações no RIO WEBFEST, como melhor série educacional, série brasileira, performance de não ficção e ideia original. São cinco livros, um para cada região do país, que juntos formam o mapa do Brasil, como um quebra-cabeça. Cada região “clicável” leva para novos mapas com os estados brasileiros e o usuário monta seu passeio, escolhendo qual das 27 cidades deseja visitar, na ordem e espaço de tempo preferidos. O objetivo de construir a plataforma interativa visa disponibilizar e democratizar o acesso ao projeto, no qual o público pode montar sua própria trajetória de navegação e aprender sobre o Brasil de forma divertida e poética. Assim, surgiu o *site* www.olivrodascapitais.com.br, especialmente para crianças, jovens e educadores. As cinco regiões do Brasil, representadas por recortes gráficos, sugerem as fronteiras geográficas do país, de forma animada e interativa. Por ser disponibilizada de forma gratuita e livre para todos os públicos, esta plataforma serve como uma proposta divertida de entrar em contato com a geografia do país e procurar pistas sobre a diversidade da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Videolivro interativo; Geografia; Poesia; Português; Libras.

¹ Aluna do mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC) da ECO / UFRJ, licenciada em Ciências Biológicas pela UFRJ, produtora cultural, editora, escritora, atriz e contadora de histórias. E-mail: olivrodascapitais@gmail.com

PROCESSO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: AS MATERIALIDADES NO LIVRO NO MATO

Gisele Federizzi Barcellos ¹

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo trazer o relato de experiência de uma artista independente, a partir do seu fazer artístico-literário e acerca das materialidades que compõem o livro para as infâncias *No mato*. Para tanto, apresentar-se-á a estrutura móvel da obra, produzida em 2019, pela autora Gisele Federizzi Barcellos, discorrendo sobre as possibilidades de significação. A referida produção artesanal tem uma arquitetura física conhecida como dobra infinita, que reforça a potência cíclica da narrativa. O *design* (forma + dimensão + cor + jogo de palavras) aposta na estratégia de repetição, convidando o pequeno leitor a pedir "De novo! De novo!" ao fim (mas há um fim?). Nesse movimento de interação em que se começa por onde quiser, o leitor - sujeito ativo na construção dos sentidos - explora as materialidades, enquanto linguagem estética, experimentando uma leitura não linear, a qual rompe com o padrão e ordem capa->miolo->contacapa (isso é possível pelo formato quadrado das "páginas"). Na manipulação performática do objeto livro, dentro do seu próprio ritmo e tempo, o leitor mobiliza todo o corpo, potencializando a dimensão lúdico-sensório-perceptiva (jogar, virar, adivinhar, surpreender-se), bem como sonora (rimas, intensidades e alturas vocais) e visual (cores, disposição na "páginas" e imagens que se metamorfoseiam e se reorganizam) a cada nova virada de dobras. À luz de Benjamin (2002), Carrión (1995), Debus & Spengler & Gonçalves (2020), Derdyk (2013), Galvão (1995), Huizinga (1993), Naves & Junqueira (2019) e Silveira (2001), e Zumthor (2007) propõe-se, então, debruçar teoricamente sobre o próprio processo de criação artístico-literário, o qual compreende o leitor, como coautor dos sentidos, uma vez que ele é o sujeito que interage brincando, criando e recriando os elementos pictóricos e textuais presentes na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Fazer artístico-literário; Literatura infantil; Livro-objeto; Materialidades; No Mato.

¹ Membro do grupo de estudo e pesquisa Literatura Infantil e Juvenil (CNPq-UNIFESSPA), especialista em Literatura Infantil, pelo Instituto Vera Cruz, SP. Formada em Artes Plásticas pela UFRGS. Fundadora do blog @KidsIndoors, escritora e ilustradora. E-mail: gisele.artes@gmail.com

“A GRANDE VIAGEM DA SENHORITA PRUDÊNCIA” – UMA ANÁLISE DO LIVRO-
IMAGEM COMO OBJETO DE REFLEXÃO DE CONFIGURAÇÃO
TRANSMÍDIA CULTURAL E ESTÉTICA

Jacira Casciano da Costa ¹

Flávia Brocchetto Ramos ²

RESUMO: O livro-imagem “*A Grande Viagem da Senhorita Prudência*” foi selecionado para fins de análise e objeto de reflexão. Originário do francês, as ilustrações de Charlotte Gastaut (2011) apresentam como características as seguintes funções: expressiva, estética, narrativa, lúdica e metalinguística (Ramos e Panozzo, 2004). Com a materialidade repleta de traços em cores vibrantes, texturas variadas, páginas com vazados e recortes que configuram uma estética de ilusão ótica em 3D, que prometem interações entre a obra literária e os leitores de todas as idades. Em termos de ilustração, ainda existe uma discussão a respeito da iniciação de leitura de imagens para crianças. Partindo deste prisma, devemos considerar que o sentido da visão é um dos primeiros órgãos a se desenvolver antes dos primeiros balbucios. Oliveira (2008), afirma que a verdadeira imagem narrativa para crianças deve ser aquela que surge pelo encantamento, harmonia e respeito ao incipiente cognitivo visual do leitor com os objetos do universo conhecidos desde a mais tenra idade. Certamente, teríamos muito mais leitores apreciadores das artes literárias compreendendo que a experiência da leitura não é somente cognitiva, como também pode e deve ser sensível aos olhos (Ramos e Nunes, 2016). A apreciação através da alfabetização visual proporciona à criança não apenas a leitura da imagem, como também a valorização e a importância da beleza das letras, dos espaços em branco, das cores, do suporte, da diagramação das páginas e da relação estética entre as camadas dentro das imagens. Contudo, diante das variações culturais, das novas tecnologias e narrativas de comunicação, a fim de potencializar a apreciação estética, acompanhamos alterações no modo de utilizar as ferramentas, já que o fomento (Martins e Ramos, 2014) da transmídia vem oferecendo diferentes suportes literários interativos, desde o papel até a tela (Ryan, 2013; Lima e Lessa, 2014).

PALAVRAS-CHAVE: Livro-Imagem; Transmídia; Suportes; Materialidades.

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação em Literatura Infantojuvenil: Da Composição à Educação Literária pela UCS (Universidade Caxias do Sul). E-mail: jacira_oceano@hotmail.com

² Professora Adjunto I na Universidade de Caxias do Sul. Doutor e Mestre em Letras pela PUCRS. E-mail: fbramos@ucs.br

**SIGA ESTA LINHA: MATERIALIDADE E NOVAS PERSPECTIVAS DE LEITURA
PARA O LIVRO ILUSTRADO**

Júlia Parreira Zuza Andrade ¹

RESUMO: A comunicação discute de que maneira a materialidade do livro ilustrado oferece novas maneiras de ler o artefato, ampliando seus sentidos. Para tal, foi selecionada a obra *Para onde vamos quando desaparecemos?* (2011) da editora portuguesa Planeta Tangerina. O livro ilustrado é um tipo editorial composto na intersecção de imagens, palavras e suporte, em que cada uma das linguagens colabora na construção da narrativa. A materialidade de elementos como cores, *design* gráfico, tipografia e outros, cada um com sua especificidade, não são elementos secundários no livro, e juntos desenvolvem uma dinâmica que faz com que o livro ganhe mais camadas de interpretação. A obra em questão aborda a morte e a transformação em diferentes aspectos e possui como fio condutor uma linha gráfica que atravessa toda a história e altera seu formato no desenvolvimento narrativo. A comunicação propõe uma leitura do exemplar a partir das transformações ocorridas nessa linha, seja na cartela cromática ou em sua espessura, como em seu enquadramento e na relação sequencial das páginas, acompanhando o diálogo entre o texto verbal e material. A partir dessa discussão, o trabalho busca refletir a respeito da relevância de uma análise mais orgânica do livro ilustrado, de maneira a apontar novas possibilidades de decodificação literária do objeto, colaborando para o desenvolvimento tanto do repertório literário dos mediadores de leitura (professores, bibliotecários, pais) como para os estudos no campo da literatura infantil e leitura de imagens. Como arcabouço teórico, o trabalho irá basear-se em estudos a respeito da materialidade, multimodalidade, ilustração, leitura de imagens, livro ilustrado e *design*, usando como principal aporte teórico Linden (2011, 2015), Belmiro (2012, 2015), Ramos (2017), Silva (2020), Kaiser (2015), Nikolajeva e Scott (2011), Lee (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Livro ilustrado; Materialidade; Mediação de leitura; Planeta Tangerina.

¹ Doutora em Materialidades da literatura e mestre em Literatura de língua portuguesa: investigação e ensino pela Universidade de Coimbra. juliazuza@gmail.com

O FLIPBOOK (RE)DESCOBERTO: O PROJETO GRÁFICO E A LEITURA DO MOVIMENTO EM O MENINO QUE VIROU CHUVA

Luara Teixeira de Almeida ¹

Diana Navas ²

RESUMO: O século XXI tem sido período de ampla exploração das diversas linguagens da literatura de infância, sejam elas verbais, visuais ou gráficas e suas maneiras de construção de sentidos. É comum encontrar, entre elas, a utilização de técnicas de outras formas artísticas, a parte da tradição literária, criando assim relações interartes e aumentando as possibilidades narrativas. Dessa forma, nos propomos a analisar um livro ilustrado que renovou uma linguagem há muito tempo conhecida, para a criação de uma obra literária. A técnica utilizada é a do *flipbook* - ou folioscópio - , que são livretos com sequências de imagens que, ao serem folheados em velocidade, dão a sensação de movimento. O livro nacional *O Menino que virou chuva* (2020), de Yuri de Franco e Renato Moriconi, publicado pela Editora Caixote, portanto, apresenta-se como corpus desta comunicação, ressignificando o formato flipbook, agora dentro da literatura de infância e explorando os elementos do projeto gráfico em sua montagem. Criando uma narrativa potente e inovadora, essa obra também nos faz refletir sobre a relação com o leitor, uma vez que demanda um novo movimento de leitura, não tradicional, em que esse leitor passa a ser também um coautor, que precisa descobrir como fazer acontecer a animação no próprio objeto livro. Para colaborar com nossa proposta, traremos teóricos como Nikolajeva e Scott, Sophie Van Der Linden, Ulisses Carrión e Patricia Waugh, a fim de pensarmos essas linguagens e processos de leitura de um livro que inova o cenário da literatura de infância, (re)apresentando uma técnica desenvolvida em pleno século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de infância; Flipbook; Projeto gráfico; Materialidade.

¹ Doutoranda e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, graduada em design gráfico e pós-graduada em direção de arte, membro do grupo de pesquisa A Voz Escrita Infantil e Juvenil: práticas discursivas, da PUC-SP. E-mail: luaraalmeida13@hotmail.com

² Pós-doutora pela Universidade de Aveiro, Doutora em Letras pela USP e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Atua como coordenadora e professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. E-mail: diana.navas@hotmail.com

**IMPACTOS DA MATERIALIDADE DO LIVRO EM SALA DE AULA:
A MEDIAÇÃO DA LEITURA**

Maria Eliete Silva Pereira ¹

RESUMO: Este relato de experiência tem como objetivo discutir o quanto a leitura, que perpassa a infância dentro das salas de aula, ao atingir o Ensino Médio pode continuar a ser instigante, relatando a reação de estudantes do Ensino Médio ao se depararem com uma obra do universo infantil, e como a materialidade dessa obra contribui para um mergulho em questões tão caras para o adolescente, fazendo com que se sinta entusiasmado em ler e compartilhar uma leitura, sem a preocupação de ser submetido a uma avaliação quantitativa. Na infância, no ambiente escolar, a leitura faz parte do cotidiano das crianças. Quando avançam para o 6º ano, a leitura continua presente de diversas formas, inclusive como contação de histórias. Quando esses jovens atingem o Ensino Médio é comum que as questões de vestibulares, Enem, SAEB e Saresp sobreponham-se à leitura que convida ao deleite. Por isso, este relato aborda uma experiência vivenciada em sala de aula com os estudantes do Ensino Médio, a partir da obra infantil *Pinóquio – O Livro das Pequenas verdades* do escritor Alexandre Rampazo, uma obra em que o leitor é surpreendido com a sensação de estar diante de um espelho, de ser instigado a fazer uma autoavaliação com perguntas como: Quem sou eu? Quem eu quero ser? O que quero ser? Para tanto, este relato é apresentado à luz dos especialistas Candido (2017), Dantas (2019), Junqueira e Navas (2019), Pinheiro e Tolentino (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Espelho; Imagens; Leitura; Materialidade, Mediação.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; membro do Grupo de estudos e pesquisa em Literatura Infantojuvenil. E-mail: elietecarvalhosilva@gmail.com

LIVROS PARA MORAR: A REPRESENTAÇÃO DA(S) CASA(S) EM LIVROS LITERÁRIOS PARA A INFÂNCIA

Maria Laura Pozzobon Spengler ¹

Juliana Pádua Silva Medeiros ²

RESUMO: Partindo das concepções teóricas de *livro ilustrado* e de *livro-objeto*, esta comunicação tem por objetivo refletir acerca das representações de casa(s) em obras literárias contemporâneas endereçadas às infâncias, de modo a explorar não somente a temática, mas também as formas e os formatos dos livros na construção dos sentidos. Sob essa perspectiva, analisar-se-ão os títulos *Casa*, de Mário Alex Rosa (2020); *Essa casa que é só minha*, de Cláudio Fragata e Simone Matias (2020); coleção *Folclore da casa* (composta pelos livretos *Casa pequena*, *Casa assombrada* e *Casa de pouca conversa*), de Angela Lago (1993); *Lá e aqui*, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes (2015); *Minha casa azul*, de Alain Serres e Edmée Canard (2009); *Na casa deles*, de Edith Chacon e Priscilla Ballarin (2020); *Se eu fosse uma casa*, de Carol Fernandes (2020), e *Um livro pra gente morar*, de Silvia Oberg e Daniel Cabral (2018), visando discutir sobre como as escolhas das materialidades, que compõem cada um dos objetos livros, alargam as experiências leitoras, bem como as camadas sócio-culturais. À luz de Debus, Spengler & Gonçalves (2020), Medeiros (2021), Navas & Junqueira (2019), Ramos (2017), Spengler (2017), Van der Linden (2011), entre outros pesquisadores, serão abordadas as representações lúdicas, estéticas e sensíveis de casa(s) a partir da articulação entre palavra, imagem e *design*: espaços físico-sociais de afeto e refúgio, metáforas plurais de maneiras de existir e se relacionar. Por meio de tal exercício crítico-analítico, propõe-se, então, contrapor os diferentes artifícios literários que tornam os livros-casa irresistíveis, os quais convidam os leitores para experimentar múltiplas possibilidades de leitura, ampliando horizontes de significação.

PALAVRAS-CHAVE: Casa; Literatura Infantil; Livro-Objeto; Livro Ilustrado.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pedagoga pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Vice-líder do Grupo de Pesquisas Literárias: Atualmente é Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: lolyzinhaspengler@gmail.com

² Doutoranda bolsista em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), mestre em Letras pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Membro dos grupos de pesquisas "Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens" (USP) e "Literatura Infantil e Juvenil" (GEPLIJ-UNIFESSPA). E-mail: julianapadua81@gmail.com

A NAVE VAI E SUAS FORMAS DE NAVEGAÇÃO

Mariana Amargós Vieira ¹

RESUMO: A produção literária infantil e juvenil, nos últimos anos, tem explorado diversas modalidades de linguagens, provocando múltiplas experiências literárias. Atualmente algumas editoras vêm investindo em produções que convidam o leitor à interação com o suporte livro e outras tecnologias. É o caso do livro *A nave vai*, escrito e narrado por Jorge du Peixe e ilustrado por Rodrigo Visca, publicado pela editora Barbatana (2020). O livro apresenta a inserção de um qr-code, em uma arte, em formato de vinil e o leitor, utilizando um celular, direciona a câmera para este qr-code que o dirige para uma página do youtube, onde tem acesso a uma narração em forma de videoclipe, realizada pelo próprio escritor. Essa forma de interação não é nova. Muitos livros apresentam qr-code convidando o leitor à interação e oportunizando crianças e jovens a ampliarem sua experiência leitora. À luz de Debus, Spengler e Gonçalves (2020), Santaella (2004), Lajolo e Zilberman (2017), Navas e Junqueira (2019), Lacerda e Mattos (2018), o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *A nave vai*, em sua materialidade, formato, diagramação, tipografia, ilustrações e acabamentos gráficos; além, é claro, do convite que é feito para o leitor desfrutar de uma leitura no meio digital, e como a multimodalidade provoca diferentes leituras e experiências cognitivas, além da fruição estética.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Multimodalidade; Linguagens, Interação digital.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do grupo de estudo e pesquisa Literatura Infantil e Juvenil da UNIFESSPA. E-mail: marianaamargos@gmail.com

**MERGULHO NAS MATERIALIDADES DO LIVRO-OBJETO LAGO:
REFLEXÕES CONCEITUAIS**

Juliana Pádua Silva Medeiros ¹
Patrícia Aparecida Beraldo Romano ²

RESUMO: Nos últimos anos, muitos pesquisadores têm se debruçado sobre o livro-objeto, haja vista que se trata de um artefato cultural amplamente aberto à experimentação de suas materialidades. Estudos das mais diversas áreas (Letras, Pedagogia, Design, Comunicação etc.) voltam-se para os projetos gráfico-editoriais, tantas vezes inusitados, observando como o acabamento, a tipografia, o formato, a montagem, a textura, bem como seus outros elementos constituintes, impactam na exploração dos sentidos: tanto os apreendidos pelas leituras dos objetos, quanto os despertados no corpo durante as performances leitoras. Esta comunicação, por sua vez, pretende discutir novas relações entre os livros, os leitores e leituras a partir da análise da obra *Lago*, de Anna Luiza Guimarães e Keila Knobel, publicada de forma independente em 2019. Para tanto, à luz de Carrión (2011), Chartier (2012), Debus, Spengler & Gonçalves (2020), Derdyk (2013), Linden (2011), Medeiros (2021), Navas & Junqueira (2019), Paiva (2010), Pivetti (2019), Ramos (2017), Silva (2020), Zumthor (2018), entre outros, busca-se mergulhar nas materialidades do livro-objeto supracitado para: 1. refletir como as escolhas estéticas (a cor, o traço, a dimensão, a dobra etc.) convidam o leitor a gestos e olhares de descobertas, oportunizando uma leitura performática lúdica capaz de mobilizar processos sensoriais-perceptivos-cognitivos complexos, e 2. discorrer sobre as noções de livro, autoria e leitura na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria; Leitura; Literatura Infantil; Livro-Objeto; Materialidade.

¹ Membro dos grupos de pesquisas "Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens" (USP), "O discurso pedagógico de Paulo Freire: uma leitura" (UPM) e "Literatura Infantil e Juvenil" (UNIFESSPA), no qual é vice-líder. Doutoranda bolsista em Letras (UPM). E-mail: julianapadua81@gmail.com

² Membro dos grupos de pesquisas "Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens" (USP) e "Literatura Infantil e Juvenil" (UNIFESSPA), no qual é líder. Pós-doutoranda em Letras (USP) e professora adjunta na graduação e pós-graduação (UNIFESSPA). E-mail: paromano@unifesspa.edu.br

MÃOS, OLHOS E CORPO: O CONVITE À LEITURA EM
TALES FROM OUTER SUBURBIA DE SHAUN TAN

Rebecca Seiko Moreira Iyama ¹

RESUMO: A apresentação pretende compreender como funcionam as construções de sentido no livro *Tales from outer suburbia*, escrito e ilustrado por Shaun Tan. Com efeito, serão analisados os elementos internos do texto verbal, bem como o estudo de tais manifestações textuais no plano expressivo. Ambas as partes se complementam e criam determinados efeitos de sentido. O olhar para a coexistência destas, plano do conteúdo e plano da expressão, revela, via semiótica, o momento de leitura do texto ao formar um plano de expressão sincrético. Trata-se de um espaço intermediário onde residem, ao mesmo tempo, o projeto enunciativo, o narrador, o enunciatário e também o sujeito pressuposto que manuseia o livro. Juntos fundam momentos da mesma realidade ao evocarem mãos-olhos-corpo. Para tal investigação, utilizaremos os trabalhos basilares em semiótica discursiva. Do mesmo modo, os estudos de autores ligados à literatura para infância e o estudo do livro ilustrado. Esta pesquisa é crucial para entendermos o funcionamento interno de um livro que, não raro, carrega em suas páginas a faceta controversa entre o que se enxerga e o que se presta verbalmente. No dissecar da obra encontramos um descompasso, em estatuto denunciativo, entre narradores, técnicas de ilustração, díspares ritmos de enredo, que juntos formam o mosaico deste livro-objeto. A capa e a folha de rosto beneficiam e são provas do quadro proposto por Tan. No que interessa à literatura para a infância, podemos refletir sobre o grau de complexidade interpretativa e motivação da curiosidade dos temas representados para assim, não estarmos distantes do primordial fazer pedagógico. Antes de contar sobre poemas perdidos, animais extraordinários que surgem em lotes vazios, feriados sem nome e toda a sorte de miscelâneas que formam a coletânea de contos, trata-se de um livro que se põe à crítica e que oferece uma experiência leitora sem distinção etária.

PALAVRAS-CHAVE: Livro ilustrado; Shaun Tan; Livro-objeto; Semiótica discursiva; Literatura Infantil.

¹ É graduanda em Letras com habilitação em inglês-português pela USP. Também atua como educadora na área de inglês e literatura. É monitora do Programa de Acolhimento ao Estudante Cotista da USP. Está, atualmente, em sua segunda Iniciação Científica sob o estudo do tema literatura infantil. E-mail: becca@usp.br

AS POSSIBILIDADES ESTÉTICAS E A INTERTEXTUALIDADE NO
LIVRO ÔNIBUS, DE MARIANNE DUBUC

Renata Junqueira de Souza ¹

Jamile Rossetti de Souza ²

RESUMO: Ao pensar nas pesquisas sobre a educação literária, quando pensamos nas relações que os leitores estabelecem com o objeto livro, torna-se cada vez mais estruturante levar em conta as diferentes dimensões de leitura (SOUZA, 2019). Olhando especialmente para a dimensão objetal, a materialidade das obras para crianças tem uma relevante função, fazendo até mesmo parte das narrativas (Corrêa; Pinheiro; Souza, 2019), interferindo e modificando, não somente as proposições de mediação, como produzindo novos textos, à medida que os leitores exploram paratextos e se apropriam de projetos gráficos. Este trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades de trabalho com o livro *Ônibus*, da escritora e ilustradora canadense Marianne Dubuc, por meio das dimensões objetal, modal e relacional do livro (Souza, 2019). Também analisaremos aspectos da intertextualidade e dos paratextos (Nikolajeva; Scott, 2011) e suas relações com a compreensão do narrativo. O livro mostra uma viagem de ônibus em que entram e saem vários personagens, além de mudanças dentro do veículo, que mobilizam a compreensão de uma narrativa moldura. Além disso, o objeto livro precisa da ação direta e próxima do leitor mais experiente, bem como a percepção e o diálogo constante com o repertório prévio, devido às personagens e suas ações ao longo da viagem. A obra é visualmente atrativa e os elementos “não ditos”, que dependem da percepção do leitor, são parte da dimensão objetal do livro. Esses “silêncios” são estruturantes para o processo de fruição. A obra, além de dialogar com o repertório do leitor e novas discussões, mostra-se base para mais conexões e silêncios.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade; Dimensões de leitura; Educação Literária.

¹ Professora na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Presidente Prudente) na graduação em Pedagogia e na pós-graduação em Educação. Coordena o Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil CELLIJ. E-mail: recellij@gmail.com

² Professora efetiva da Universidade Federal de Roraima - UFRR, lotada no Colégio de Aplicação – CAp, atuando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E-mail: jamileross@gmail.com

A MATERIALIDADE DA OBRA *DOSSIÊ SACI*, DE MARGARETH MARINHO E DANIEL RODRIGUES (ILUSTRAÇÕES), SOB O ENFOQUE DE LIVRO-OBJETO

Sâmia Regina Mourão de Sousa ¹

RESUMO: Este trabalho busca discutir as materialidades da obra *Dossiê Saci*, de Margareth Marinho com ilustrações de Daniel Rodrigues, sob o enfoque de livro-objeto. Segundo ela, essa obra é uma réplica de um original encontrado numa prateleira de fundo falso de uma escrivania do século XVIII. Partindo da personagem advinda do imaginário popular nas narrativas orais e recontos, o livro apresenta-se como uma pasta, arquivo ou fichário tal qual o nome sugere. Uma documentação lúdica dessa figura consagrada na literatura infantil do século XX, especialmente, pelas publicações de Monteiro Lobato. Para tanto, utilizamos a 2ª edição da obra, de 2017, com o prefácio de Celso Sisto e o trabalho artesanal de Maria Polessa, mas lembramos que a primeira edição, publicada em 2008, já trazia na capa um apelo à materialidade ao apresentar uma peneira de caçar saci e um vidro para aprisioná-lo. A edição de 2017 aparece com capa de pano, páginas envelhecidas e costuradas à mão. Na obra, Margareth Marinho reúne todas as informações conhecidas acerca do saci e conta a trajetória de vida da entidade folclórica e o que é preciso para caçá-lo. Logo, uma experiência investigativa, lúdica, brincante, porque convida o leitor a se envolver na caçada ao saci e singular, dentre as diversas releituras e recontos encontrados no mercado editorial, que de igual modo se apropriaram dessa personagem, merecendo ser lida e discutida com os discentes do Ensino Fundamental. Nossos estudos estão pautados em Navas (2019); Navas e Junqueira (2019), Ramos (2017), D'Angelo (2013), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-objeto; Releituras; Recontos; Saci; Materialidade.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Uberaba e graduanda em Letras Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Bolsista PIBIC-UNIFESSPA (2020-2021), membro do grupo de pesquisa GEPLIJ. E-mail: saminha.ss@unifesspa.edu.br

**LETRAMENTO LITERÁRIO EM *CLARICE*: A POTÊNCIA DO
LIVRO-OBJETO NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Simone Seifert Deffente Migliari ¹

RESUMO: Considerando a importância da leitura do livro-objeto na formação escolar, esta comunicação objetiva uma análise da premiada obra *Clarice*, publicada em 2018 pela editora Global. O texto é assinado pelo renomado escritor e ilustrador brasileiro Roger Mello, laureado com o Hans Christian Andersen (HCA), o mais destacado prêmio mundial de literatura infanto-juvenil. Em *Clarice*, Roger Mello divide a autoria da obra com o sobrinho Felipe Cavalcante que, apesar de jovem, é reconhecido pelo seu trabalho como ilustrador e artista plástico. Obra premiadíssima, *Clarice* recebeu da Câmara Brasileira de Letras o prêmio Jabuti como melhor projeto gráfico em 2019; atravessou as fronteiras nacionais e, assim como outras obras de Roger Mello, entrou para a coleção White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude (IJB), em Munique, Alemanha. *Clarice* não é apenas um livro ilustrado, trata-se de um livro-objeto dada à amplitude de sua materialidade. Diante da necessidade de uma abordagem diferenciada dessa obra em sala de aula, buscamos respaldo em teóricos e pesquisadores que discutem a leitura em obras que rompem as fronteiras do texto verbal, autores que sinalizam caminhos que deem conta da complexidade do livro-objeto. Pensar o letramento para dar conta do texto verbal já não basta, é necessário que o jovem aprenda a reconhecer a interdependência entre os códigos presentes em uma obra para que eles consigam dar conta simultaneamente das múltiplas camadas de leitura existentes no livro-objeto. Nesse sentido, a relevância do projeto gráfico de *Clarice* convida à discussão sobre possíveis percursos de leitura que considerem as associações entre forma e conteúdo, podendo despertar reflexões interessantes que possam contribuir na formação do aluno-leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Escola; Leitura; Aluno; Livro-objeto.

¹ Mestre em Letras (UPM) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ/UNIFESSPA). E-mail: simone.migliari@cmc.com.br

7.5 GT 5: Infâncias em situações limite: literatura, educação e humanização

Coordenação:

Joana Marques Ribeiro

Luciana de Paula

Luciane Bonace Lopes Fernandes

Este GT procura lançar um olhar reflexivo sobre a produção literária sob alguns aspectos principais: o primeiro considera produções resultantes de autoria infantil cuja situação de produção seja uma situação-limite (tal como a experiência de um estado de guerra, violência, abuso, fuga, migração, miséria, desastre natural ou resultante da ação humana entre outros); o segundo evidencia o trato literário dado à criança, enquanto personagem, submetida ao estado limite, enquanto porta-voz da experiência extrema da sobrevivência humana; o terceiro observa obras que tratam da situação-limite enquanto objeto mediador de práticas de ensino-aprendizagem, empregadas no contexto de sala de aula (seja esta presencial ou virtual). Todos os enfoques buscam solidificar bases de reflexão acerca da construção literária em termos de obra artística, autoria, educação, humanização, leitura e produção.

**MONSTROS, BICHINHOS, MONSTRENGOS E MALVADÕES –
LIVROS INFANTIS SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19**

Camila Alves de Melo ¹
Rosa Maria Hessel Silveira ²

RESUMO: A pandemia da Covid-19 impactou de forma avassaladora as sociedades humanas globais, motivando, entre inúmeras outras ações no âmbito cultural, a produção de obras escritas que a tematizassem. No caso do destinatário infantil, houve uma explosão de obras endereçadas às crianças, tanto impressas quanto em formato virtual, em sua maioria buscando informar acerca da pandemia e recomendar comportamentos adequados à situação pandêmica. Dentro deste quadro, o objetivo do presente trabalho é apresentar um panorama geral das tendências editoriais de tais obras – de um corpus constituído por 29 títulos publicados entre 2020 e 2021 – assim como mapear algumas das estratégias discursivas mais frequentes. O critério de escolha dos títulos foi o de localização na internet por estratégias variadas, descartando-se os livros puramente informativos, que não utilizassem nenhum recurso ficcional. Mesclando características de livros informativos (Massarani, 2008; Garralón, 2015) e de livros de autoajuda (Ferreira, 2006) e lançando mão de recursos tradicionais ou inovadores dos livros para crianças, tais obras compõem um amplo painel tanto das formas com que culturalmente a pandemia foi entendida pelos adultos, quanto das concepções e imagens do objeto livro para crianças (impresso-virtual) e das narrativas ficcionais como instrumento para informar-formar crianças num momento de emergência sanitária. A análise considerou os apontamentos de Chartier (2016, 2020) sobre a importância da materialidade (do texto e do suporte) na construção de sentidos, com especial atenção para a leitura condicionada à tela, que foi o suporte da maioria das obras produzidas. O olhar também se voltou à escolha dos títulos das obras, à identificação das personagens escolhidas para compor as cenas ‘ficcionais’, em especial daquelas que ‘esclareciam’ as crianças sobre a pandemia, assim como as ‘lições’ embutidas nos discursos, para além dos próprios cuidados em relação à propagação da doença.

PALAVRAS-CHAVE: Livros Infantis; Livros Informativos; Pandemia de Covid-19.

¹ Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciada em Pedagogia e Bacharela em Biblioteconomia pela UFRGS. Bolsista de Doutorado do CNPq. E-mail: camilaalvesm@hotmail.com

² Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS. Pesquisadora associada ao Núcleo de Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO-UFRGS). Mestra em Letras e Doutora em Educação. Ex-orientadora de Mestrado e Doutorado do PPG Educação-UFRGS. E-mail: rosamhs@gmail.com

O PROCESSO HUMANIZADOR E A MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Camila do Nascimento ¹

RESUMO: Discutiremos neste trabalho o papel da mediação a partir de um viés literário no contexto escolar, as práticas dentro da sala de aula, sob uma perspectiva humanizadora e da educação literária, à luz de Paulo Freire, Antônio Cândido e outros autores essenciais. Para tanto, a literatura será tomada como objeto capaz de contribuir com o processo humanizador, operado pelo professor, no contexto escolar, ou seja, na relação professor versus aluno. Afinal, “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2017, p.182). Não é possível exercer a docência sem reflexão da prática pedagógica, precisamos aprender a compreender este processo dentro do contexto escolar e sua importância na formação dos educandos. A mediação literária é uma forma de intervenção no mundo que implica esforço, dedicação, reflexão, pesquisa e criticidade. A partir desta perspectiva humanizadora e literária com o objetivo de estimular a reflexão da prática pedagógica e consequentemente melhorarem suas práticas em sala de aula, enxergando na literatura uma possibilidade no processo de ensino e aprendizagem. Com isso será possível compreender o objeto literário por meio da mediação como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva da educação humanizadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Mediação; Escola.

¹ Graduação em Letras pela Univali. Especialização em Docência e Mediação pela Uniasselvi. Especialização em Supervisão, Orientação e Administração Escolar pela Uniasselvi. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: camiladonascimento1993@outlook.com

**A EXPERIÊNCIA DA LEITURA: ENTRE A DOR E O ACOLHIMENTO
(UMA POSSÍVEL ANÁLISE DO LIVRO *INFÂNCIA*)**

Chirley Domingues ¹

RESUMO: O estudo proposto tem por objetivo promover uma análise do livro *Infância*, de Graciliano Ramos, tendo como foco o narrador personagem, uma criança cuja experiência com a leitura é marcada pela violência, pela angústia e pela dor. Nesse sentido, a narrativa se torna uma referência interessante como possibilidade para refletirmos sobre temas de grande relevância no contexto educacional brasileiro, como o papel historicamente excludente da escola e o desafio para formar leitores em um país no qual muitas crianças ainda vivem como o menino Graciliano, “exilado[s] num mundo sem livros nem leitores”. (Leitão, 2015, p. 269). Escrito em 1945, *Infância* tematiza o início da educação escolar do narrador, marcada pela dificuldade para compreender os métodos de instrução que eram impostos a ele, bem como os conflitos gerados por um ambiente caracterizado pela rigidez, pelo fracasso e pela exclusão. É na escola, descrita como um espaço associado à monotonia, aos castigos e à violência, muito bem representada pela palmatória, que o menino se reconhece como um “ignorante de minha língua” (Ramos, 2008, p. 110). Ainda assim, ele se depara com a imposição da leitura de textos de Camões, evidenciando uma distância lacunar entre o seu conhecimento e aquele que o ensino formal privilegiava. Dessa forma, apesar de ter passado por mais de uma escola, aos nove anos, ele se reconhece como analfabeto. As experiências que marcaram a história de vida do menino Graciliano, regidas pela violência, pela solidão e pelo abandono, ganham outro significado quando ele, ainda tateando na leitura, descobre no universo da ficção a possibilidade de se deparar com um mundo mais receptivo, mais amoroso e mais divertido. Analisar esse rito de passagem nos permite vislumbrar que a leitura literária para aquela criança se revelou como uma possibilidade de acolhimento da dor, uma forma de partilha do conhecimento, um meio de resgate da liberdade e um caminho de reconstrução da vida (Petit, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Violência; Leitura na Escola; Literatura.

¹ Doutora em Educação pela UFSC. Professora e Pesquisadora dos PPGCL e PPGE/UNISUL. É líder do Grupo de Pesquisa GEPEL - Grupo de Pesquisa Relações Linguagem, Cultura e Estética. E-mail: chirley.domingues@animaeducacao.com.br

EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL E COMPORTAMENTAL DO SUJEITO NA INFÂNCIA

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos ¹

RESUMO: Objetiva-se nesta comunicação expor qual avaliação dos fatores que reverberam a partir da pandemia de COVID-19 na saúde mental das crianças, ressaltando ainda, quais seriam as modificações existentes no comportamento delas para a sociabilidade em consonância com seu desenvolvimento em “*Constituição do sujeito*” entendendo as variáveis que interagem com os mais diversos processos entre o desenvolvimento. No campo metodológico este trabalho será exposto a partir da revisão bibliográfica de caráter descritivo, através de uma revisão sistematizada nos buscadores: *SciELO*, *PubMed* e *Biblioteca Virtual da Saúde (BVS)* no quinquênio 2015 a 2020, em línguas portuguesa e inglesa. Foram captados 122 artigos, dos quais 113 foram excluídos por não cumprirem os critérios de inclusão propostos, de modo que 9 estudos foram analisados. Por fim, foram analisadas 11 referências bibliográficas. Na categoria de resultados foi possível encontrar evidências de como as crianças estão expostas diretamente pelas interações da pandemia. Elas estão sujeitas às modificações estruturais na vida, a saber: isolamento social, restrição do convívio social com familiares e amigos; mudanças na rotina escolar com redução da socialização, o que pode gerar, conforme destacado pelos autores, modificações de humor, sintomas de estresse pós-traumático, depressão ou ansiedade, destacando-se ainda as crianças em luto pelos familiares, e em crianças de 2 a 5 anos percebe-se uma interação negativa em sua constituição psíquica. Na categoria de anotações conclusivas foi possível ver pelos olhos da revisão literária a constante ação de ônus à saúde mental assim como desordens no comportamento infantil. Por fim, vale reafirmar que os impactos ao desenvolvimento infantil e a importância do cuidado das demandas infantis emergidas pela pandemia não podem ser desconsiderados por escolas, espaços sociais e toda a rede de apoio possível deve-se fazer presente para que a integralidade deste público possa ser garantida. Secretarias que prestam assistência à sociedade como educação no trato que lhes é conferido, a saúde com a oferta de atendimento psicológico a estas crianças, e a assistência social auxiliando a escola na luta contra a evasão e o abandono escolar como uma verdadeira rede de apoio é uma porta de enfrentamento real aos impactos da covid 19 na vida do sujeito em sua infância.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Criança; Isolamento Social; Comportamento; Constituição do Sujeito.

¹ Mestrando em Educação FEUS. Bolsista de Produtividade em Pós-Graduação na área da Educação junto à CAPES e ao CNPq. Membro da Rede Nacional da Ciência para a Educação- CPe Membro da Associação Brasileira de Autoimunidade Docente Pesquisador em Educação e Neurociência aplicada ABEPEE- Ass. Bras. de Pesquisadores em Educação Especial UNESP Associado(a) na categoria de Profissional, da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento (SBNec) USP.

INFÂNCIA E ESTADO DE EXCEÇÃO NA OBRA *NUMBER THE STARS* DE LOIS LOWRY

Elany Tatielle Lucena de Lima ¹
Josiele Maria Nascimento e Silva ²

RESUMO: Este trabalho busca analisar o livro “*Number the Stars*” através da ótica da memória e do testemunho. A obra “*Number the Stars*” tem como objetivo apresentar a vivência de uma garota alemã sobrevivente da Segunda Guerra Mundial com fatos vividos e presenciados por uma família alemã que vivia na Dinamarca e passou a lidar com a presença dos nazistas. Como base teórica deste trabalho, são apresentados autores como Selligman Silva (2002) que aborda o testemunho, memória e o teor testemunhal, Eugenia Vilela (2012), que analisa as articulações do testemunho como forma de significação e sentido. O livro “*Number the Stars*” foi escrito por Lois Lowry, em 1989, é uma história fictícia com fatos históricos que têm o intuito de relatar pelos olhos de uma garotinha como se deu a sobrevivência na Segunda Guerra Mundial. A proposta deste trabalho e a conclusão de análise mostram a importância de se preservar o testemunho de uma sobrevivente de forma literária como resistência, sobrevivência e acontecimentos por meio da existência na sociedade do século XX. Este trabalho é fruto das orientações recebidas no projeto de pesquisa CRENAC – Configurações de Resistência Narrativas Anglófonas Contemporâneas – coordenado pela Professora Dra. Ana Lília Carvalho Rocha.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho; Memória; Sobrevivência; Infância.

¹ Estudante de Letras-Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará. Bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa Crenac – Configurações de Resistência Narrativas Anglófonas Contemporâneas, coordenado pela Profa. Dra. Ana Lília Carvalho Rocha. E-mail: elanylucena8@gmail.com

² Estudante de Letras-Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará. Bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa Crenac – Configurações de Resistência Narrativas Anglófonas Contemporâneas, coordenado pela Profa. Dra. Ana Lília Carvalho Rocha.

VIOLÊNCIAS PARA ALÉM DAS LEIS: CASTIGO E TIRANIA NO CONTO “NEGRINHA”

Luana Fernanda Rodrigues dos Santos ¹

André Luiz da Silva ²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo mostrar e discutir os possíveis significados do castigo no conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato (2001), publicado no início do século XX. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa sobre a vida das crianças escravizadas no século XIX e outra sobre a prática dos castigos na escravidão, sobretudo no que tange às crianças negras. O referencial teórico ancora-se em autores como Damasceno (2020), Marquese (2004), Foucault (1987), Florentino; Goés (2017), Mattos (2013), Pereira (2019) e Souza (2017). Os resultados revelaram que os castigos à personagem do conto, bem como às demais crianças negras da época, personificaram o domínio senhorial sobre os escravizados (e os já libertos), o que revela que a violência da escravidão não se extinguiu completamente com a abolição; a imposição da disciplina e do medo, uma vez que havia na prática punitiva o duplo objetivo de punir e educar, e também a diversão dos senhores. No conto, Negrinha vive diariamente a liturgia do castigo, que subalterniza e marca o corpo e a existência da criança negra. A hostilidade com que a menina, sem nome e sem identidade, era tratada por sua senhora reafirma a eugenia, o preconceito racial e a opressão à figura feminina negra, intrincados no corpo social e no recôndito das moradias. Sob o silenciamento e a invisibilidade, Negrinha (sobre)vive sendo o escárnio e a escória de uma sociedade que mantém seus achaques e perpetua, em discursos e ações, a desumanização do outro. Somente pela “desobediência” à sua senhora e pelos seus consequentes castigos, a personagem, destituída de direitos civis, se humaniza na lei e torna-se atração indispensável no espetáculo penitencial da casa grande.

PALAVRAS-CHAVE: Castigo; Criança Negra; Escravidão; Literatura.

¹ Graduada em Letras, pela Universidade de Taubaté. E-mail: luana.santos.06@hotmail.com

² Doutor em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Professor Assistente III de Sociologia e Antropologia (UNITAU) e Professor de Diversidade Humana na Faculdade Santo Antônio (FASC). E-mail: interiworld@gmail.com

O EXÍLIO COMO EXPRESSÃO DO DE VIR EM
A CASA DA MADRINHA DE LYGIA BOJUNGA

Maria das Dores Pereira Santos ¹

RESUMO: Na obra infanto-juvenil *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga, *corpus* da tese que estamos desenvolvendo na Universidade de Brasília e cuja temática versa sobre os modos de configuração do Imaginário na/pela linguagem literária, o protagonista, Alexandre, é configurado como uma criança que vive em vulnerabilidade social, condição-limite que, inclusive, o faz abandonar a escola para enfrentar o cotidiano citadino como vendedor ambulante nas ruas do Rio de Janeiro. Não obstante nosso reconhecimento das implicações nocivas que esse contexto limitador e abusivo trazem ao seu lugar de infante, pretendemos, neste trabalho, refletir sobre algumas questões relacionadas aos modos de enfrentamento e resistência operados na/pela trajetória desse personagem, destacadamente a presença do realismo mágico e do realismo humanitário como desdobramentos do realismo cotidiano na espacialidade da narrativa, categoria fundante na formação do espírito infantil, conforme sistematizado por Coelho (2000). Tais tendências, próprias da literatura contemporânea, serão observadas como artifícios de perspectiva que surgem como efeito do cruzamento de aspectos relacionados à emergência de um inconsciente ótico, conforme Benjamin (1994), no plano dos procedimentos compositivos da fábula. Esses recursos sugerem-nos a hipótese de que *A casa da madrinha* nos apresenta uma visão do imaginário como exílio ou fuga, ações estas lidas à luz dos estudos de Didi-Huberman (2017). Com base nessas considerações, esperamos problematizar modos possíveis de transbordamentos operados na/pela linguagem literária em suas manufaturas do real, na intenção de contribuir com discussões que fomentem a valorização do texto literário como lócus discursivo que viabiliza um devir infantil e juvenil forjado por experiências de humanização recriadas por uma “posição da criança” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.173) diante das situações de seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infanto-juvenil; Imaginário; Realismo Mágico.

¹ Doutoranda no Programa de Literatura: Práticas Sociais da Universidade de Brasília (UnB/PósLit), com tese em construção sobre literatura infanto-juvenil, na Linha de Pesquisa Interartes, sob a orientação do Professor Doutor Sidney Barbosa, e professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: dorisantos68@gmail.com

**VIOLÊNCIAS (RE)VIVIDAS: PROCESSOS VIOLENTOS VIVIDOS POR SUJEITOS NEGROS
E SEUS ECOS NA OBRA *O BLACK POWER DE AKIN***

Maria Fernanda Silva Dias ¹

RESUMO: A violência se materializa por seus modos físicos e simbólicos e está diretamente relacionada às questões de poder. Considerando essa assertiva, o trabalho analisa a obra *O black power de Akin* (2020), de Kiusam de Oliveira, observando os processos violentos sofridos pela personagem. Akin é um menino negro de 12 anos que vive, no ambiente escolar, o preconceito de seus colegas. Essa vivência coloca o menino em situações violentas, sejam elas físicas ou simbólicas, e culminam na não identificação da personagem, uma vez que interioriza as palavras proferidas pelos garotos. O menino passa a não gostar de seu cabelo, que é chamado pelos colegas de ‘duro e torcido’ e, com isso, tem o desejo de cortá-lo e imagina-lo loiro e liso. Para embasar a análise, explicitamos três tipos de violência que se materializaram na vivência do sujeito negro ao longo dos tempos, sendo elas: a violência cultural, na linguagem e no corpo. Dessa forma, o aporte teórico se fundamenta em Fanon (1961), para discussão sobre a violência cultural; Bourdieu (1989), para análise da violência simbólica; Hall (2016), Fanon (2020) e Kilomba (2019), para a reflexão sobre a violência na linguagem; e Gomes (2020), para a discussão sobre a violência no corpo. Logo, observamos os meios violentos que sujeitos negros foram submetidos ao longo dos tempos e a relação de poder que sempre esteve ao lado do sujeito branco. Concluímos que a violência vivida pela personagem na escola a coloca em processo de desumanização e inferiorização uma vez que há uma interiorização das palavras ouvidas e vivenciadas por ele.

PALAVRAS-CHAVE: Violência física; Violência simbólica; Poder; O black power de Akin.

¹ Possui graduação em Letras/Alemão pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente, é mestranda pelo programa de Pós-graduação em Letras, na Universidade Estadual de Maringá, na área de Estudos Literários. E-mail: maria_fernandadias@hotmail.com

**ENTRE O MARAVILHOSO E O DESAGRADÁVEL: A IMAGEM DA CRIANÇA
EM SITUAÇÃO-LIMITE EM CONTOS DE FADAS**

Maria Regina Lins Brandão Veas ¹

RESUMO: O presente estudo parte de uma análise da imagem da criança em situação vulnerável encontrada nos contos de Hans Christian Andersen. Trata-se de quatro narrativas da coletânea de Andersen que foram selecionadas por conterem elementos de protestos que são narrados com teor poético. São elas: “Mágoas do Coração”, “Ela não valia nada”, “A menina dos Fósforos” e o “Pequeno Tuk”. Nestas obras, a criança é representada como aquela incompreendida pelo mundo em que vive e/ou, como aquela capaz de viver o maravilhoso mesmo quando se encontra em situação de miséria. As situações representadas nas narrativas trazem características semelhantes à realidade de um mundo desigual, na qual emerge as dificuldades enfrentadas pelos grupos de pessoas mais vulneráveis. Tais elementos evidentes nos contos de fadas analisados transpassam um remoto questionamento de Peter Burke sobre a permanência dos contos de fadas na atualidade, pois as narrativas não dependem apenas de uma decisão pessoal de quem as narra, mas também de uma imposição externa. Se permanecem na atualidade é porque encontram hoje as mesmas imposições externas para se fazerem conhecidos e apreciados, ou pela necessidade do maravilhoso, ou, pela necessidade de narrar situações de vulnerabilidade. Por outro lado, Robert Darnton salienta que apesar das várias versões dos contos maravilhosos que se espalharam pelo mundo, muitas vezes, ressaltarem de maneira exagerada as situações limites como: pobreza, miséria, fome, epidemias e guerras em um dado povo, a ordem social típica destas narrativas permanece estável, o que favorece a criação de ambientes próprios às narrativas. Trata-se de uma instabilidade entre o maravilhoso e o desagradável e uma contradição ordenada que caracterizam a criança presente nos contos de um autor que protesta a realidade social com um coração sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Vulnerabilidade; Contos de Fadas.

¹ Pedagoga e Mestre em Educação pela UEMG.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA NA PANDEMIA: O QUE FOI LIDO EM ESCOLAS DE UM MUNICÍPIO DA REGIÃO SUL?

Marília Forgearini Nunes ¹

Júlia Soares Martini ²

RESUMO: Este trabalho é parte da pesquisa *Literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental durante a Pandemia da COVID-19*, que reúne pesquisadores das diferentes Regiões Brasileiras e investiga como a literatura infantil esteve articulada e apresentada no currículo dos anos iniciais do Ensino Fundamental durante a Pandemia de COVID-19, considerando o ensino remoto em 2020. Apresenta-se dados coletados pela equipe da Região Sul que pesquisou, na região metropolitana de Porto Alegre, as escolas vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de Canoas (RS). Para este trabalho analisa-se as escolhas dos textos literários disponibilizados às turmas de Anos Iniciais, problematizando a qualidade da leitura literária a partir da qualidade do texto verbal e visual. Por qualidade literária, entende-se como balizadores a invenção (BERNARDO, 2005), a dúvida (ANDRUETTO, 2012), o desafio (BAJOUR, 2012) e a vida sensível despertada pelas imagens (OLIVEIRA, 2008). Os dados foram acessados nos sites das escolas. A análise revelou um conjunto de livros literários havendo recorrências de alguns títulos, permitindo construir hipóteses para o que motivou as escolhas e refletir sobre a qualidade da leitura literária considerando a literariedade e a constituição gráfico-visual dos livros. O conjunto de livro caracteriza-se por ter relação com programas nacionais de promoção da leitura e ser parte de um cânone da literatura infantil: títulos contemporâneos conhecidos (ex.: “A casa sonolenta”), e muitas versões de contos de fada clássicos. Identifica-se também histórias em quadrinhos e livros infantis que ficcionalizam a situação da pandemia sem preocupação com a literariedade. Nas escolhas infere-se a preocupação com o tema em detrimento da qualidade textual-literária e gráfico-visual, evidencia-se a relação com o cânone escolarizado principalmente nas escolhas dos recontos clássicos. Tal percepção ressalta a importância de ampliar repertórios dos mediadores e ao mesmo tempo estabelecer critérios de escolha mais específicos à experiência humanizadora da leitura literária.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino remoto; Ensino fundamental; Literatura infantil; Leitura.

¹ Marília Forgearini Nunes. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil). E-mail: mariliaforginunes@gmail.com

² Júlia Soares Martini. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFRGS. E-mail: juliasoaresmartini99@gmail.com

**NARRATIVAS SOBRE A INFÂNCIA JUDAICA NO GUETO DE VARSÓVIA:
“DIFERENTES OLHARES”**

Nanci Nascimento de Souza ¹

RESUMO: Esta comunicação consiste em uma releitura dos escritos produzidos por crianças e adolescentes para a primeira publicação do jornalzinho *Voz da Casa dos Meninos*, do internato na Rua Gesia, 6-8, que voltou a circular, em 10 de fevereiro de 1941, no gueto de Varsóvia. Nele, a fala é retomada e traz à tona o que era dito às escuras. Temos a possibilidade de conhecer o cotidiano desse internato contado pelas crianças e adolescentes que ali viviam, após quase dois anos da invasão da Polônia pela Alemanha nazista. Detenho-me na experiência humana, e me volto ao instante daqueles dias, através dos olhos da criança. Trata-se de uma tentativa de reconstituir parte da infância no gueto de Varsóvia, de um dizer, que atravessou e sobreviveu a guerra para tornar-se história. Nessa busca, desvelamos um tempo visto, vivido, e refletido pela criança, como também, seus desafios, seus combates e suas dores. Tem-se o testemunho daqueles que buscam reassumir o seu lugar na história. Momento em que os odiados até a aniquilação buscam restaurar seus vínculos consigo mesmo, com o mundo de seu tempo e com o Outro, que sofria do mesmo esvaziamento do ser.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa; Infância; Resistência; Solidariedade.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, da FFLCH-USP. Desde 2010, integra a equipe de pesquisadores do projeto Vozes do Holocausto. Arqshoah do LEER, coordenado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. Autora do livro *O Gueto de Varsóvia: educação clandestina e resistência* (Humanitas, 2017). E-mail: nanci.souza3@gmail.com

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE AURORA E MARIA: REFLEXOS DA AUSÊNCIA DA
ESCOLARIZAÇÃO E DA ESCRITA NA OBRA *PENA DE GANSO* DE NILMA LACERDA E NO
CURTA-METRAGEM *VIDA MARIA* DE MÁRCIO RAMOS

Renata Pires Gavião ¹

RESUMO: De acordo com a pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, a taxa de analfabetismo no Brasil é estimada em 6,6% da população acima de 15 anos, totalizando em média 11 milhões de analfabetos no país. Essa problemática ainda aflige a contemporaneidade, apesar de avanços conquistados, no entanto, parece longe de ser resolvida. Obras artísticas como a literatura, a música e o cinema, abordam esse tema e o exploram através de dimensões estéticas de linguagem e algumas também com o viés de denúncia e crítica social. Nesse sentido, os estudos de literatura comparada, que ganharam nas últimas décadas novas e inesperadas dimensões, refletem não mais somente paralelos e semelhanças entre obras literárias, mas buscam estender as análises e relacioná-las às infinitudes de disciplinas que formam as ciências sociais, humanas e artísticas. Nessa perspectiva, essa pesquisa busca estabelecer uma comparação entre as personagens Aurora, protagonista do livro *Pena de Ganso* (2005) de Nilma Lacerda e a personagem Maria, protagonista do curta-metragem *Vida Maria* (2006) de Márcio Ramos. Assim, além de propor uma comparação de gêneros diferentes, relacionando literatura e cinema, destaca-se também a discussão acerca da presença de um tema em comum: a questão da ausência de escolarização e suas implicações na vida humana e na prática social, já que Aurora e Maria, personagens das obras, demonstram um intenso desejo de aprender ler e escrever, que não se concretiza. A análise em questão está pautada nos pressupostos teóricos de Carvalho & Coutinho (1994), Carvalho (2006) e Faria (2019) quando relacionados ao estudo da literatura comparada e no que tange aos aspectos voltados à análise da obra literária serão utilizados como referencial os estudos de Genette (2009), Candido (1988), Machado (1999), Iser (1996), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Comparativismo; Literatura Juvenil; Curta-metragem; Direito à escolarização.

¹ Doutoranda em Letras pela UNESP – IBILCE São José do Rio Preto. E-mail: renatapiresgaviao@gmail.com

**A INFÂNCIA NO CONTEXTO DA SHOAH REPRESENTADA NA OBRA
“O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”, DE JOHN BOYNE**

Ronaldo Oliveira Borges ¹

Ana Lília Carvalho Rocha ²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a infância judaica, antes e durante os campos de concentração, e sua condição limite, tendo como ponto de partida e objeto de estudo a obra “O Menino do Pijama Listrado” (2006), do autor irlandês John Boyne. A obra é ambientada no contexto da *Shoah*, termo hebraico para se referir ao extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial pela Alemanha Nazista, entre 1939 e 1945, e narra a vida de duas crianças, a primeira alemã, de família nazista, e a outra judia, prisioneira no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. O foco é a vida e as experiências da criança judia, submetida à violência e ao processo de desumanização, a vida em uma situação-limite, assim como a humanização provida pela criança alemã. Como base teórica, discutiremos autores que discorrem sobre a violência sofrida por crianças em campos de concentração e relatos de crianças sobreviventes desse período, entre eles Lucette M. Lagnado & Sheila C. Dekel (1991). Além disso, também serão discutidos relatos de ações de humanização e ajuda durante o encarceramento e após a libertação, como os relatos do Comitê para reconhecer o heroísmo de judeus que resgataram colegas durante o Holocausto (2020). Dessa forma, este trabalho intenta, por meio da obra analisada, discutir o sofrimento das crianças judias desse período e também a esperança proporcionada por aqueles que ajudaram os prisioneiros judeus, de uma forma ou de outra.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Shoah; *Menino do pijama listrado*.

¹ Estudante de Iniciação Científica – CRENAC (configurações de resistência em narrativas anglófonas contemporâneas) – Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. E-mail: ronaldoborges074@gmail.com

² Doutora em Letras na Universidade Federal do Pará, Coordenadora do projeto de pesquisa CRENAC. E-mail: liliateacher@gmail.com

**DESLOCAMENTOS, REFUGIADOS E HUMANIZAÇÃO NOS LIVROS INFANTIS: UMA
LEITURA DE “REFUGIADOS”, DE ILAN BRENMAN E “BARCO DE HISTÓRIAS”, DE KYO
MACLEAR**

Rosemar Eurico Coenga ¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação dos deslocamentos e refugiados que aproxima a literatura infantil à prática dos direitos humanos a partir das obras infantis *Refugiados* (2019), de Ilan Brendan e ilustrações de Guilherme Karsten e *Barco de histórias* (2020), de Kyoga Malear e ilustrações de Rashid Kheiriyeh. Ao intentar uma interlocução entre literatura, educação e humanização buscamos pensar o que acontece a esse “nós” em tempos de guerra. Quais vidas são dignas de serem vividas e de sofrerem luto em nossa sociedade? Em *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto* (2015), Judith Butler nos faz refletir sobre a vulnerabilidade da condição humana de minorias identitárias na contemporaneidade, como por exemplo, mulheres, muçulmanos, gays, imigrantes e refugiados. Sob essa perspectiva, indagamos: como a literatura endereçada a crianças ajuda a pensar a potência humanizadora diante de situações de refúgio, deslocamento e exílio em tempos de ruptura democrática vivida no presente? Neste estudo que visa à reflexão sobre deslocamentos e refugiados na literatura infantil, interessa-nos sobremaneira, as contribuições teóricas de Judith Butler (2015, 2016); Antonio Candido (2004); Zigmunt Bauman (2008) e outros pesquisadores como Teresa Colomer (2007, 2017) e os estudos de Michèle Petit (2008, 2009, 2013, 2019) que vêm debatendo experiências de leitura como instrumento de resistência. Os livros selecionados dão lugar a uma pluralidade de vozes, de culturas e partilha do sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Obras infantis. Humanização. Deslocamentos. Refugiados.

¹Doutor em Teoria Literária e Estudo Literários pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – UNIC. E-mail: rcoenga@gmail.com

POESIA ALÉM DO PAPEL: LITERATURA E MÚSICA AUXILIANDO NO ENSINO

Sirley da Silva Rojas Oliveira ¹

RESUMO: Na sociedade contemporânea a compra de livros de literatura em especial de poesia tem diminuído muito. Tal fato fez com que os poetas começassem a criar obras que junto com outras formas de linguagem chegassem mais facilmente ao público. Um exemplo dessa junção são os *Babilaques* de Waly Salomão, nos quais são utilizados outros materiais junto com a linguagem verbal para criar suas performances poético-visuais, conceito que o poeta usa para definir essas obras. Outra junção muito usada por Waly Salomão e por outros poetas é a união da música com o poema em canções, dessa maneira, a poesia alcança um número muito maior de apreciadores. E como a arte chama muito a atenção das pessoas, utilizá-la em sala de aula é uma forma de disseminar a leitura de literatura e, em especial, de poesia, que está tão em esquecimento ultimamente. Com base no exposto foi realizado no Instituto Federal do Mato Grosso do Sul um projeto de pesquisa que observou mais a fundo as junções da poesia com outras artes e, a partir dele, os estudantes conheceram os poemas presentes nos *Babilaques* de Waly Salomão e em canções de artistas brasileiros. Intitulado “Poesia além do Papel” este projeto de iniciação científica teve como base as teorias de Solange Ribeiro de Oliveira, José Miguel Wisnik e Luiz Tatit. “Poesia além do papel” foi elaborado com o intuito de motivar o uso da canção para enriquecer o ensino nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Língua Portuguesa; Canção; Poema; Babilaques.

¹ Professora do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul, campus Jardim.

HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA – RODA DE LEITURA / SALA DE LEITURA

Teresa Cristina Aliperti ¹

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo mostrar a importância de práticas de leitura – Roda de leitura e Sala de leitura na humanização do sujeito, no desenvolvimento do prazer e do hábito da leitura, na formação de leitores autônomos, reflexivos, críticos, ativos e criativos, que possam desfrutar ao máximo as possibilidades significantes dos textos literários. Será compartilhado no simpósio a metodologia, o processo e os recursos utilizados no trabalho sistemático com as práticas desenvolvidas ao longo do ano com alunos do Ensino Fundamental I da Escola Estadual Conselheiro Antonio Prado. Para embasar o trabalho será utilizado como fundamentação teórica os seguintes autores: Michele Petit, Aidan Chambers, Harold Bloom, Antonio Candido e o Programa Ler e Escrever: guia de planejamento e orientações didáticas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Conforme elencado por Aidan Chambers, o ato de leitura consiste, em grande medida, na conversa sobre os livros que lemos, e o encontro coletivo de leitura possibilita a socialização dos diversos significados. Afinal, a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual e, sim, dialógico. Por meio deste trabalho será possível perceber como as práticas de leitura no ambiente escolar contribuem para a formação de leitores no Ensino Fundamental I; formação essa que poderá ser aprofundada nos demais ciclos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização; Literatura; Leitura; Autonomia; Prazer.

¹ Pedagoga formada pela PUC-SP. Mestrado em Educação para Surdos – Gallaudet University, EUA – 1987. Mestrado em Literatura e Crítica Literária – PUC-SP – 2015. Doutoranda Programa de Literatura e Crítica Literária – PUC-SP.

7.6 GT 6: As narrativas nas artes do palco: dança, teatro e literatura infantil e juvenil

Coordenação:
Carolina Xavier
Selma Scuro

As artes do palco, como o teatro, a dança, a performance e outras, têm ajudado a contar histórias desde os primórdios da civilização. Das “encenações” em volta das fogueiras para narrar perigos, aos holofotes dos teatros da Broadway, usar o corpo unido a outros elementos se torna uma ferramenta essencial para expressar e comunicar conteúdos. Essa expressividade vem se construindo ao longo dos tempos, por meio de um jogo em que o “ser e o não ser” revela os meandros de um labirinto de complexidades e dialogismos. Como bem afirma Peixoto: “Do primitivo instinto de ser outro, da necessidade do disfarce e do jogo lúdico, da vontade do homem de ver-se a si mesmo reproduzido, do ritual religioso ou profano, da magia e da mais primária imitação da natureza, o espetáculo ganhou dimensão própria.” (Peixoto, 1998, p. 22). Assim, as narrativas nas artes visuais do palco, dança, teatro e literatura infantil juvenil busca abordar, de forma interdisciplinar, como tais narrativas são construídas e impulsionadas pelas diversas formas da expressão, em que o próprio corpo se torna um meio de narrar. É de vital interesse desse GT, as formas de teatro, dança e outros voltados ao público infantil e juvenil, em que a composição múltipla de recursos se torna essencial para compor um imaginário rico e complexo. Assim, são pontos de partida de estudo deste GT as narrativas que são contadas por meio do teatro, da dança, da contação de histórias, da performance e outras expressões artísticas relacionadas à interação enredo-corpo-público, sobretudo os voltados para crianças e jovens, e tudo aquilo que ajuda a compô-las, como: figurino, cenário, iluminação, trilha sonora, atuação, direção, recursos tecnológicos em cena etc.

**FORMA E CONTEÚDO NO TEATRO: A CONSTRUÇÃO ESPETACULAR EM
“A BRUXINHA QUE ERA BOA”**

Carolina Xavier ¹

RESUMO: Esta comunicação tem como objetivo destacar a relação forma e conteúdo no teatro, de maneira geral e nos espetáculos voltados para crianças e jovens, mais especificamente, mostrando como essa relação se dá a partir da complementaridade, em que a forma ajuda a moldar os conteúdos enfatizando a crítica, a reflexão, o entretenimento e muitos outros efeitos. Para compreender melhor como essa relação se dá na prática, procuramos observar como uma das montagens do espetáculo *A bruxinha que era boa*, obra de Maria Clara Machado, apresentada pelo grupo Tablado, em 2014, desenvolve a relação forma e conteúdo para levar ao público a história de uma bruxinha que destoa das demais, justamente porque não consegue fazer maldades. No desenrolar da narrativa, elementos que fazem parte da forma teatral ajudam a materializar o enredo em cena, como por exemplo, o cenário lúdico e colorido, as músicas e os efeitos sonoros que ajudam a contar a história, formas de representação que apontam para a pantomima e o circo, dentre outros. Todos esses recursos permitem a construção do espetáculo e adaptam o texto dramático de maneira que, no palco, o espetáculo atinja seu público-alvo de forma lúdica e ao mesmo tempo clara, despertando emoções e reflexões nos espectadores. Nesse sentido, busca-se entender que a forma e o conteúdo estabelecem uma relação essencial no teatro, uma vez que estão presentes de forma imbricada nessa e em diversas outras manifestações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Forma; Conteúdo; Maria Clara Machado; Teatro.

¹ Doutoranda em Estudos Comparados pela Universidade de São Paulo (USP) e graduada na área de Letras pela mesma universidade. É professora de Língua Portuguesa. Com formação profissional em teatro, atua em diversas produções como atriz, produtora e diretora. E-mail: caarolxavieer@gmail.com

“LITERAPALCO” EM LYGIA BOJUNGA: ARTE COMO PROJETO DE VIDA

Cristiane Figueiredo Florencio ¹

RESUMO: A literatura de Lygia Bojunga tem como uma de suas características marcantes a teatralidade, a qual abrange recursos de outras artes, como a dança. Propõe-se compreender tais recursos artísticos como modo de construção dos efeitos teatrais da literatura bojunguiana, bem como explicitar os efeitos oriundos das escolhas estilísticas realizadas pela autora. Para isso, foi aplicada a metodologia empírica-analítica, investigando as estratégias literárias recorrentes em toda a obra da autora e que coincidem com recursos do teatro. Constatou-se que, dentre estes, os mais utilizados pela autora pertencem ao Teatro Épico, ao Teatro Mambembe, ao Teatro de Animação e ao Metateatro. Concluiu-se que a construção literária, por meio de elementos típicos do teatro, proporciona visualidade e maior expressividade das narrativas, as quais promovem a fusão entre o projeto literário de Lygia Bojunga e o seu projeto de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Bojunga; Literatura; Teatro.

¹ Bacharelado e licenciatura em Português/Inglês e doutorado direto em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. E-mail: cristiane.florencio1997@gmail.com

**DA LINGUAGEM TEXTUAL À LINGUAGEM CORPORAL E O IMAGINÁRIO: UMA
RELAÇÃO DE INTERLINGUAGENS EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E ATRAVÉS
DO ESPELHO**

Selma Scuro ¹

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo investigar a corporificação na interpretação tradutória entre os signos da linguagem escrita textual para a linguagem corporal, realizada por meio de uma composição coreográfica. Como objeto desta pesquisa foi utilizado o livro *Aventuras de Alice no país das Maravilhas e Através do Espelho*, de Lewis Carroll, e o ballet *Alice's Adventures in Wonderland*, realizado pela The Royal Ballet, uma companhia de dança de Covent Garden, Londres. Também será analisado como se constrói o imaginário em forma de produção coreográfica no ballet *Alice's Adventures in Wonderland*, tendo como base as influências do texto escrito do livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*. Nesta pesquisa estão incluídas como fontes de apoio os estudos de Lúcia Santaella, Lola Brikman, Rudolf Arnheim e Merleau Ponty.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem textual; Linguagem corporal; Imaginário; Interlinguagens; Alice.

¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. E-mail: selma.scuro@gmail.com

PLÍNIO MARCOS E A CRÍTICA SOCIAL NO TEATRO PARA CRIANÇAS: UM BREVE PANORAMA DRAMATÚRGICO

Sergio Manoel Rodrigues ¹

RESUMO: No Brasil, entre as décadas 1970 e 1980, assistiu-se ao empenho de alguns dramaturgos em escrever peças teatrais para crianças, na tentativa de uma considerável inovação da dramaturgia e do teatro direcionados à infância, uma vez que as discussões e debates acerca do fazer teatral ao referido público consolidaram-se em todo país, devido ao descontentamento de artistas e educadores quanto ao valor estético das encenações. Desse modo, esta comunicação objetiva traçar um breve panorama do teatro para jovens gerações desse período, destacando a dramaturgia para crianças de Plínio Marcos, que surge como autor de obras destinadas às crianças durante os decênios em questão, e que, igualmente a outros dramaturgos da época, propôs uma obra de crítica social ao público infantil. Incluem-se neste trabalho, como principais fontes de reflexão, os estudos de Maria Lúcia de S. B. Pupo, Simone Melamed e Wagner Corsino Enedino.

PALAVRAS-CHAVE: Dramaturgia; Teatro para Crianças; Crítica Social; Plínio Marcos.

¹ Mestre em Literatura e crítica literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM-SP). Atualmente, é pós-doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP-SP) e atua nas redes pública e privada da Educação Básica e do Ensino Superior. Suas pesquisas contemplam: literatura contemporânea, dramaturgia, teatro brasileiro e teatro para crianças. E-mail: sergiomr@usp.br

7.7 GT 7: Imaginário contemporâneo e produções literárias e culturais para crianças e jovens

Coordenação:

Maria Auxiliadora Fontana Baseio

Maria Zilda da Cunha

Manoel Francisco Guaranha

A revolução digital tem potencialmente transformado a vida humana, sobretudo em âmbito psíquico, social e antropológico, motivando-nos a buscar respostas para compreensão das complexidades que nos engendram. Nesse sentido, criam-se representações em todas as formas culturais de expressão humana, entre as quais as produções voltadas à recepção infantil e juvenil. Essas manifestações do imaginário em diferentes linguagens chegam a provocar reflexões críticas que vem reclamando investigações por parte dos estudiosos que se dedicam a pesquisar aspectos voltados à educação dos jovens nesta contemporaneidade. Este GT convida pesquisadores para a discussão de temáticas e problemáticas que envolvem obras destinadas a crianças e jovens, com vistas a perscrutar as formas como esse imaginário as engendra. Serão muito bem acolhidos estudos que se voltam aos processos criativos, intelectivos e receptivos que envolvem o universo da cibercultura, podendo ser abordados livros, filmes, HQ, games entre outras produções do universo artístico contemporâneo.

O IMAGINÁRIO POPULAR DA FICÇÃO CIENTÍFICA POR PHILIP K. DICK

Diego Guerra ¹

RESUMO: O estudo tem por objetivo refletir sobre os modos como a ficção científica foi e é construída no imaginário popular a partir das obras do autor norte-americano Philip K. Dick (1928-1982), partindo das temáticas de suas obras, dos elementos da literatura especulativa e da própria estética da narrativa e suas adaptações. Ao falarmos em PKD como um autor elementar para o desenvolvimento da ficção científica estadunidense, vale pontuar que o mesmo é estudado em uma certa temporalidade de produção. Segundo as contribuições de Mchale (1987), que auxiliam de modo fundamental no desenvolvimento da pesquisa, compreende que, inicialmente, a ficção científica, lida como ficção pós-moderna, é moldada sob o viés ontológico, partindo das relações do ser-humano com o seu meio, tendo como uma de suas maiores abordagens, a representação das problemáticas da vida do homem contemporâneo frente aos desafios da tecnologia e preservação da humanidade. A mesma abordagem temática presente nos livros de ficção científica foi batizada por Bukatman (1993) como “*Sociological Science Fiction*”, onde até as estruturas do papel do herói da narrativa passaram a ser recriadas. Para tanto, é necessário entender a liquidez onde a pós-modernidade (Harvey 1989) se constitui como um período pós-segunda guerra mundial, em que o homem sofre a instauração do sistema capitalista e os seus questionamentos. Como base de nossa leitura, utilizaremos principalmente o romance *The Simulacra* (Dick, 1964) que é parte do corpus de pesquisa, assim como outras obras que servem de cenário para essa discussão, como *Blade Runner* (Dick, 1968) e *O homem duplo* (1977).

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica; Imaginário Fantástico; Philip K. Dick; Distopia.

¹ Professor de língua portuguesa e inglesa e mestrando no programa de pós-graduação em letras pela UNESP/Ibilce. E-mail: diego-guerra95@hotmail.com

“TUDO BEM NÃO SER NORMAL”: UM TABU CONTEMPORÂNEO

Giovanna Petrólío de Oliveira Marcondes¹

RESUMO: Para ilustrar o imaginário contemporâneo, nada melhor do que a união de uma série televisiva de sucesso em uma das maiores plataformas de serviço de streaming de filmes e séries do mundo com sentimentos inerentes ao ser humano – como o medo e a tristeza – retratados em um livro infantil ilustrado. Pensando nisso, a análise do presente estudo foca a obra infantojuvenil *O menino que se alimentava de pesadelos*, enredo de destaque no primeiro capítulo da série sul-coreana na Netflix: “It’s okay to not be okay” (“Tudo bem não ser normal”), fenômeno sobretudo entre os jovens. Na produção televisiva, uma escritora de livros infantis bastante peculiar, um enfermeiro que trabalha em um hospital psiquiátrico e seu irmão mais velho, com espectro autista, precisarão enfrentar seus traumas e medos para conseguir vivenciar o amor e criar laços. Muitas são as temáticas consideradas “tabus” quando o assunto é infância e literatura infantojuvenil, e, no livro em questão, pode-se afirmar que o medo e a tristeza são as principais, suscitando no leitor perguntas como: de onde vem nossa verdadeira felicidade? Será que é possível existir o bom sem que passemos pelo ruim? A série da Netflix encantou principalmente adolescentes e jovens adultos, e a obra *O menino que se alimentava de pesadelos* é destinada preferencialmente aos pequenos leitores, da considerada “segunda infância”, mas ambas as produções encantam leitores e telespectadores de todas as idades, justamente por trazer à tona temas tão atuais, reais e relevantes à vida de todos.

PALAVRAS-CHAVE: Tabus Contemporâneos; Série “Tudo bem não ser normal”; Livro Infantil Ilustrado.

¹ Formada em Editoração pela ECA-USP, tem MBA em Book Publishing. Após atuar 8 anos no mercado editorial com ênfase na edição de livros infantojuvenis, atualmente estuda temas fraturantes na literatura infantojuvenil, psicanálise infantil e sociologia da infância. E-mail: giovannapetrolio@gmail.com

IMAGINAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE: O MARAVILHOSO EM “JOGOS VORAZES”, DE SUZANNE COLLINS

Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Morais ¹

RESUMO: É possível que obras literárias contemporâneas direcionadas ao público jovem-adulto, como é o caso da trilogia “Jogos vorazes”, de Suzanne Collins, conservem e ampliem traços do maravilhoso? Nas histórias desse universo, como teorizado por Todorov (1969; 1975), eventos e seres sobrenaturais, como seres fantásticos, objetos fabulosos e acontecimentos extraordinários, são aceitos desde o princípio da trama como normais pelos personagens e pelo(s) leitor(es), visto que estão integrados à realidade do mundo diegético, regido por leis diferentes das nossas. Com isso, podemos dizer que o maravilhoso possui uma lógica própria, uma vez que o sobrenatural é parte integrante e essencial da ordem interna da história. Marinho (2009) concorda com essa ideia, mas vai além, pois considera o maravilhoso como um gênero narrativo, marcado por essa lógica própria e por um *modo específico de narrar* (partida-teste-retorno). De um modo geral, o maravilhoso surgiu primeiro nos mitos, floresceu nos contos de fadas e então desdobrou-se em outras formas literárias, como a ficção científica, com o passar dos séculos. Nesse sentido, objetivamos demonstrar nesta comunicação como o maravilhoso é recuperado e ampliado, por Collins, no plano narrativo de “Jogos vorazes”. A escritora estadunidense, a nosso ver, retorna ao *sobrenatural aceito* dos mitos e contos de forma a criar um universo distópico em que impera aquilo que chamamos de *maravilhoso científico-tecnológico*, no qual notamos a magia das possibilidades e do porvir, como os aerodeslizadores, um tipo de nave capaz de ficar invisível. Ao explorar o imaginário relacionado às descobertas e aos avanços da ciência e da tecnologia, Collins conduz seus jovens leitores a refletir sobre problemas que a preocupam, por exemplo, como essa mesma ciência e tecnologia podem ser usadas para oprimir uma população e como *o acesso e a falta de acesso* a recursos científico-tecnológicos podem, nos romances e na sociedade, aumentar desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Maravilhoso; Contemporaneidade; Literatura para jovens-adultos; Jogos Vorazes; Suzanne Collins.

¹Atualmente, desenvolve pesquisa em nível de doutorado, sob os auspícios da CAPES, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Unesp/São José do Rio Preto. É um dos líderes do grupo “Narrativas maravilhosas, míticas ou populares: da oralidade à Literatura”. E-mail: gui_amorais@hotmail.com

IMAGINÁRIO INFANTIL E CROSSOVER DE MUNDOS LITERÁRIOS

Henrique Sanches Duarte ¹

RESUMO: Tendo como premissa a capacidade infantil de acampar e atribuir personagens, histórias e cenários a sua imaginação, esta comunicação tem como proposta refletir sobre cruzamento, ou crossover, de mundos literários no imaginário infantil presente em obras contemporâneas e obras que, mesmo tendo sido publicadas no século passado, se utilizam ou conectam com o tópico presente. Entre as obras mencionadas estão, não somente os livros, como inclusive jogos de console, fanfics e filmes, sendo eles: *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Pica-pau Amarelo* (1939), de Monteiro Lobato; *O Fantástico Mistério da Feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira; *O Pica-pau Amarelo em Sítio do Pica-pau Amarelo* (2002), por Cininha de Paula e Paulo Ghelli; *Disney Heroes: Battle Mode* (2021), Disney e Pixar; *Kingdom Hearts* (2002-2019), Square Enix, Disney Interactive Studios. Além destas, pretende-se destacar também a utilização dessa ferramenta literária contemporânea nas diversas fanfics que habitam o mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário Infantil; Literatura Infantil; Mundos literários; Monteiro Lobato; Fanfics.

¹ Bacharel e Licenciado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019). Professor de Língua Inglesa na Escola Mais unidade Vila Mascote. E-mail: henriqueduarte17@hotmail.com

OS PERFIS *FAKES* DA LITERATURA E DO CIBERESPAÇO: CONCEPÇÕES DO IMAGINÁRIO EM FERNANDO PESSOA E A SEMIÓTICA DOS MEMES DA INTERNET

Isabella Tavares Sozza Moraes ¹

RESUMO: Fernando António Nogueira Pessoa: foi poeta, filósofo, dramaturgo, tradutor, astrólogo e é pertencente à geração Orpheu - considerado na literatura portuguesa, como um dos grandes nomes; traz em suas obras o caráter revolucionário e características unificadas com a criação de heterônimos. Foi o poeta mais conhecido pelo fenômeno da heteronímia – em que se traz a personalidade de pessoas criadas pelo autor, possuindo identidades, estilos filosóficos e literários, criações e motivações diversas. Por este motivo, se fossem criados hodiernamente na Internet, seriam considerados fakes, que geralmente são personalidades criadas por pessoas em redes sociais, que podem existir ou não no mundo virtual e real. Os memes, portanto, possuem a raiz grega mímese - que se refere à imitação - e serão utilizados como base secundária: utilizar-se-á memes a respeito do autor - por suas relações diretas com o autor, e síntese de suas obras, concepções de seus heterônimos – além de dialogar com a arte, cultura e o imaginário. Esta investigação consiste em uma pesquisa bibliográfica com base em livros e artigos sobre o tema e uso de memes hodiernos. Para análise dos resultados e das concepções do autor e dos memes, haverá a seguinte separação: para a pesquisa a respeito de Fernando Pessoa, haverá o estudo de concepções do imaginário, pautado pelo autor Michel Maffesoli. Para a análise dos memes, haverá concepções da semiótica, pautadas pelo autor: Charles Sanders Peirce. Os estudos e análises resultarão em uma concepção pluralista da temática abordada, além de contribuir para a observação e o diálogo entre as áreas de concentração.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; Heterônimos; Memes; Semiótica; Imaginário.

¹Graduanda em Letras (Universidade de Santo Amaro) - Técnica em Informática (Instituto Adventista de ensino); Residente Pedagógica - CAPES - Pesquisadora de IC. E-mail: isabellasoza@gmail.com

**IMAGINÁRIO DA MORTE PRESENTE NA LITERATURA DE
GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO**

Juliana Maria Martins ¹

RESUMO: A literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação do indivíduo, além de demonstrar que as narrativas são capazes de conciliar a invenção íntima do indivíduo com a ficção, sem perder a realidade. Quando adentramos no universo literário de Guimarães Rosa e Mia Couto é possível notar que ambos os escritores apresentam congruências universais em suas narrativas, especialmente quando se trata de contos que especificam a relação entre os vivos e os mortos, além de enfatizar a importância da memória social e tradição oral. Partindo deste ponto de vista, este trabalho buscou indagar a respeito dos traços comuns acerca do imaginário da morte presentes nos contos: “A menina de lá” do livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, e “O sonho do morto” do livro *A varanda do frangipani*, de Mia Couto, com base no método da literatura comparada. A partir desta análise, os resultados obtidos apontam que ambos os autores operam com a realidade social, criando diálogos culturais que representam tradições, crenças e costumes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Imaginário da Morte; Guimarães Rosa; Mia Couto.

¹Mestra em Ciências Humanas e Especialista em Arqueologia pela Universidade Santo Amaro (Unisa). Especialização em fase final em Anatomia Humana e Comparada (ICB-USP), com pesquisa no âmbito da paleopatologia em estudos arqueológicos. Licenciada em História pelo Centro Universitário da Estácio de Sá. Membro do grupo de pesquisa: Arte, Cultura e Imaginário e Estudos Interdisciplinares em Educação da Unisa. E-mail: egito811@gmail.com

OS MANGÁS E A CIBERCULTURA - AGENCIAMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA LINHA DE FUGA

Lion Santiago Tosta ¹

RESUMO: Considerando os estudos literários pertencentes a literatura juvenil, é notável o quanto as discussões sobre como a leitura e os interesses dos jovens em sua questão de identificação tem se transformado por conta das afetações dos diferentes dispositivos de entretenimento na sociedade, tais como os computadores, *tablets* e, principalmente, os *smartphones*. Todavia, esses dispositivos têm em comum a relação com a rede mundial de internet como meio de propagação da informação e do conhecimento. A partir desta característica, é importante se atentar a um fenômeno que ganhou destaque nos últimos vinte anos e de extrema importância na formação leitora dos jovens nas ciberculturas, merecendo destaque no panorama dos estudos literários no contemporâneo – os mangás. Literatura fundamental das culturas dos países de origem asiática, os mangás são um dos meios de transmissão de saberes, sejam eles de influência da tradição literária ou político sociocultural. A base de sua característica é a presença do texto e da imagem entrelaçados na forma de quadrinhos, que dão a forma e a marca de articulação da linguagem nas narrativas literárias deste gênero. Paralelamente, outro ponto fundamental que caracteriza o fenômeno dos mangás, é o fato deles se constituírem como uma literatura de mediação cultural de saberes literários em constante diálogo com as transformações das sociedades contemporâneas – sejam elas de origem oriental ou ocidental. Portanto, essa comunicação pretende discutir como o meio de veiculação dos mangás é um elemento chave para a difusão literária e como esse mecanismo social que poderia ser interpretado apenas como ilegalidade, cria uma linha de fuga (Deleuze; Guatarri, 2011), afeta e transforma as práticas do jovem no âmbito de tradução e consumo devido sua desterritorialização (Deleuze e Guatarri, 2017) como uma literatura menor (Deleuze e Guatarri, 2021) e desvia das normas excludentes do acesso à literatura no sistema capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Mangás; Cibercultura; Literatura Juvenil.

¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); pós-graduando (LATO) em Literatura para Infância - processos de criação, circulação e mediação contemporâneos na instituição Casa Tombada (FACON).

**OS SIGNOS POÉTICOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS NAS NARRATIVAS INFANTO-
JUVENIS DE MURUÉ SURUÍ E GECLÉSIO GUAJAJARA**

Lohanna da Silva Azevedo ¹

Luama Socio ²

RESUMO: O objetivo desta comunicação é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido a partir de estudos das obras de jovens autores e representantes oriundos de comunidades de povos originários. A proposta do mesmo vai ao encontro da necessidade de se discutir a importância da produção literária indígena atrelada à literatura infantojuvenil, ademais, que não se restringe somente ao público infantil. Murué Suruí e Geclésio Guajajara são jovens escritores indígenas que trazem em suas escritas, histórias de seus povos e cultura. O livro intitulado *História dos índios Aikewára*, escrito por Murué Suruí (2011) e ilustrado pelas crianças da tribo Aikewára, é composto por cinco narrativas curtas, contadas pelos mais velhos da aldeia. Já o livro *No tempo em que os animais falavam*, de Geclésio Guajajara (2019), é composto por quatro narrativas indígenas da tradição Tenetehara-Guajajara. O livro ainda conta com escritas em Língua Portuguesa e na Língua Guajajara, sendo então bilíngue. Na cosmovisão indígena e na maneira como eles se relacionam com a natureza é possível obter explicações e razões para todos os fenômenos naturais, até mesmo físicos. O que podemos absorver destes tipos de ensinamentos pode nos tornar indivíduos possuidores de um elevado grau de letramento cultural que nos permite acessar diferentes manifestações culturais existentes dentro e fora da sociedade urbana. Contribuíram teoricamente com este trabalho escritores como Ailton Krenak (2020), Daniel Munduruku (2012), Darcy Ribeiro (1970), Antônio Cândido (1988), Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura indígena; Literatura infanto-juvenil; Povos originários.

¹ Graduanda em Letras Português, com habilitação em Espanhol e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) Araguatins-Tocantins.

² Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2015). Professora na Universidade Estadual do Tocantins.

O ADVENTO DO PÓS-HUMANO E O IMAGINÁRIO NA PRODUÇÃO CULTURAL DE RECEPÇÃO JUVENIL

Maria Zilda Da Cunha ¹
Maria Auxiliadora Fontana Baseio ²

RESUMO: Se a Revolução Industrial provocou inovações, a Revolução Digital vem propiciando transformações, antes inimagináveis, aos processos de informação e comunicação, e está potencialmente mudando todas as esferas da sociedade no que diz respeito à vida humana, tanto em âmbito psíquico, quanto social e antropológico, desafiando-nos à compreensão das complexidades que esse novo contexto nos encerra. Entre os desafios está o de refletir sobre a condição do humano no contexto de sua época. Surgem conjecturas e hipóteses que se alinham para procurar entender, nesta contemporaneidade, as transformações que está sofrendo e potencialmente sofrerá. Nesse sentido, as problemáticas não só colocam sob foco as descobertas das ciências, as invenções tecnológicas, mas, por extensão, colocam o corpo humano sob interrogação. Máquina e organismo, antes domínios apartados, parecem aproximar-se, pondo em questionamento a vida ou sua permanência, em face da inexorabilidade da morte. Nesse sentido, o imaginário cumpre seu desígnio na organização de uma lógica de sentimentos, de pensamentos e de motivações para ações capazes de reconfigurar o humano. As artes em geral constituem terrenos férteis para a expressão desse imaginário. Reconhecidamente, a literatura, o cinema, bem como outras formas da produção cultural de recepção juvenil constituem-se como vasto território inclinado para essas manifestações ficcionais do pós-humano. Nesse universo imaginário, proliferam robôs e todo o tipo de engenhos tecno-mecânicos cada vez mais digitais. Não raro, as fronteiras do humano (à escala do jovem, como é evidente) e do pós-humano se esbatem a favor de criaturas fantasiosas, como é muito típico dos imaginários densos. É sob a perspectiva da semiótica peirceana, que perscruta semioses como dinâmica viva de processos criativos e intelectivos, que nos propomos a examinar algumas figurações desse universo do pós-humano, notadamente, em duas produções culturais endereçadas ao público juvenil: *WALL-E*, película americana lançada em 2008, ganhou Oscar de melhor filme de animação em 2009, sendo dirigida por Andrew Stanton e Alan Barillro, e *L3.0*, animação francesa de 2014, produzida e dirigida por Alexis Decelle, Cyril Declercq, Vincent Defour e Pierre Jury.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; Pós-humano; Produções de recepção juvenil.

¹ Professora doutora na Universidade de São Paulo nas áreas de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e de Literatura Infantil e Juvenil. Doutora em Letras, Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa - pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em Estudos Portugueses e Lusófonos no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal (2018) e Pós-Doutorado em Ciências, Educação e Humanidades pela UER (2016); é líder do grupo de Pesquisa (CNPQ): Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens, vinculado à Universidade de São Paulo. Editora da Revista Literartes (revista científica do GPPLCCJ).

² Professora no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA) e na Faculdade Rudolf Steiner (FRS- São Paulo); pós-doutorado em Estudos Portugueses e Lusófonos no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal; Doutora em Letras Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

**NARRATIVA MÍTICA GUARANI MBYA: A ANTA E A TARTARUGA
(MBORE HA'EGUE KARUMBE)**

Marília Gomes Ghizzi Godoy ¹
Ida Carneiro Martins ²

RESUMO: A narrativa “*A anta e a tartaruga*” está registrada no contexto da formação de material didático para a escola indígena. O enredo desenvolve-se por meio de um diálogo entre a natureza e a cultura em que os animais ganham representatividade expressiva do *nhandereko* (modo de ser). A distância e os limites da vida animal em relação à vida humana descobrem-se por meio de um percurso próprio de ação e conhecimento expressivo do xamanismo. Estruturando-se miticamente, o conto reúne experiências diversas em que se unem a narradora, os personagens, os ouvintes e os educadores no mesmo empenho de salvaguardar a memória por meio da expressão da oralidade como estratégia para educar as novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Guarani Mbya; Narrativa A anta e a tartaruga; Oralidade; Memória; Mito.

¹ Mestra em Antropologia (USP) e Doutora em Psicologia Social (PUC/SP); docente do Programa de Mestrado em Ciências Humanas da UNISA (área interdisciplinar).

² Docente no Programa de Pós Graduação em Educação e Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais - UNICID.

**A ARTE NARRATIVA NA PEDAGOGIA WALDORF:
MITOLOGIA NÓRDICA, IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO**

Melanie Mangels Guerra ¹

Maria Auxiliadora Fontana Baseio ²

RESUMO: O desenvolvimento do pensar vivo, do sentimento e da vontade são atividades fundamentais para a formação da criança. De acordo com o currículo proposto por Rudolf Steiner para o Ciclo Fundamental, as narrativas, contadas desde a mais tenra idade, propiciam esse amadurecimento, uma vez que vinculam o aluno a suas vivências interiores, bem como com o meio social e cultural, favorecendo uma educação para a liberdade. Nesse sentido, apresenta-se esta comunicação com o objetivo geral de trazer reflexões sobre as contribuições das narrativas da Mitologia Nórdica para o processo de formação do aluno, especificamente da criança de dez anos. Os objetivos específicos são destacar os benefícios da arte de narrar; apresentar as narrativas como um corpo vivo de imagens arquetípicas da humanidade; discutir a presença da Mitologia Nórdica no currículo do Ensino Fundamental Waldorf, sobretudo o do quarto ano, e sua visceral ligação com as qualidades atreladas ao amadurecimento da criança; analisar um excerto da Mitologia Nórdica correlacionando com o processo de individualização da criança. As questões que norteiam esta pesquisa são: de que maneira a mitologia nórdica dialoga com a fantasia e com o processo formativo da criança? De que modo imagens primordiais provocam um movimento interno de vivências? Por que o professor de Ensino Fundamental precisa valorizar a arte de narrar Mitologia Nórdica e outras mitologias para as crianças de dez anos de idade? A fim de encontrar respostas para essas questões, realizaremos pesquisa bibliográfica, fundamentada teoricamente nos estudos de Rudolf Steiner, bem como de outros autores que apresentam reflexões afins e diálogos possíveis no campo das narrativas, dos estudos de mitologia e do imaginário, tais como Marcos Ferreira-Santos, Walter Benjamin, Gusdorf, Uelhi. O *corpus* que favorecerá a análise circunscreve-se às passagens narrativas “Do freixo de Yggdrasil” e a iniciação de Odin, ou a inauguração da linguagem, em razão de oferecer possibilidades interpretativas do tema a ser explorado.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Mitologia Nórdica; Educação.

¹ Mestre pela Faculdade de Educação da USP. Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela USP. Diretora da Faculdade Rudolf Steiner e Diretora da Federação das Escolas Waldorf no Brasil. E-mail: melanie.guerra@frs.edu.br

² Doutora pela FFLCH-USP, com pós-doutorado na Universidade do Minho (Portugal); docente dos cursos de graduação e pós-graduação da FRS; coordenadora de pesquisa da FRS; docente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA e líder do grupo de pesquisa Arte, Cultura e Imaginário. E-mail: maria.baseio@frs.edu.br

HISTÓRIAS INFANTIS TRADICIONAIS E REPRESENTAÇÕES DAS NORMAS MORAIS: CÓDIGOS DE PENSAMENTO E AÇÃO

Paulo M. Barroso ¹

RESUMO: As histórias infantis tradicionais revelam moralidade; abordam valores, regras de conduta e temas/problemas sociais fundamentais para a formação de códigos de pensamento e ação. As histórias fomentam a ativação de pensamento, conceitualização, problematização e significação, bem como reflexão e formação de valores, princípios e dilemas morais (e.g. é correto mentir por uma boa razão ou causa?). Seguindo uma estratégia exploratória sobre o papel da leitura, compreensão, análise e interpretação da moral na literatura infantil, pretende-se: a) analisar os modos de formação, significado e transmissão do pensamento moral nas crianças através das histórias; b) discutir as diferentes formas de manifestação da eticidade/moralidade e de expressão da experiência ética na literatura infantil. Como aplicar, compreender e pensar criticamente conceitos abstratos e morais (e.g. bem/mal, liberdade, verdade, direito ou justiça)? As crianças questionam a liberdade de Branca de Neve, identificam “ações erradas” de Capuchinho Vermelho, mas também questionam se é certo o que os pais e educadores dizem ou se é certo só porque eles dizem. Todavia, a moralidade de *O Gato das Botas* confunde o justo e o injusto. O gato engana para conseguir seus objetivos. Qual é o cabimento pedagógico em narrar um protagonista desonesto praticando o “errado” num final feliz? Este caso paradoxal não diminui os benefícios de uma literatura infantil que se aproxima dos fundamentos de uma filosofia primordial, quando pretende i) desenvolver a dimensão crítica, criativa, lógica e ética do pensamento; ii) inter-relacionar o pensar, falar e agir; e iii) promover atitudes e comportamentos de valor.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipo; História Tradicional; Literatura Infantil; Norma Moral; Pensamento Moral.

¹ Professor de Semiótica no Instituto Politécnico de Viseu (Portugal). E-mail: pbarroso@esev.ipv.pt

A MATÉRIA ESCURA DA IMAGINAÇÃO: O SUJEITO FRATURADO E O NÃO-EU NA TRILOGIA *FRONTEIRAS DO UNIVERSO* DE PHILIP PULLMAN

Valter Henrique de Castro Fritsch ¹

RESUMO: O Romance de Fantasia tem ocupado um lugar de destaque na cultura contemporânea e na produção literária para crianças e jovens leitores, especialmente pela forma como lida com a tensão entre a realidade do nosso mundo concreto e a possibilidade de mundos alternativos. O presente trabalho aborda a trilogia *Fronteiras do Universo* do autor britânico Philip Pullman para provocar uma discussão dos limites da imaginação e entendê-la como a matéria escura daquilo que é real, tangível e comprovável. Pullman parece entender essa tensão entre a imaginação e a razão e, em sua trilogia, cria um mundo ficcional no qual várias realidades imaginárias coexistem – dimensões paralelas – que se sobrepõem umas às outras, apresentando pontos de contato e de dessemelhanças. A matéria negra a que o título deste trabalho faz menção é objeto de estudo da física contemporânea, mas também está presente na epígrafe que abre o primeiro romance da trilogia – *A Bússola de Ouro*. Ao mencionar os versos do épico *Paraíso Perdido*, “A não ser que o poderoso criador lhes ordene/Seus materiais obscuros para criar mais mundos” (MILTON, *Paraíso Perdido*, Livro II), Pullman não apenas demonstra sua clara intenção de retomar o tema miltoniano da queda do homem, como se propõe a reencená-la em um Romance de Fantasia que mistura ciência, filosofia e teologia para explorar o potencial criativo da matéria escura da sua própria imaginação. E, se para a física, a matéria escura pode ser uma das explicações para a contínua expansão do universo, Pullman não deixa dúvidas de que uma imaginação potente pode entretecer diferentes realidades para (re)apresentar pontos de vista e colocar em xeque certezas filosóficas. É também de interesse deste trabalho problematizar a fratura do sujeito e o conceito de *não-eu*, tal como estes se insinuam na obra de Pullman, tecendo uma leitura crítica com os fios da teoria literária, dos estudos do imaginário, da psicologia analítica e da filosofia Zen oriental.

PALAVRAS-CHAVE: Romance de fantasia; Imaginação; Philip Pullman; *Fronteiras do Universo*; Literatura Juvenil.

¹ Doutor em Estudos Literários com ênfase em Literaturas de Língua Inglesa (UFRGS). Professor de língua e literatura inglesa do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor do PPGLETRAS FURG. Realizando estágio de pós-doutoramento (UFRGS) sob supervisão da Profa. Dra. Regina Zilberman. E-mail: valter.fritsch@yahoo.com.br

8 MESAS-REDONDAS

Quarta-feira, 10 de novembro de 2021 – 18h às 21h

Link: <https://youtu.be/D3ML5HRMmVA>

MESA 1: PALAVRA E IMAGEM: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Pela porta do coração

Regina Rennó | Artista plástica, ilustradora, escritora, roteirista e diretora de cinema. Formada em Artes Plásticas pela Fundação Escola Guignard e em Cinema pela Escola Livre de Cinema de Belo Horizonte, tem cerca de 50 livros publicados.

MESA 2: AS MUITAS FACES E IDADES DO HORROR

O insólito e o medo na construção das ausências no curta-metragem *Vinil Verde*, de Kleber Mendonça Filho

Maria de Lourdes Guimarães | Doutora na área de Estudos Comparados pela FFLCH-USP. Integrante do GPPLCCJ, produtora cultural e jornalista.

O arretado golpe de horror: oralidade e *performance* em *Maldito Sertão*, de Márcio Benjamin

Oscar Nestarez | Escritor e doutorando em Estudos Comparados pela FFLCH-USP.

William e Mary: a troca de lugar entre vítima e alcoz em um conto de Roald Dahl

Valquiria Pereira Alcantara | Mestre em Letras, área de Estudos da Tradução (TRADUSP), doutoranda do Programa de Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA), área de Estudos da Tradução. Professora de língua inglesa da Faculdade de Tecnologia de São Paulo.

MESA 3: CONTOS DE FADAS E QUESTÕES AUTORAIS

Autoria, tradução e refração: as diversas facetas da subcriação de estórias

Cristina Casagrande | Doutoranda e mestre em Estudos Comparados pela FFLCH-USP, integrante do GPPLCCJ.

Hans Christian Andersen em prefácios: suas notas para “Contos de fadas e histórias ligeiras”

Lígia Menna | Doutora com pós-doutorado na área de Estudos Comparados pela FFLCH-USP, docente da UNIP e integrante do GPPLCCJ.

Quinta-feira, 11 de novembro de 2021 – 18h às 21h

Link: <https://youtu.be/4xLzZWchJDI>

MESA 4: LITERATURA E SUAS MATERIALIDADES

**Linguagens gráficas narrativas: pontes entre o livro ilustrado
e as histórias em quadrinhos**

Luara Almeida | Doutoranda e Mestre em Literatura e Crítica pela PUC-SP.

Texto literário de infância e o leitor infantil

Maria José Gordo Palo | Professora Doutora Associada da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

MESA 5: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: LINGUAGENS DO IMAGINÁRIO

O imaginário natalino em produções para crianças e jovens: o caso do Papai Noel

Bruno Anselmi Matangrano | Prof. Doutor da Universidade Federal de Pelotas.

**O imaginário natalino em produções
para crianças e jovens: o caso do Quebra-Nozes**

Luciane Alves dos Santos | Profa. Dra. da Universidade Federal da Paraíba.

MESA 6: LITERATURA, HUMANIZAÇÃO E EXTREMO: MOVIMENTOS DE RESGATE E SOBREVIVÊNCIA

**Infâncias em situação-limite e (trans)formação do leitor literário: diálogos entre Jorge
Amado e Conceição Evaristo na sala de aula**

Joana Marques Ribeiro | Doutora e mestre em Estudos Comparados pela FFLCH-USP.

Sobrevivi? Uma leitura do mangá Hiroshima: a cidade da calma

Luciana da Paula | Mestre em Estudos Comparados pela FFLCH-USP.

Ressignificações contemporâneas do Holocausto no conto A fortaleza sem muros

Luciane Bonace | Pós-doutoranda em Estudos Comparados pela FFLCH-USP.

Sexta-feira, 12 de novembro de 2021 – 18h às 21h

Link: <https://youtu.be/9NWfOLUtXQM>

MESA 7: EXPRESSÕES DO FEMININO: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E AUDIOVISUAIS

Palavras e contornos de Sherazade nas adaptações para o público infantil e juvenil

Dayse Barbosa | Doutoranda e mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela FFLCH-USP e integrante do GPPLCCJ.

Infelizes para sempre: uma análise da série *Fallen Princesses*, de Dina Goldstein

Goimar Dantas | Jornalista e escritora. Doutoranda em Estudos Comparados, FFLCH-USP. Integrante do GPPLCCJ.

A Cuca e seus assombros: uma abordagem do feminino

Sandra Trabucco Valenzuela | Doutora e Pós-Doutora em Literatura pela FFLCH-USP, escritora e tradutora, docente do ensino superior, é pesquisadora integrante do GPPLCC.

MESA 8: AS NARRATIVAS NO PALCO: O TEATRO E A DANÇA COMO MEIOS DE CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

O teatro e a construção do imaginário

Ana Julia Marko | Graduada, mestre e doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) em Pedagogia do Teatro sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Pupo.

A dança e a construção do imaginário

Esmeralda Gazal | Formada pela Escola Municipal de Bailado de São Paulo, graduada em Dança e Pedagogia, pós-graduada em Metodologia do Ensino das Artes e Mestre em Formação de Professores.

MESA 9: LITERATURAS AFRICANAS PARA CRIANÇAS E JOVENS DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mundos de ficção e figuração de personagens em *A história de João Gala-Gala*, de Pedro Pereira Lopes e *Chico António*, ilustração de Luís Cardoso

Flávio Garcia | Professor titular da UERJ, dedicado aos estudos narrativos, com ênfase na macroestruturação dos mundos de ficção, especialmente dos mundos do insólito ficcional nas literaturas brasileira, portuguesa e moçambicana, com privilégio para as obras de Murilo Rubião, Mário de Carvalho e Mía Couto.

9 ENCERRAMENTO E PEÇA TEATRAL

Sexta-feira, 12 de novembro de 2021 – 21h

Prof.^a Dr.^a Maria Zilda da Cunha

Link: <https://youtu.be/9NWfOLUtXQM>

Peça teatral: “O que sou eu?”



**O QUE SOU
EU?**

Texto original: Cristina de Oliveira

Atrizes:
Carol Xavier
Selma Scuro

28 de Novembro | 18h
Apresentação Teatral Online

No canal do YouTube: Comunicart & Cia
<https://youtu.be/abv0d7vP98c>

Produção: @comunicartecia

Teaser disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UbtsMy6mX98>



**10 VÍDEO DO GRUPO DE PESQUISA PRODUÇÕES CULTURAIS PARA CRIANÇAS
E JOVENS 2021**



**Vídeo do Grupo de Pesquisa
Produções Culturais para Crianças e Jovens 2021**

<https://youtu.be/uEdp6kH6TlQ>

